

Olivier, Olivier
estréia hoje no
Cine Brasília

PÁGINA 2

2
Jornal do Brasília

BRÁSILIA, DISTRITO FEDERAL,

SEGUNDA-FEIRA, 28 DE MARÇO DE 1994

As principais
atrações da semana
na televisão

PÁGINA 5

Desencontro com Manoel

COM MAIS 70 DE ANOS, O MAIOR POETA BRASILEIRO VIVO CONTINUA CRIANDO COM DESTREZA DE MESTRE E AUDÁCIA DE MENINO

SEVERINO FRANCISCO

Este início de 94 marcou o lançamento de um dos melhores textos de poesia publicados no Brasil nos últimos anos: *O Livro das Ignorâncias*, do mato-grossense Manoel de Barros (Ed. Civilização Brasileira). Exilado no Pantanal, à deriva dos modismos e lobbies, Manoel vem construindo uma das mais sólidas e inventivas obras da literatura brasileira, só comparável a de um Carlos Drummond de Andrade ou um Guimarães Rosa. Aos 70 e lá vai fumaça permanece tarado por poesia, criando com a destreza de um mestre e a audácia de um menino. Ele parece aquele gato de *Alice no País das Maravilhas*, que desaparece e só deixa o riso solto no ar. Não seria exagero afirmar que Manoel de Barros é, hoje, o maior poeta brasileiro vivo. Em entrevista ao **Caderno 2**, respondida por escrito, Manoel fala sobre o delírio do vergo, inutensílios, o encontro com Rimbaud, iluminações da poesia: "A minha posição é muito desmarcada — avisa o poeta. Eu só marco desencontros: e vou a todos".

Jornal de Brasília — **Em que momento se sentiu poeta? Algum Anjo torto olhe soprou: — vai Manoel fabricar inutensílios na vida — ou coisa parecida?**

— Manoel de Barros — Durante 80 anos um louco de beco e estandarte ficou esperando eu nascer. Errou pelas



Paulo Cabral

nossa Etelvina do samba, os trastes da sociedade ganharam importância. Os anti-heróis dominam as grandes obras do século XX. A nossa sensibilidade se alimenta do povo, dos seres desimportantes. Cristo, São Francisco, Marx e outros pregaram o amor pelos pobres. Trato bem com os rebotalhos. Não escolhi as pobres coisas do chão, premeditadamente, pará meu tema. Nascei neste século e a minha sensibilidade se impregnou dos seus ideais: fazer o desprezível ser prezado. Meu olho unge o chão. Eu queria consagrar de minhas palavras a escória, e o rebotalho humano. É uma coisa cristã e humana: se a gente olhar para baixo estará se elevando. Será por isso a frase do Marcelo, que a minha poesia cristianiza o olho? Se eu conseguisse com a minha poesia iluminar o cisco — seria uma glória! Que seja nas desgraças que meu olho pouse, místico das desgraças.

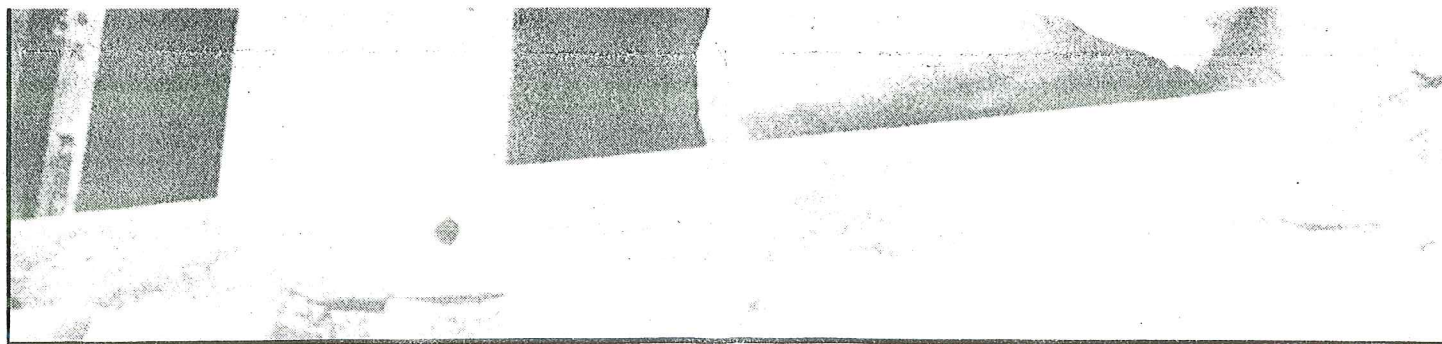
— Nietzsche estabeleceu uma polémica com Flaubert afirmando que só tem valor o que se pensa e escreve andando. Em seus últimos livros você tem evocado bastante a figura do andarilho. Você concorda com Nietzsche ou a sua trilha é outra?

— Andarilho é um ser que não tem rumo nem parada. Dorme debaixo do chapéu. Sempre está livre pra não escolher. Conheço de amizade muitos andarilhos. Seus descaminhos são fartos e sortidos. De não falarem nos di-

inutensílios na vida — ou coisa parecida: — Manoel de Barros — Durante 80 anos um louco de beco e estandarte ficou esperando eu nascer. Errou pelas casas do Beco do Urubu, a tocar violão, a fazer trovas tortas. Seu cujo apelido era Neco Caolho, porque via de atravessado. Era tão conhecido como arroz-de-festa. Nas minhas antecedenças eu o vejo me esperando nascer. Penso que venho do torto de suas trovas e de seus becoss. (Dentro daqueles becoss luars também se entortavam). Contam que esse parente meu se ocupava de inutensílios. Apregoava urinóis enferrujados. Isso me lembra *O Apregoador de Pregos Enferrujados* de Rabelais, errando nas ruas de Paris. Para eles, apregoar urinóis ou pregos enferrujados eram atividades seríssimas. Ao propor seus urinóis em Praça Pública, Seu Neco Caolho perorava como se estivesse ocupando uma cadeira em algum sodalício. É comum nos artistas um encosto de loucos vindos de antecedenças. A Noiva Azul, de Chagall, deve ter vindo de algum ancestral do pintor. A *Caixinha de Guardar Besouros Abstêmios*, que eu fabriquei um dia, também deve ter vindo daquele meu ancestral. O *Alar-me Para Silêncios*, idem. Não sei dizer no certo quando me tornei fabricante de inutensílios. Mas deve ter sido de longe. Desde Seu Neco Caolho. Ele tinha uma voz de harpa destrocada.

— **O Livro das Ignorâças pressupõe um estado de inocência primeira. Você suou a camisa para chegar até ele? Só é possível chegar a esse estado através da poesia? Quem foram seus professores?**

É um dos estados de poesia, a inocência. Li em 1959, ou por volta de, um livro de Paul Klee, em que ele contava do esforço que fizera para readquirir os traços da inocência. Ele estava cansado de escolaridades, de teorias e de Bauhaus. Queria aprender a errar de novo. Andou de pitecantropus aos seres anônimos do povo e chegou às crianças. Encheu seu dicionário de garatujas e passou a saber. Adquiriu por esse caminho uma técnica perfeita. Ao tempo dessa leitura de Klee, eu andava explorando as sintaxes vesgos de um filho meu de cinco anos. Ele dizia coisas assim: Pai, *eu vi o cheiro* de um peixe. Ou: *Eu escutei a cor* de um passarinho. Suas percepções sensoriais se misturavam. Ouviam a cor. Enxergavam o cheiro. Depois, no colégio, a gente vai aprender o nome dessas artes: são sinestésias, são metonímias, são oxomoros. A ignorância inventa linguagens. O poeta retira dessas fontes promíscuas, muitas vezes, a sua poesia. Costumo dizer que eu não procuro os meus caminhos. São os caminhos que me procuram. E nós ficamos a dever.



"Faço uma poesia pregada no Ser. Só as coisas rasteiras me celestam", afirma o poeta mato-grossense Manoel de Barros

TRECHOS

No descomeço era o verbo
Só depois é que veio o delírio do verbo
O delírio do verbo estava no começo, lá
onde a criança diz: Eu escuto a voz dos
passarinhos.
A criança não sabe que o verbo escutar não
funciona para cor, mas para som.
Então se a criança muda a função de um
verbo, ele delira.
E pois.
Em poesia que é voz de poeta, que é a voz
de fazer nascimentos —
O verbo tem que pegar delírio.

Para entrar em estado de árvore é preciso
partir de um torpor animal de lagarto às
3 horas da tarde, no mês de agosto.
Em 2 anos, a inércia e o mato vão crescer
em nossa boca.
Sofreremos alguma decomposição lírica até
o mato sair na voz.
Hoje eu desenho o cheiro das árvores.

Não tem altura o silêncio das árvores

Poesia é voar fora da asa

Um girassol se apropriou de Deus: foi em
Van Gogh

— **Em seus versos você insiste na idéia de que a poesia pertence ao campo das inutilidades. Mas a poesia não produz muito mais conhecimento existencial, sensorial e material do mundo, do que a simples erudição?**

— Poesia é muito cheia de mistério para chegar a ter utilidades. Pode ser brinquedo de namorar. Rumor de luz sobre as cores. Pode ser a inauguração de alguma linguagem. Gosto bom de fazer tristezas, etc. Mil coisas sem préstimo a poesia pode ser. Mas quando eu falo que a poesia é um inutensílio é porque ela não tem um valor extrínseco. Um valor que nem feito um arame, um pilão, um liquidificador, um lupanar, um pente. Poesia só tem valor intrínseco. Só carrega (só?) a essência do homem. É muito intumescida de nossos mistérios. Não serve pra nada.

Só pra ficar iluminante. Só? Além de tudo é o começo de todos os conhecimentos.

— **O que marcou seu aprendizado de poeta? Sem a carga de informações sobre poesia e arte que você tem, acredita que esses materiais ínfimos de sua poesia entrariam "em estado de decomposição lírica"? Como foi o seu encontro com Rimbaud?**

— Conheci a poesia de Rimbaud com 17 anos. Eu vinha de um colégio de padres, onde passara 10 anos interno aprendendo regras e imitando hábitos. Estava latente que eu precisava desobedecer as filas, andar por desvios, "pisar na grama" como aconselhava o nosso saudoso Rubem Braga. Rimbaud logo me ensinou o desregramento de todos os sentidos. Achei logo que desobedecer às gramáticas

Edição esmerada para o livro do grande poeta

O *Livro das Ignorâças* teve uma edição especial de 300 exemplares em papel couché, realizada pelo empresário e bibliófilo paulista José Mindlin. Anteriormente, o mesmo Mindlin publicou textos de João Cabral de Melo Neto e Carlos Drummond de Andrade, que estavam fora do circuito comercial. A edição especial do *Livro das Ignorâças* não tem ilustrações. Manoel de Barros costuma escrever e reescrever poemas inúmeras vezes, mas não se preocupa com o tratamento gráfico dos seus livros. Daí, a idéia de se fazer uma edição esmerada da poesia de Manoel de Barros. O projeto gráfico é de autoria de José e Diana Mindlin.

seria o primeiro passo. Perverter as sintaxes ajudava muito. Isso me preparava para enfrentar o estado de decomposição lírica. Aquela decomposição lírica era a flor de uma abulia vegetal em mim. A inércia gerava o apodrecimento. E desse apodrecimento brotava a poesia do ínfimo. Faço uma poesia pregada no Ser. Só as coisas rasteiras me celestam.

— **A sua poesia realiza uma iluminação da natureza e da escória, que evoca algum tipo de misticismo, você se considera um místico?**

— Um jovem poeta de São Paulo, Marcelo R. Furtado, me escreveu hoje: "A sua poesia cristianiza o olho". Sera por que meu olho vê o cisco? E trata com os trastes da sociedade? Penso que existe uma aura de ralo nos artistas deste século. Desde Charles Chaplin com os seus vagabundos até a

chapéu. Sempre está livre pra não escolher. Conheço de amizade muitos andarilhos. Seus descaminhos são fartos e sortidos. De não falarem nos dizem muito mais. Gostam de coisas que ainda não tenham feito. Pois delas podem fazer uma frase, uma lata, um ocaso. São mais fundamentais do que uma pedra. Conseguem não se explicar em todas as situações. Não são pessoas de compêndios. Voltaram as costas para o mundo. Sabem eles que andando devagar atrasam o final do dia. E que andando depressa, diminuem. Por isso nem se perturbam e nem se pretendem. Neles o chão desagera. Sou mais afeiçoado aos andarilhos daqui, que cortam por brejos de um mar extinto: o abandono os protege. Andaleço, um de tal, outro dia profetizou: "As águas mudarão dos rios para os vidrinhos, se os homens não respeitarem a natureza". Isso ele falou andando. Concordo com Nietzsche. Toda a ausência de rumo indica uma desejo de ser livre. Não respondo às perguntas ao fio do prumo? Nietzsche ainda disse: O Homem é um rio turvo.

— **Hoje é quase impossível negar que você seja o maior poeta vivo do Brasil. Entretanto, o seu universo poético está circunscrito aos videntes do Pantanal. Por que o seu sentimento do mundo não passa mais pelo mundo urbano? Por que o trote urbano não te excita para a poesia?**

— Meu mister de poetar não compreende expor idéias nem sentimentos da cidade ou do campo. Mexo com palavras. Gosto de amá-las. Tenho até relações eróticas com várias. Hoje uma palavra abriu o roupão pra mim. Vi tudo dela. Os laínhos da estradura. Uma escova alta e fofa, de pelos escuros. Nisso sou um voyeur. Mas, não me encostei à natureza por convicção. Não fiz propósito de ser um poeta do meu pequeno quintal. Estar circunscrito a um pequeno quintal não acho que seja uma prisão. Importante é tirar matizes novas do mesmo assunto. Também penso um negócio que às vezes compensa. Compensa essa estreiteza do pequeno mundo. Resulta que uma das maneiras de se criar um estilo é não ter quase nada para contar. A gente precisa tirar o suco só das palavras. Meia dúzia de obsessões repetidas ao sangue pode criar um estilo. Quem tem muitas idéias para expor, não acha tempo para expor-se. É preciso ser pobre de idéias para o artista aparecer. Precisamos de sempre chegar às mesmas coisas por caminhos diferentes. Eu só quero me ser. Se a gente olhar para muito longe, e meditar — acaba se conformando com os vazios. A minha posição é muito desmarcada. Eu só marco desencontros: e vou a todos.

Manoel de Barros sai do Pantanal por escrito

ANTONIO GONÇALVES FILHO
Da Reportagem Local

A nona sinfonia do poeta Manoel de Barros, 72, chegou ontem às livrarias. Chama-se "O Guardador de Águas". Em verdade, não é uma sinfonia como a "Corál" de Beethoven, um dos compositores preferidos do poeta, mas o nono livro de uma série lírica que começou com "Poemas Concebidos sem Pecado", em 1937, e permanece incompleta até hoje na estante do autor. Ele não sabe onde deixou o exemplar de "Face Imóvel", que deve ter sumido num daqueles dias conturbados da Segunda Guerra, em 1942.

Quem tem o livro raro o esconde como um segredo íntimo. São poemas preciosos que devem ser guardados com o mesmo cuidado de quem transporta água no deserto. Avesso à publicidade, Manoel de Barros optou pelo exílio no mundo dos bichos. Nem assim conseguiu impedir que jornalistas o incomodassem com perguntas impertinentes. A invasão ao planeta das lesmas e "palavras que amanhecem entre aves" já têm até aliados na imprensa estrangeira. Descoberto pela sofisticada revista espanhola "El Paseante", que dedicou seu número 10 ao Brasil, Manoel de Barros passou a ser importunado também por editores brasileiros.

Ninguém parece se conformar com a modéstia de um dos maiores poetas que este país já conheceu. Um editor de prestígio no mercado tentou convencer Manoel de Barros a publicar uma antologia. Ele recusou a oferta, preferindo ceder os originais de "O Guardador de Águas" a uma pequena editora, Art, que produziu um livro extremamente simples para o seu conteúdo. Manoel de Barros também resistiu à proposta de uma entrevista —em casa ou por telefone. Gentilmente solicitou que a Folha enviasse as perguntas por escrito. Abaixo, a íntegra dessa entrevista.

★

Folha — Por que esse deliberado isolamento dos círculos literários e dos grandes centros?

Manoel de Barros — Não há, nunca existiu, deliberado afastamento. Quando meu pai morreu, em 1949, ficou-me de herança umas terras no Pantanal de Corumbá.

Não sou biografável. Ou, talvez seja. Em três linhas.

- 1 - Nasci na beira do rio Corumbá.
- 2 - Passei a vida fazendo coisas inúteis.
- 3 - Aguardo um recolhimento de conchas. (E que seja sem dor, em algum banco de praça, espantando da cara as moscas mais brilhantes).

Manoel de Barros

das fontes; seus arcanos. Desses grandes poetas, que admiro e leio com devoção, eu não faria análise nunca. Nem comparativa. Primeiro porque não sei decompor. Segundo: não tem segundo. A grande poesia há de passar virgem por todos os seus estupradores. Pode ser amada, nunca analisada. Hoje eu fiz uma palavra amanhecer entre aves. A frase não diz nada. Mas tem um toque insueto a comparações.

Folha — A física moderna, particularmente a mecânica quântica, se apropriou —indevidamente ou não— da linguagem poética, propondo equações com termos vagos tais como número quântico de estranheza. Como o senhor vê essa apropriação?

Barros — Um desvio no verbo pode produzir um assombro poético. E isso eu bem sei como funciona. Sou da família. O comércio mais íntimo com as palavras me ensina. Sei que urdir conotações dementes é saudável para a poesia. Agora eu não sei se a quântica aceita isso sem atolar na pedra. Abraçado no peixe o silêncio da cobra nem falava! Fico pensando, se a quântica aceita esse silêncio acima. Tenho medo. Acho que a quântica pode acabar tirando dos poetas um dos seus mais doces privilégios —que é o de exercer idiotices. E acrescento um pouco

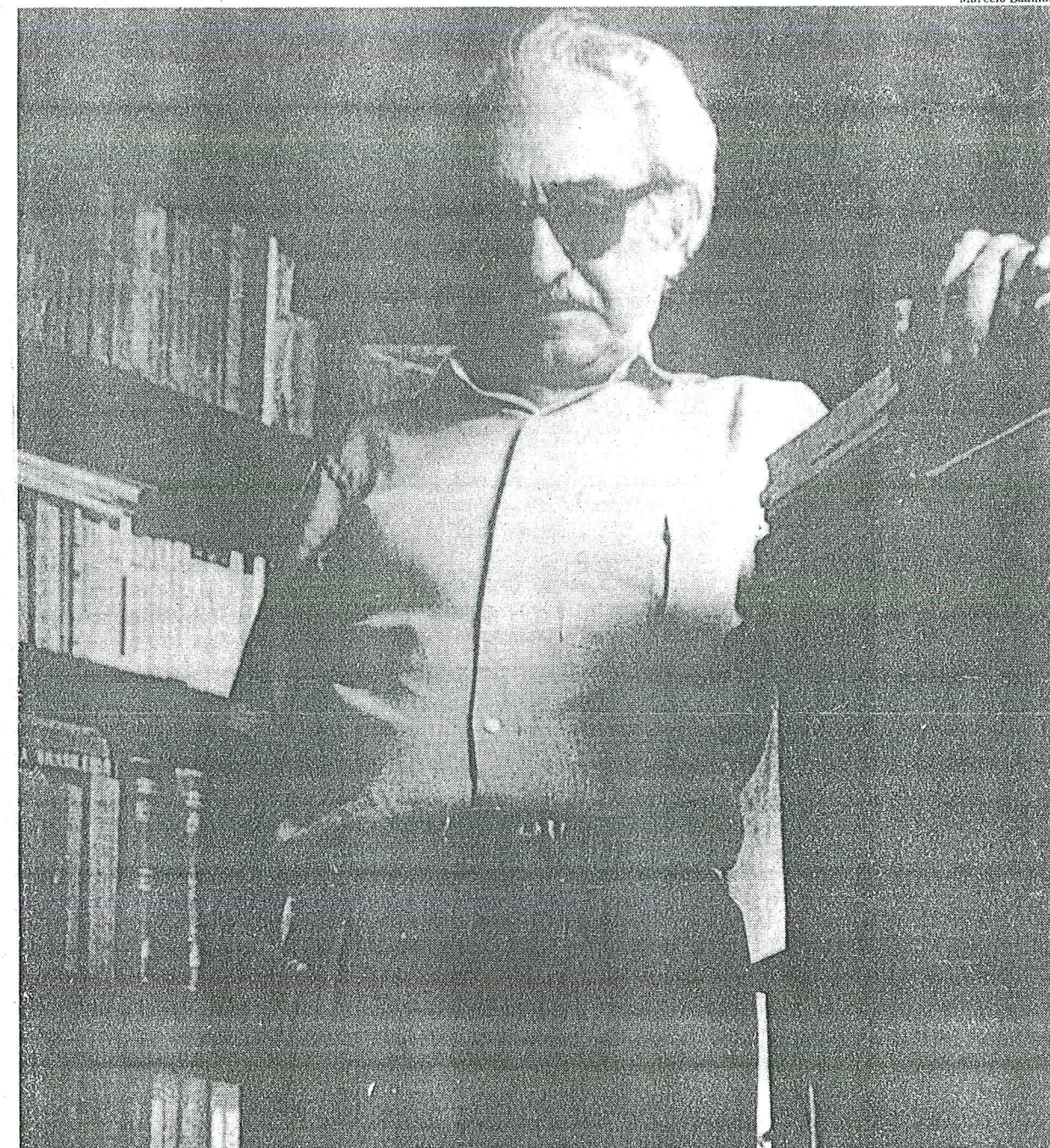
Gilberto Freyre, ainda vai dar canga-pés nos ribeiros, por muitos séculos. Nossos centros urbanos ainda não proibem rio de correr e de ter peixes. E nem irão proibir que relvas cresçam nas encostas dos morros. Ou que as relvas cubram os lábios do chão. Água e chão amorosamente entram-se. O poeta se escura em natureza. E será um escravo da terra, fisiologicamente. Sendo essa uma escravidão redentora.

Folha — O senhor costuma dizer que os poetas arejam a linguagem. Ainda é possível atribuir ao poeta uma tarefa tão árdua dentro de um sistema de signos cada vez mais incompreensíveis?

Barros — Falava de uma linguagem de onde a sintaxe não foi abolida. Arejar seria fazer casamentos novos entre as palavras. Buscar contiguidades anômalas. Enverbar as insânias. Derrubar talvez das frases um pouco do insigne e lhes enfiar o ordinário dentro. Enfiar o idioma nos mosquitos —me repetindo.

Folha — Entre o singularmente ordinário e o insigne, o senhor costuma dizer que prefere o ordinário, arrematando que a poesia não é para ser compreendida, mas incorporada. Devemos então incorporar o ordinário?...

Barros — Entre o poeta e a



O poeta matogrossense Manoel de Barros em sua biblioteca na fazenda, que fica no Pantanal

que anda na parede. Aquele Erik Satie era um ser de irreverência que andava com desertos. Depois que o meu amigo Ênio Silveira escreveu aquilo, depois é que fui ouvir Satie. É sim meio moleca e meio trevo aquela música. Há uma peça de Satie que se chama "Trechos em Forma de Pêra", que eu cobicei tanto para título de um livro meu. Mas ele achou primeiro... Sou mais chegado a Bach, Brahms, Beethoven, mas isso é tão de momento! Tem hora sou Cartola, tem hora Lupiscínio Rodrigues, tem hora Bezerra da Silva. Sou um ouvitor sem nível.

Folha — O filme de Joel Pizzini

obra ele anda ainda com aqueles bolsos cheios de jias. Está no louco de água e estandarte. Está naquele João que desenhava no esconso e tinha o rosto trancado, com dobradiças de ferro pra não entrar cachorro. Está no moço que criava peixes na mão. Está no outro que não podia atravessar a rua sem apodrecer. Naquele ainda outro que batia continências para mosca. Está nos meninos ramificados de rios que me chamam etc. etc. Em todos os meus versos ele está, esse andarilho, sendo sempre um rascunho de pássaro que não acabaram de fazer —como lembra o Joel na fita.

canoas. Achei uma nódoa de osga em seu casaco. Ele benzeu a osga. Admito que seja uma mistura de avena e urgo.

Folha — O senhor carrega esse estigma de Poeta do Pantanal, como se de alguma forma obrigassem o poeta Manoel de Barros a carregar a bandeira da luta ecológica. Isso o incomoda?

Barros — De jeito maneira que não me incomoda. Com esta natureza exuberante que tem o Pantanal é que eu luto. Luto pra não ser engolido por essa exuberância. Às vezes a linguagem se desbraga; mas a natureza não se desbraga.

dos grandes centros?

Manoel de Barros — “Não há, nunca existiu, deliberado afastamento. Quando meu pai morreu, em 1949, ficou-me de herança umas terras no Pantanal de Corumbá. Meu primeiro impulso foi vender aquelas terras pra ficar no Rio. Mas minha mulher, que é filha de fazendeiros de Minas, me convenceu do contrário, e propôs vir comigo, enfrentar o Pantanal, e fundar nossa fazenda. Deixamos o grande centro e por aqui ficamos. Não foi difícil para a raiz pregar-se de novo na terra de origem. Ela, a raiz, no Rio, estava plantada em vaso raso. Chegou então em sua terra e se deu bem. Meu isolamento literário já existia, mesmo vivendo nos grandes centros. Ele é fruto das sem-graceiras do meu temperamento.

Folha — O senhor poderia fazer uma análise comparativa da poesia dos seus contemporâneos Cabral, Jorge de Lima, Murilo Mendes, Drummond? Como conseguiu se livrar da influência de Rosa?

Barros — Poesia está sempre no escuro regaço das fontes. Sofro medo de análise. Ela enfraquece a escuridão

silêncio acima. Tenho medo. Acho que a quântica pode acabar tirando dos poetas um dos seus mais doces privilégios —que é o de exercer idiotices. E acrescento um pouco para consolo. Enquanto existir a força da indigência vegetal em alguém, essa força comandará a linguagem desse ente para uma poesia sem máquina. Porque ele não saberá mexer com máquina. Seria uma coisa primal, é claro, mas seria uma força da natureza.

Folha — Naturalmente é uma observação de caráter genérico, mas parte da produção poética brasileira revela uma relação quase fisiológica com a terra, mesmo entre autores fundamentalmente ligados a uma realidade urbana. O senhor, que saiu do Mato Grosso, quando jovem, retornando depois de muitos anos, sente essa relação inevitável?

Barros — Urbanos ou não, é certo, estamos ligados fisiologicamente à mãe-terra. Ao nosso quintal. Ao quintal da nossa infância —com direito a árvores, rios e passarinhos. O poeta promana desses marulhos. Nossa infância, explicou mestre

costuma dizer que a poesia não é para ser compreendida, mas incorporada. Devemos então incorporar o ordinário?...

Barros — Entre o poeta e a natureza ocorre uma eucaristia. Uma transubstanciação. Encostado no corpo da natureza o poeta perde sua liberdade de pensar e de julgar. Sua relação com a natureza é agora de inocência e erotismo. Ele vira um apêndice. Restará preso ao corpo, às lascívia, ao vulgar, ao comum, ao ordinário. É nesse sentido transnôminal que eu uso a palavra ordinário. Por daí que se pode dizer que as palavras de um poeta vêm adocidas dele, de suas raízes, de suas tripas, de seus desejos. Ao leitor não resta que se incorporar. “O ordinário é uma auto-renúncia a favor do natural”. (Li isso de Goethe, através de Thomas Mann).

Folha — O editor Ênio Silveira já comparou sua poesia à música de Erik Satie. É possível uma leitura analógica de seus poemas com Satie? Quais os compositores com os quais o senhor mais se identifica?

Barros — Caracol é uma solidão

mas isso é tão de momento! Tem hora sou Cartola, tem hora Lupiscínio Rodrigues, tem hora Bezerra da Silva. Sou um ouvidor sem nível.

Folha — O filme de Joel Pizzini sobre o seu trabalho poético [“Caramujo-flor”], mostra Manoel de Barros dividido entre o aventureiro nômade e o nostálgico sedentário de terno à procura de sua verdadeira identidade. Qual deles prevaleceu sobre o outro?

Barros — Bom é inventar. Vou inventar. Há um silêncio parado banhando as moscas. Eu tenho nostalgia do aventureiro nômade, que eu nunca fui. Sou isso só de livro. Esse aventureiro anda agarrado em minhas palavras como craca. Quando uma palavra obtém um lado do poeta é que essa palavra está suja dele, de seus abismos, de sua infância, de seus escuros. Na infância conheci um Mário-pegasapo, que tinha uma voz brenhenta e só era entendido pelas crianças e as putas do jardim. Eu era criança e o entendia. Esse ente me rendia encantos e estranhezas. Nunca mais pude esquecê-lo. Em toda a minha

memória raminhos de ros que me chamam etc. etc. Em todos os meus versos ele está, esse andarilho, sendo sempre um rascunho de pássaro que não acabaram de fazer —como lembra o Joel na fita.

Folha — Seu novo livro “O Guardador de Águas”, que está sendo lançado pela Art Editora, começa com a invocação do nome de seu alter-ego Bernardo da Mata. O senhor poderia contar para os seus leitores quem é ele?

Barros — Bernardo. Bernardo da Mata é um bandarria velho, andejo, fazedor de amanhecer e benzedor de águas. Ele aduba os escuros do chão, conversa pelo olho e escuta pelas pernas como os grilos. Ele é o que falta para árvore ser gente. Ele mora em minha fazenda em cujo quintal montou uma Oficina de Transfazer Natureza. Na Oficina Bernardo constrói objetos lúdicos. Fivelas de prender silêncio, aparelhos de ser inútil, beija-flor de rodas vermelhas etc. etc. Coisas que estão expostas no livro. Agora ele está perdendo o contorno das folhas. Outro dia me disse que encontrou canoas encalhadas em avestruzes. Que benzeu as

Barros — De jeito nenhuma que não me incomoda. Com esta natureza exuberante que tem o Fantanal é que eu futo. Futo pra não ser engolido por essa exuberância. Às vezes a linguagem se desbraga; então, é abotoá-la. Fechá-la nas braguilhas. Fazer que se componha. Difícil é compor a exuberância. Ela escorre, é água. Escorra, é lama. Apodrece, é brejo. Talvez minha escrita em verso seja carregada de certa verdez primal, pois minha palavra tem sedimentos ancestrais de bugres andarilhos pelo meio do mato. Mas o artista tem que podar essa exuberância, tem que contê-la nas bragas, com vontade estética; numa linguagem com estacas. A expressão “poeta pantaneiro” me quer folclórico. Parece que não contempla meu esforço linguístico. A expressão me deixa circunstanciado. Não tenho em mente trazer contribuição para o acervo folclórico do pantanal. Meu negócio é com a palavra. Meu negócio é descascar as palavras, se possível, até a mais lírica semente delas.

Colaborou REYNALDO DAMAZIO



Bernardo, alter-ego de Manoel de Barros, empregado na fazenda do poeta

Nasceu em Corumbá em 1916

Da Reportagem Local

Manoel de Barros nasceu em Corumbá, Mato Grosso, em 1916. Seu pai foi um capataz de fazenda que se tornou fazendeiro e deixou ao filho a tarefa de cuidar da propriedade. Formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais, seguindo o costume dos jovens de sua geração. Lançou seu primeiro livro —“Poemas Concebidos sem Pecado”— em 1937. Em 1942, escreveu “A Face Imóvel”, seu único livro com preocupações políticas. Hoje, considera este livro sua pior produção e nem sequer tem um exemplar para arquivo.

Manoel de Barros sempre foi avesso às badalações. Mantém o hábito de visitar todo ano o Rio de Janeiro para comprar livros e assistir filmes e peças. Uma das pistas para decifrar sua linguagem é o gosto de ler ensaios de filologia.

Publicou ainda “Poesias” (1956), “Compêndio para Uso dos Pássaros” (1960), “Gramática Expositiva do Chão” (1969), “Matéria de Poesia” (1974), “Arranjos para Assobio” (1982) e “Livro de Pré-Coisas” (1985). (RD)

Nono livro sintetiza todo o universo simbólico do poeta

REYNALDO DAMAZIO
Da Reportagem Local

O GUARDADOR DE ÁGUAS, de Manoel de Barros. Art Editora. 64 págs. NCz\$ 5,50. Tiragem: 3 mil exemplares.

O poeta Manoel de Barros é um escavador de imagens. A profusão de metáforas em seus livros tira o fôlego e remete a uma esfera mental de analogias inusitadas. Ele nos engana com o propósito explícito de criar “inutensílios”, quando na verdade vai tecendo uma teia sutil de signos sobre a fala primal da natureza “quase” selvagem. Não há como escapar das tramas da cultura. O poeta busca sempre a gênese da linguagem, sua estrutura íntima, o isomorfismo entre verbo e carne —a pureza desde sempre perdida e reconstruída no imaginário coletivo.

O livro “O Guardador de Águas”, que está sendo lançado pela Art Editora, é uma síntese da trajetória poética de Manoel de Barros, que até

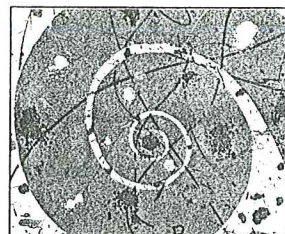
agora permanece no limbo das antologias corriqueiras e das histórias literárias oficiais. Assim como os livros anteriores do poeta, as supresas são provocadoras e os labirintos imagéticos desautomatizam a lógica convencional. Feito um andarilho heraclitiano, Barros procura traçar a cartografia lúdica dos elementos vegetais e minerais que animam e impressionam sua sensibilidade. Não há o cálculo e o rigor estrutural de João Cabral nem o viés existencial-místico de Carlos Drummond ou Murilo Mendes —poetas que integram a geração de Manoel de Barros—, mas um trabalho artesanal com as palavras que inspiram uma inocência semiótica assustadora: “Poeta é um ente que lambe as palavras e depois se alucina”.

O paradigma subjacente aos textos desse eremita do pantanal matogrossense é o zoomorfismo cósmico das “Metamorfoses” de Ovídio. A opção de Barros é pelo detalhe ordinário e pelas sínteses contrastantes: “Nas plantas que vingam por rachaduras lavra um poder mais líbrico de antros”. Não há metafísica na

natureza (como já anteviu o guardador de rebanhos Alberto Caieiro, heterônimo de Fernando Pessoa), mas uma microfísica significativa à espera do olhar decifrador. Com Manoel de Barros o leitor aprende que a natureza tem linguagem, em estado de “pré-coisas”, isto é, “larval” ou “coisal”. O “fazer” do poeta é uma alegoria histórica do “fazer-se” da natureza, que segundo o verbo de Manoel de Barros, fica melhor dito como “transfazer”.

A consciência da construção da linguagem coloca Manoel de Barros no cerne da modernidade. O livro “Matéria de Poesia”, publicado em 1974 pela livraria São José, apresenta um exercício profundo de metalinguagem. A liberdade dos versos brancos e o ritmo prosaico —constantes em seus escritos— estão arranjados segundo um fluxo metafórico contínuo. Na procura obsessiva da linguagem do pantanal e de seus personagens fantásticos, o poeta testa suas próprias possibilidades de enunciação. Contagiado por Rimbaud, Manoel de Barros também acredita que é preciso “perder a inteligência das coisas para vê-las”.

CADERNO 2



O especialista em gravura Garner Tullis dá curso em São Paulo. Pág. 2



Mel Gibson dirige a superprodução 'Braveheart'. Pág. 10

ANO IX NÚMERO 3.018 □ SEGUNDA-FEIRA, 15 DE MAIO DE 1995

Manoel de Barros salva palavras da mesmice

O poeta imagina um livro sobre Guimarães Rosa, enquanto escreve seus 'versinhos de vento'

ROBERTA JANSEN

RIO — Um caneco furado pode se tornar objeto de sua poesia. E por que não? "Poesia é um aproveitamento do inútil", ensina o poeta Manoel de Barros. Comparado a Guimarães Rosa por ser um "enlouquecedor de palavras", Barros se preparava para escrever um livro sobre o amigo e passou seis meses relendo a obra do escritor. "Saí da leitura todo roseado", conta o poeta, que resolveu esperar mais um tempo para começar a escrever. Sem publicar desde 1993, quando lançou *O Livro das Ignorâncias*, Barros, aos 79 anos, parece não ter pressa. "Enquanto não chega a hora vou fazendo meus versinhos de vento", diz.

Ele sempre foi assim. Embora tenha escrito seu primeiro livro (*Poemas Concebidos Sem Pecado*) aos 18 anos, publicou ao longo de sua vida apenas 11 títulos. Aponçado como o maior poeta brasileiro da atualidade, Barros sempre foi admirado por seus pares, mas desconhecido do grande público. Ele assume a responsabilidade: "Minha timidez é algo escancarado". O poeta vive desde



Manoel de Barros no Pantanal: "Vivo recluso por temperamento"

mais acertados do que os cabimentos. As nossas contradições se aliviam mais com os absurdos, com os paradoxos. As antíteses nos curam. Temos que atrapalhar as significâncias até o arejamento total das palavras. Eis o que nos conagra.

Caderno 2 — O senhor diz que 90% do que fala são invenções e 10% são mentiras. Por que é mais interessante inventar e mentir do que dizer a verdade?

Barros — Achei muito real uma frase que li de John Ruskin. Que as maiores verdades são inventadas. Acho que tudo que nós inventamos

de Flaubert?

Caderno 2 — Como convivem na mesma pessoa o poeta que "desenha o cheiro das árvores" e o homem que sente o cheiro das árvores?

Barros — O poeta que desenha o cheiro das árvores adorna o homem que sente o cheiro das árvores. O que desenha o cheiro é ainda um ser bocô, que confunde as palavras, não sabe direito a função dos verbos. O bocô não sabe que o cheiro não é desenhável assim como a criança não sabe que a cor de um passarinho não se escuta. Os senti-

de sua vida apenas 11 títulos. Apontado como o maior poeta brasileiro da atualidade, Barros sempre foi admirado por seus pares, mas desconhecido do grande público. Ele assume a responsabilidade: "Minha timidez é algo escancarado". O poeta vive desde 1960 no Pantanal de Mato Grosso, onde é fazendeiro. "Não vivo recluso por preferência, vivo assim por temperamento", explica. Vez por outra ele vem ao Rio para ficar no máximo 15 dias. Semana passada, recebeu o *Caderno 2* para uma entrevista. A conversa já ia pelo meio, quando o poeta, perfeccionista, pediu para responder às perguntas por escrito. "Dizer com imperfeição meus desperdícios me causa aniquilamento", justifica. O resultado é uma peça literária. No melhor estilo *manoelês*, o poeta brinca com a linguagem ao longo de toda a entrevista.

★
Caderno 2 — O senhor é frequentemente comparado a Guimarães Rosa. Agora, inclusive, está escrevendo um livro sobre ele. Qual a identidade que existe entre vocês dois?

Manoel de Barros — Se me comparam ao Rosa, será por que elegemos dobrar a linguagem ao nosso jeito? Rosa fez isso. É um mágico. Usou as virtualidades todas do nosso idioma. Não respeitou portei- ras. Inventou por cima. Renovou tudo. Virou e destripou as palavras. Remexeu, desvendou mil caminhos para o dizer. Enriqueceu a língua portuguesa. Tirou-a de sua paradeza. Pintou e bordou. Mas eu não tenho proporções para Rosa. Acho que persigo as mesmas coisas, só que despreparado. Ele estudou quase vinte idiomas do mundo. Eu só sei as ciências que analfabetam. E tenho um gosto doentio de molecar as sintaxes. Acho também que temos em comum a infância vivida em vagos sertões sem tamanho. Essa infância deixou no homem um sentimento de ilha lingüística. Um abandono que protege e enriquece a imaginação.

Caderno 2 — Gostaria que o senhor falasse um pouco sobre o livro.

Barros — Imaginei fazer um livro de prosa poesia, onde Rosa contasse coisas ao jeito dele e eu contasse ao meu jeito. Assentado isso fui reler toda a obra do mágico. Pior viagem. Saí da leitura todo *roseado*, todo impregnado das maneiras do Rosa. Fiz seis capítulos



sob esse clima e vi que eu era um cacoete do Rosa. Tudo que escrevi estava escravizado pela fortidão da linguagem do Rosa. Perdi meu jeito manoelês e só cometi pastiches roseanos. Rasguei os seis capítulos. Não eram meus nem dele. Seria uma nova algaravia. Agora vou dar um tempo. E enquanto não chega a hora vou fazendo meus versinhos de vento.

Caderno 2 — Por que o senhor acha que cabe aos poetas dos nossos tempos destruir a realidade?

Barros — Nossa arte é feita de restos. São aproveitamentos de materiais e passarinhos

de uma demolição. Acho que aquele tempo eu falava da realidade do mundo. Me referia às injustiças enquistadas no corpo do velho mundo, que era preciso destruir. Me referia às estruturas podres da civilização. E penso que é com os restos dessa civilização que estamos fazendo arte hoje.

Caderno 2 — É em função disso que sua poesia é cada vez mais fragmentada?

Barros — A minha poesia é cada vez mais fragmentada porque as palavras me acham assim: mais fragmentado. Penso que os meus conflitos cresceram tanto dentro de mim a ponto que me fizeram pedaços. Sou hoje pedaços de mim. Sinto que minha palavra me pega dessa maneira: picotado. E me põe assim no papel. Eu achava antes que a fragmentação do mundo influía nas minhas fragmentações. Hoje sei que as minhas fragmentações são produtos dos meus conflitos internos que cresceram por dentro de minhas ruínas.

Caderno 2 — Sua poesia fala de coisas que o senhor mesmo classificou de "desimportantes, gratuitas, renegadas pela civilização". Por que elas são importantes para o senhor?

Barros — As coisas desimportantes, os inutensílios, são muito importantes porque servem para

poesia. Tocar violão num beco é muito mais importante para a poesia do que uma jóia pendente. O... de uma formiga é muito mais importante para a poesia do que uma usina nuclear. Não tenho nenhuma dúvida quanto a isso. Um caneco furado que não carrega água é mais importante do que um tanque de água. Isso, claro, pela inutilidade do caneco furado. As coisas desprezadas pela civilização são objetos de poesia. Digo, aliás, que os desob- jetos só prestam para a poesia. E isso não é uma brincadeira retórica. É uma brincadeira de a sério.

Caderno 2 — O senhor disse uma vez que a principal função da poesia é "arejar as palavras". Como isso é feito e por que o senhor considera tão importante?

Barros — Considero importante para a poesia arejar as palavras porque não gosto de palavra acostumada. Aquela que se vicia no lugar de sempre. Isso que chamamos de lugar comum. O mesmal me faz mal. Temos de salvar as palavras da mesmice. Arranjar para elas até casamentos incestuosos. Na poesia, os despropósitos são muito

50% do que iam são invenções e 10% são mentiras. Por que é mais interessante inventar e mentir do que dizer a verdade?

Barros — Achei muito real uma frase que li de John Ruskin. Que as maiores verdades são inventadas. Acho que tudo que nós inventamos é inerente. Só a imaginação revela o nosso imo. Somos o que está mais no fundo. (Represente que o homem é um poço escuro. Aqui de cima não se vê nada. Mas quando se chega ao fundo do poço já se pode ver o nada.) Eu quero dizer: a gente vê a essência. Por isso que acho a invenção mais verdadeira e autêntica. Mentira é outra coisa. Mentira é fazer pose.

Caderno 2 — Uma vez o senhor disse a Guimarães Rosa que era preciso alguém como ele para "enlouquecer as palavras". Acha que também as enlouquece?

Barros — No Rosa os substantivos enlouquecem mais que os verbos. Eu penso que enlouqueço mais os verbos do que os substantivos. Verbi gratia: "O trevo assumiu a tarde". Ora, o trevo não agüenta nem um gato pelo rabo, como é que se mete a assumir a tarde! Está louco. Uma vez informei ao Rosa: "A anhumia encurta o outono". Ele achou muita graça da loucura da anhumia. Ela então encurta o outono, Manoel? É baixo! E gostou. Depois me disse: "A borboleta entrou no bolso da paisagem". Isso é poetar ou enlouquecer uma palavra? Ficamos a não conversar e olhando pra nenhum lugar.

Caderno 2 — O senhor escreveu seu primeiro livro aos 18 anos. Seu estilo era o mesmo? O que mudou nesses anos?

Barros — Quase sempre o primeiro livro é embrião dos outros. Eu estava ainda escondido na infância e a palavra me achou lá. A palavra até hoje me encontra na infância. Do primeiro livro pra cá devo ter evoluído no descaramento com que uso as palavras. Cada vez fico mais descarado. Uma querida amiga falou pra mim. Agora você não tem mais vergonha. Você mete as palavras em lugares mais estranhos, com toda a intimidade com o idioma. Assim como quem diz para um verbo: — vai entrando, você é de casa. Então, o que mudou em mim do primeiro para os últimos livros foi que fiquei mais íntimo das frases. Sendo que o tema sou eu mesmo e minhas composições líricas. Tudo que invento dos outros é de mim que falo. Pois sempre não foi assim desde os tempos

men que sente o cheiro das árvores. O que desenha o cheiro é ainda um ser bocô, que confunde as palavras, não sabe direito a função dos verbos. O bocô não sabe que o cheiro não é desenhável assim como a criança não sabe que a cor de um passarinho não se escuta. Os sentidos de um poeta são promíscuos.

Caderno 2 — O senhor está trabalhando em algum novo livro?

Barros — Estou sim trabalhando uns fragmentos de mim que pretendo colar para compor um livro. São pedaços de mim ainda soltos por aí. Me lembra um mito dos índios Guanás. En-

tre os índios Guanás a lacraia tem mito. Quando o menino vê no terreiro, rebolando os mil anéis, corta logo o corpo dela. Separa os anéis e os mistura no chão. Com pouco, a pobre cabeça começa a procurar os anéis. Se encontram, se desencontram, se encaixam às vezes certo e às vezes de retravés. Os índios falam que a lacraia vai pro céu se conseguir se recompor no certo. Eu também tenho versos se procurando no chão. Se eu conseguir encaixá-los no certo, eu vou para o céu.

Caderno 2 — O senhor é considerado um dos maiores poetas brasileiros da atualidade. Como se sente?

Barros — Não sinto. Só queria ser simples, queria ser bem porcaria pra acreditar nisso e me morrer de amores.



VITÓRIA

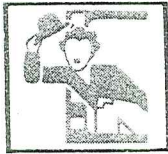
7:00h
17:15h

Saídas de Congonhas - SP.
Escalas em S. J. dos Campos.

A partir de 15/5/95.

RESERVAS: (0800) 123-100





■ O Teatro Rival movimentou o Centro da Cidade e comemora um ano como café-concerto. Página 3

Quarta-feira, 7 de novembro de 1990

Segundo Caderno

O GLOBO



O murmúrio das palavras

ELIANE LOBATO

Manoel de Barros afirma que sua poesia provoca duas reações nas pessoas: "ou se apaixonam ou chutam". Ele ri e completa: "mas é pouca gente que se apaixonou". Na verdade, esse poeta de 74 anos que vive em Mato Grosso do Sul, é envolvido pelo mistério de ser considerado "o melhor" por um seleto grupo de apaixonados — incluindo Antônio Houaiss, Millôr Fernandes, Carlos Drummond de Andrade, que, um dia, chamou-o de "maior poeta vivo do Brasil" etc — e ser, ao mesmo tempo, praticamente desconhecido do grande público. Ele ganhou, mês passado, o Prêmio Jabuti e disse, encabulado, que só um jornal de São Paulo registrou o fato. E mesmo assim em uma discreta notinha. Manoel de Barros está passeando no Rio — onde mora sua filha Martha, artista plástica — e revendo os últimos detalhes do livro "Gramática expositiva do chão", que ele chama de "obra quase completa", a ser lançada este mês pela Civilização Brasileira.

Ele trouxe, também, os primeiros rascunhos de seu novo livro, "Concerto a céu aberto para solos de aves", que pretende lançar ano que vem. Apesar desses projetos, Manoel afirma que hoje ele só pratica "duas vagabundagens: ficar à toa e escrever poesia...". No fundo, conclui, é a mesma coisa...". O pouco acesso à fantástica obra de Manoel de Barros deve-se, também, à sua fama de ostra. "Sou um sujeito igual à ostra quando pingam limão nela. Ela encolhe toda. Se engruvinha..." O limão, para ele, é quando colocam um gravador perto dele ou uma multidão (mais de três pessoas) à sua volta. Agora, ele está ficando famoso entre os jovens, seus mais novos apaixonados:

— Cada vez mais recebo cartas de jovens. São tão lindas as coisas que falam...

Seu primeiro livro de poesias foi escrito quando tinha 16 anos e "confiscado" pela polícia que entrou na república em que ele morava, no Catete, atrás dos jovens integrantes da Juventude do Partido Comunista. "Assim, eu perdi meu primeiro livro de poesia... Pensando bem, acho

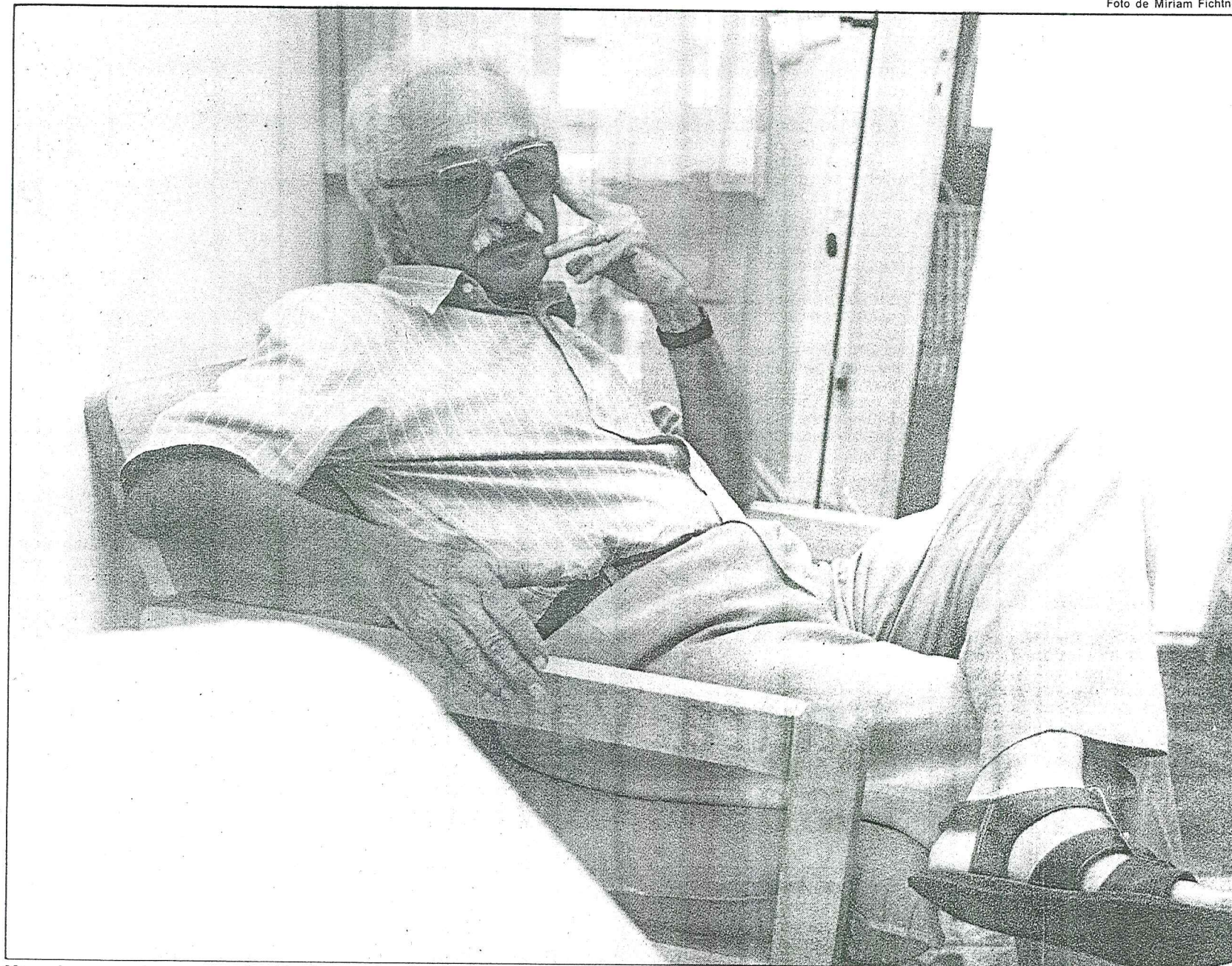


Foto de Miriam Fichtner

Manoel, apesar de pouco conhecido do grande público, é considerado "o melhor" por nomes consagrados como Antônio Houaiss e Millôr Fernandes

que não perdi nada..." Manoel de Barros é tímido, brincalhão e modesto. Em entrevista ao GLOBO, pediu, como sempre faz, para escrever as respostas às perguntas ao invés de verbalizá-las. E disse que, atualmente, o que ele mais gosta de fazer é conversar sobre "o celestamento do ordinário" — ou seja, a maneira de um grande poeta falar abobrinhas.

O GLOBO — O que a poesia faz com você?

MANOEL — Comigo até prego farfalha. Uma folha me planeja. Um rio encosta as margens na minha voz. E isso que a poesia faz comigo. Ocupo novas partes de mim com as palavras.

O GLOBO — O que significa a palavra para você?

MANOEL — A partir dos defeitos de uma pedra é que o escultor começa o seu trabalho. A partir de um visgo de borboleta na tela, Miró podia começar algum deslumbramento plástico.

A partir de uma palavra torpe, pode chegar-se ao balbúcio dela, ao seu murmúrio nupcial. Isto é: quando ela esteja ainda na origem da fala e não saberia o torpe. O lado torpe do lírio é um lado novo e apto à poesia. É preciso que as palavras nelas mesmas se inaugurem. Essa é a melhor maneira de dizer pouco sobre as palavras — ou menos. O puro da palavra é sua primeira vez. Não é o liso das palavras que seduz o poeta, mas as suas reentrâncias e doenças. Por isso

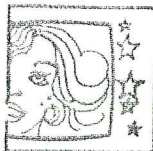
que os defeitos de uma pedra são mais importantes para o escultor. E é por isso que um visgo de borboleta na tela branca de Miró pode trazer a ele o seu melhor azul. As fontes que murmuram por dentro das letras eu não sei. Mas sei as vertigens do subsolo. E sei que nenhuma flor protege o dia como as avencas. Isso por escutar a voz das águas.

O GLOBO — O que te atrai nas coisas miúdas, desimportantes, desprezíveis?

M
be
na
co
bu
tê
de
qu
ta
o
cã
in
B
be
da
U
do
en
m
nô
m
do
ur
go
v
re
un

O
es
M
us
E
sê
se
me
ag
lav
ca
se
pa
po
ma
cei
es
me
ve
po

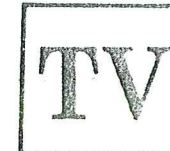
O
vo
M
lhc
ali
ten
tos
del
tá
vo
"C
los
os
rio
pal
pr
am
me
"cer



■ 'Louco de amor' e 'A casa de Kate é um caso', de Sam Shepard, chegam às lojas. Página 2

Segundo Caderno

O GLOBO



■ Para evitar atritos com o Ibama, a Globo pode mudar a abertura da novela 'Mico preto'. Página 8

Quinta-feira, 14 de junho de 1990

Rio de Janeiro

Finalmente o esquivo e casmurro Manoel de Barros lança a edição de suas obras completas

Poeta de pés no chão

ELIANE LOBATO

Este Manoel se diz de Barros. Ninguém duvida. Basta ler suas poesias: elas saem do chão; ele as recolhe da terra. "No achamento do chão também foram descobertas as origens do voo", diz ele em seu livro "O guardador de águas". E do barro, que grudou neste Manoel há 74 anos, afloram caracol, lesma, caramujo, barata, formiga, sapo, pedra, rã... Feliz, portanto, o título de suas obras completas que — finalmente — um editor conseguiu convencê-lo a lançar: "Gramática expositiva do chão", que promete ser um dos grandes acontecimentos da Bienal do Livro de São Paulo, este ano, via Civilização Brasileira.

Hoje Manoel de Barros será o homenageado especial do projeto "Pantanal alerta Brasil", em São Paulo. Seu texto "O mundo renovado" será lido pela atriz Cássia Kiss, que também prepara uma peça "em cima da obra dele", como diz. A direção será de Ulisses Cruz. E o Centro Cultural Banco do Brasil vai realizar um ciclo sobre a linguagem de Manoel de Barros no ano que vem.

É muita badalação em cima deste casmurro — "homem calado e metido consigo", na versão de Machado de Assis. Entretanto, em entrevista ao GLOBO, o poeta desmente sua fama de "João Gilberto da literatura" — ou seja, aquele que foge da imprensa e de homenagens como o diabo foge da cruz:

— Me agrada muito. "Tô" numa fase que isso não assanha demais a vaidade. Hoje compreendo melhor essas coisas. Não tenho mais o Mundo inteiro, não tenho muito mais ainda para viver. Vou te dizer: eu tinha uma dorzinha por causa desse anonimato. Não vou mentir dizendo que ficava satisfeito. Dava uma certa mágoa... Mas, ao mesmo tempo, me impulsionava para



Um desconhecido do grande público

Manoel de Barros é um sulmato-grossense que, como disse o filólogo Antonio Houaiss, os muitos anos que passou no Rio de Janeiro não conseguiram "dessulmatogrossizar". Apesar de ser alvo dos maiores elogios de escritores — e de ter nove livros publicados, é um desconhecido do grande público.

— A culpa é minha também, sabe? Eu sempre me escondi — reconhece.

Mês passado, ele foi a grande atração do ciclo "Artes e ofícios da poesia", em São Paulo. Ninguém acreditava que ele compareceria:

— Eu fui pela primeira vez. E sabe que gostei muito? Me deu uma coragem meio extraordinária. Fui. Fiquei emocionado.

Sua melhor forma de comunicação são as cartas. Ele se corresponde com a filha e alguns amigos íntimos.

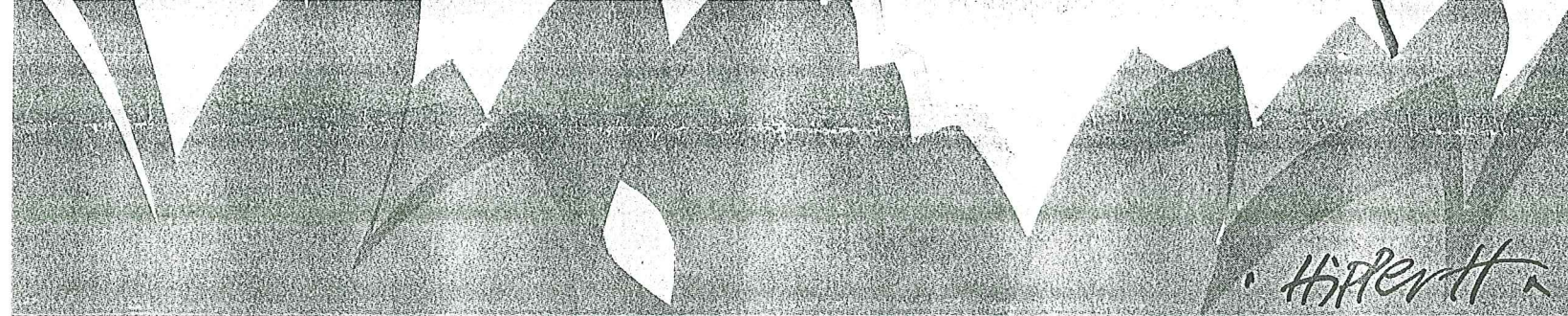
— Quem mexe com a palavra, para mim, é sagrado. Tenho o maior carinho por quem escreve. Poesia, então... Eu sou um que sofre dessa enfermidade: a poesia — diz.

O editor Enio Silveira é um desses amigos com quem Manoel se corresponde:

— Suas cartas são peculiares. É um homem sinceramente modesto — atesta o editor da Civilização Brasileira.

Há alguns anos ele vem tentando convencer o poeta de que "é chegada a hora de reunir sua obra". Há poucos meses, recebeu uma carta de Manoel de Barros dizendo-se "sem jeito, envergonhado" porque estava sendo procurado por muitas pessoas interessadas neste mesmo projeto. "Por lealdade, ele disse que a preferência era minha e perguntou: você quer mesmo?", conta. O editor não estranhou a simplicidade do poeta. Isto coincide

327
 nado" porque estava sendo procurado por muitas pessoas interessadas neste mesmo projeto. "Por lealdade, ele disse que a preferência era minha e perguntou: você quer mesmo?", conta. O editor não estranhou a simplicidade do poeta. Isto coincide com o perfil do homem que decretou que "a escuridão acende os vagalumes" e que "a elegância e o branco devem muito às garças".



Vigas de chuva e vagalumes entortados de luz

Manoel de Barros chama seu escritório de "lugar de ser inútil". Todos os dias, após tomar seu guaraná em pó, ele se enfurna lá e "pratica inutilidades" (termo que usa para definir seu trabalho literário). E faz uma lista desses "inutilidades" (não publicada em livro ainda):

- 1 alicate cremoso
- 1 homem riachoso escutando sapos
- 3 estrelas subindo o morro em lombo de borboletas
- 3 vagalumes entortados de luz
- O jovem com uma cidade stripada dentro do olho e um pou-

co de mato invadindo as ruínas de sua boca

- 1 menino pingando oceano e todo estragado de azul
- 1 homem de lata que sofre de cactos no quarto
- 2 homens de lata com natureza de enguia
- 3 casas construídas com vigas de chuva
- O olhar ajoelhado de um homem
- 1 teologia do Traste em 2ª edição
- 8 moscas portadoras de rios
- 1 brasa verdejante que se usa em música (ou boca)
- 1 raiz de água larga no rosto

da noite (ou poesia)

- 1 sujeito que deambula com olho de água suja por dentro de ruínas (sendo um trapo)
- Lugar de uma pessoa haver musgo (sendo a própria pedra)
- 1 olho, que é a coisa que participa o silêncio dos outros
- 1 ovo de lobisomem sem gema
- 3 sanfonas para tocar o ermo
- A sorna lagarta curta que recorta a roupa de um osso
- 1 homem ladeado de muros que olhava fixo para certa música estranha, que um menino extraía do coração de um sapo

Com espanto e encantamento

"Acompanho esta poesia humildemente: recebo-a como se em estado de graça, me comprazo com ela e — por instantes, graças a ela — me comprazo com o mundo e até comigo mesmo.

E não conheço poesia que desconfie tanto de si mesma e poeta que desconfie tanto de si mesmo.

Acontece que, com um ser tão endogenamente uno, a poesia de Manoel de Barros salta — neste meu silêncio, aqui em frente — um gnomo companheiro a sugerir-me é o maior, é o maior, é o maior!...

"...É que Manoel de Barros é um usuário ou utente ou utilizante ou criante de palavras — havidas, haventes, haviáveis — que sangram, sorriem, lirizam, luziluminam, que convida o leitor a gozar — na bruteza da vida que corre — e a infinita graça da disponibilidade mental para o gratuito absoluto — a nós, bichos da terra atarefadíssimos, que perdemos cada vez mais o dom do dado, a buscar macabramente o conquistado, o barganhado, o comprado, o negociado, o crocitado, o propagandeado..." (Antonio Houaiss, filólogo)

Raridades literárias perdidas em sebos

Quem tem livros de Manoel de Barros não empresta, não vende, não aluga. É que eles são raridades — em todos os sentidos. Alguns estão esgotados e nem o próprio autor possui um exemplar. Porém, não é raro encontrá-los perdidos e desvalorizados em sebos. Neles, a sabedoria de quem afirma que "todas as coisas cujos valores podem ser disputados no cuspe à distância servem para a poesia". Sua obra:

- "Poemas concebidos sem pecado", Olímpica Editora, 1937
 - "Face imóvel", Editora Século XX, 1942
 - "Poesias", Editora Irmãos Pongetti, 1956
 - "Compêndio para uso dos pássaros", Livraria São José, 1960
 - "Gramática expositiva do chão", Livraria São José, 1969
 - "Matéria de poesia", Livraria São José, 1974
 - "Arranjos para assobio", Civilização Brasileira, 1982
 - "Livro de pré-coisas", Philiblion, 1986
 - "O guardador de águas", Civilização Brasileira, 1989
- A ser lançado este ano, "Poesia expositiva do chão — obras completas", Civilização Brasileira.

Homem esquisito e envergonhado

Manoel de Barros é considerado um homem esquisito. E não é porque ele bota "gravata em urubu" ou "estrela em ombro de borboleta" em seus poemas. É porque ele se encaramuja de forma muito peculiar. Algumas lendas o cercam por causa disso. Uma delas conta que, há muitos anos, ele cedeu a um convite de Vinicius de Moraes e João Cabral de Melo Neto para recitar um poema num programa de rádio. O poeta ficou dias se preparando para enfrentar o microfone, mas quando chegou perto dele não agüentou: desmaiou e teve que ir para o hospital.

Se há algo de que ele não gosta são noites de autógrafos. Participou de um único lançamento e morreu de vergonha no dia seguinte, porque mandou beijos tanto para os homens quanto pa-

ra as mulheres a quem dedicava seu livro. E, se há alguém de quem ele verdadeiramente gosta é sua mulher, Stella — eterna namorada "com direito a briguinhas por causa de ciúme", como diz sua filha Martha. Ele é o distraído da família e Stella é que cuida dos "detalhes práticos".

— Meu pai é capaz de dar boa tarde de noite e boa noite de manhã — conta.

Às vezes ele muda os títulos de seus livros. O primeiro, por exemplo, ia chamar de "O cabeludinho" e o último foi batizado, inicialmente, de "A arte de infantilizar formigas". E "Compêndio para o uso dos pássaros" rendeu-lhe uma estranha publicidade: o poeta conta que, após o lançamento, foi procurado por gente interessada em informações sobre ração para aves.

SEXOLOGIA

Dr. VALFREDO NERI

CRM 52.16368-2

- DISTÚRBO DO PRAZER SEXUAL
- EJACULAÇÃO PRECOCE
- TRATAMENTO DO CASAL
- ORIENTAÇÃO SEXUAL
- TRATAMENTO DEFINITIVO DA IMPOTÊNCIA

Rua Hermengarda, 606 - Méier
 Tel.: 281-3622

SEXTA-FEIRA É DIA DE

GUÍ
DE RESTAURANTES
 GASTRONOMIA NO GLOBO.

4X
 SEM
 JUROS

IMPUG

UNIVERSE

PROMOÇÃO VÁLIDA POR TEMPO LIMITADO

“Me encanto com os palhaços que se aproveitam das bobagens para
pungir as verdades. Entre o ordinário e o insigne prefiro o ordinário”

Manoel

O poeta-andarilho do Pantanal

RUI NOGUEIRA
Subeditor de Cultura

Uma passagem de ida e volta a Paris, Londres ou Nova Iorque, com tudo pago, se você souber quem é Manoel de Barros. Uma dica: ele “apareceu” no programa de TV Pantanal — Os Caminhos Para a Sobrevivência levado ao ar pela Rede Manchete ano passado.

Você não sabe, mas pode ficar tranqüilo. Eu não sei, tu não sabes, ele não sabe, nós não sabemos, vós não sabeis, eles não sabem. Dos 130 milhões de brasileiros apenas zero vírgula zero, zero, zero, zero... sabem. Cada país tem a vergonha nacional que merece.

Em vez de uma viagem para uma dessas capitais do colonialismo cultural nosso de cada dia, podemos marcar uma passagem, só ida, para Campo Grande, Mato Grosso do Sul, para conhecer “esse tal de Manoel de Barros” que Carlos Drummond de Andrade considera “o maior poeta vivo do Brasil”. E não é troca de gentilezas entre profissionais da palavra. Para satisfazer a curiosidade: no programa da TV Manchete sobre o Pantanal, Manoel de Barros teve três poemas incluídos pelo realizador Washington Novaes. Ninguém prestou muita atenção, afinal não se tratava de nenhum poeta “tchã”. Também, quem manda ele viver em Campo Grande. Enquanto não inventarem o eixo Rio-São Paulo-Campo Grande, Manoel de Barros será sempre o “maior poeta esquecido” do Brasil. Já é qualquer coisa.

Mas Deus escreve direito por linhas tortas. Este mês começa a sair do papel a filmagem (veja boxe) do média metragem, em 35 milímetros, O Inviável Anonimato do Caramujo — Flor com roteiro e direção do cineasta Joel Pizzini que foi assistente de direção de Silvio Back em A Guerra do Brasil e Mais Luz de Reinaldo Pinheiro. Pizzini trabalhou também no filme ainda inédito, O País dos Tenentes, de João Batista de Andrade, como quisador de Época e faz, atualmente, além de cuidar das filmagens do Inviável Anonimato, a pesquisa histórica do filme Vlado: O Caso Herzog, também de João Batista de Andrade.

O Inviável Anonimato do Caramujo — Flor foi um dos 13 projetos aprovados (eram mais de 200) no último concurso nacional promovido pela Embrafilme. Pelo concurso, o filme orçado em um milhão de cruzados terá parte dos custos bancados pela Embrafilme. As locações vão ser em Campo Grande e na Gruta do Lago Sul (Bonito), no Casario do Porto de Corumbá e no Pantanal em Mato Grosso do Sul. Estão previstas também filmagens para o Rio (Copacabana) e interior de São Paulo.

FOTO DE: MARCELO BUAINAIN



Manoel de Barros: “Sou fuga para flauta e pedra doce/A poesia me desbrava/ Com águas me alinhavo

“E preciso injetar insanidade nos verbos”

Esta entrevista tem uma história para ser contada. Em primeiro lugar é inédita. Em segundo lugar foi feita pela filha do próprio poeta. Manoel de Barros não gosta muito de dar entrevista, não gosta de falar para o público e em público. Para o público, ele escreve poemas. “A palavra falada não me recolhe, antes me deixa ao relento” diz ele. Mas ano passado, Martha Barros pediu ao poeta que respondesse, por escrito, a algumas perguntas sobre a sua vida e obra. Resposta dele:

— Minha vida você conhece.

perder o dormir está no lugar de perder o sono que é um lugar comum e portanto se esgotou de expressar. Então, há que se encontrar a primeira vez de uma frase para ser-se poeta nela. Mas tudo isso é tão velho como menino mijar na parede. Só que foi dito de outra maneira.

— Como é seu processo de criação? MANOEL DE BARROS — Como quem lava roupa suja no tanque dando porrada nas palavras. A espuma que restou no ralo vai ser boa para o começo. Depois é ir imitando os capangas e, depois, a pedra, a sonda, a canoa, aubam-se em seu ser. Então no meio da coisa pode saltar uma clave ou um rato. Daí a gente tem que trabalhar. O horizonte fica longe que nem se vê. Um horizonte pardo como os curdos. Também faz parte desse processo de

não fazer. Mas isso também já era em Aristóteles. Pra quem me achico.

— Quais os seus autores preferidos? MANOEL DE BARROS — Me agradam mais aqueles que se atrevem do que aqueles que se atêm. Me encanto com os palhaços que se aproveitam das bobagens para pungir as verdades. Vou mais com o som áspero das cigarras do que com as melodias celestiais. Entre o ordinário e o insigne prefiro o ordinário. Gosto dos loucos de água e estandarte. Aqueles que urram de indignação prefiro aos dobramudam os dedos do jogo resgatam os meus goros. Nesse sentido sou fanfã de Cristo, Rimbaud, Klee, Pessoa, Chaplin, Guimarães Rosa, Woody Allen, Millôr, Dalton Trevisan — entre outros.

— “Poesia não é para compreender;

Manoel de Barros não é um literato. Literato costuma fazer carreira literária, insere seu trabalho sobre uma linhagem de autores e escritores do passado, pertence a um grupo, a uma tendência. Entre a vida, o cotidiano, a paisagem e o que ele escreve o relacionamento se faz através de conceitos de intelecto. Manoel de Barros retira seu vocabulário, sua sintaxe, seu idioma do cerne da matéria, da realidade mais profunda do corpo aquoso da terra. Ele se trabalha quando trabalha um texto e a natureza trabalha nele o ócio e o prazer da vida em germinação. O resultado é um poema único, sem linhagem, de textura e fatura tão intrinsecamente pessoais que estouram os limites dele enquanto indivíduo e se fundem com a própria ambiência pantanal. Um pântano que se universaliza e nos engole, nos afoga, nos enlameia de mel e seda.

A alta sofisticação dos textos de Manoel de Barros é formada e informada por um selvática, bárbara, religiosa e filosófica visão cosmológica”.

REYNALDO JARDIM
Diretor Executivo da Fundação Cultural-DF

Acompanho a poesia de Manoel de Barros humildemente: recebo-a como se em estado de graça, me comprazo com ela e — por instantes graças a ela — me comprazo com o mundo e até comigo. Acompanho esta poesia — desse sulmatogrossense que por tantos anos viveu no Rio de Janeiro sem jamais dessulmatogrossizar-se —, acompanho sua poesia há muito tempo. E não conheço poesia que desconfie tanto de si mesmo... Eis que os ismos classificatórios, mesmo combinados, não me satisfazem, no que se referem à poesia de Manoel de Barros: surrealismo, sim, telurismo, sim, ingenuismo, sim, desmistismo, sim, plebeísmo, sim, aristocratismismo, sim, imagismo, sim, sinestesia, sim, um hipersanfranciscanismo tão próprio que permite invocar as florezinhas do santo sem lhes ser tributário. E poesia que abre seu lugar próprio em seu próprio território sob sol próprio e sua própria paisagem física e moral e verbal e estética, em que há um humilde (e sábio) demiurgo”.

ANTONIO HOUAISS
Escritor, no prefácio do livro Arranjos para Assobio

No Brasil é muito raro os donos do poder artístico-intelectual descobrirem alguém. Ficam sentados, na sua, e se deixam assaltar pela ocasionalidade do que, nos corredores, insistem, se promovem, se oferecem — até fisicamente. Daí a vasta mediocridade de nosso mundo intelectual ostensivo, enquanto um sem-número de talentos jamais tem oportunidade.

Estou apresentando hoje, a vocês, um poeta, Manoel de Barros, de Mato Grosso do Sul. Não é um novato. De vida tem mais de 70 anos. Ele não se manifesta esperando que a mídia se manifestasse. Que escritores especializados se manifestassem. O Suplemento Literário de Minas Gerais (honra ao jornal) deu duas notas, elogiando. Foi só “Não é um país sério” — já dizia o parigado francês”.

MILLOR FERNANDES

Um filme tira do anonimato o poeta Manoel de Barros

Caramujo do Pantanal

GUALTER MATHIAS NETO

Há no Brasil um poeta de 70 anos, 30 de poesia, com oito livros publicados e dois premiados, que permanece praticamente um desconhecido até mesmo dos especialistas. Seu nome é Manoel de Barros, o sul-matogrossense tema do curta-metragem "O inviável anonimato do caramujo-flor", o resgate de uma dívida nacional que começa a ser filmado pelo diretor Joel Pizzini agora em julho.

O filme terá no elenco nomes famosos como Ney Matogrosso, Rubens Correia e Tetê Espíndola, e a confirmarem, Aracy Balabanian e Ney Latorraca — todos contrerrâneos do poeta. As locações serão no Pantanal sul-matogrossense, Casario do Porto (Corumbá), Campo Grande, Gruta do Lago Azul (Bonito) e Rio de Janeiro.

Manoel de Barros nasceu em Cuiabá, mas viveu os primeiros oito anos no Pantanal, onde o pai era "arameiro" (fazedor de cercas). Ali fez seu aprendizado de vida — e de poesia — observando as formigas, caramujos, lagartixas. Era o que ele chama de "apogeu do chão e do pequeno".

Sua poesia é bastante marcada por esse mundo rasteiro, o que, para muitos, justificaria o rótulo de "telurismo". Mas, como diz Antônio Houaiss no prefácio de um dos livros do poeta, "o bairrismo é algo diferente: é uma vivência-comunhão-inteligência com o ser-ente vivo... em que o concreto se exprime pelo traste ou vermes ou coisinhas 'impoéticas'..."

Aos dez anos, Barros veio para o Rio de Janeiro, onde formou-se em Direito em 1939 e conviveu com Guimarães Rosa. Em 1937, publicou seu primeiro livro, em edição particular e restrita, com o título singelo de "Cabeludinho",

mais tarde trocado para "Poemas concebidos sem pecado" (Olímpica Editora). Foi militante do Partido Comunista de 1935 a 1945 e em 1947 foi estudar cinema e artes plásticas em Nova York.

Foi lá que descobriu Paul Klee e

Bracque, redescobriu Eliot e teve acesso à primeira edição dos "Cantos" de Ezra Pound, que acabava de ser lançada. Estas foram algumas das influências marcantes que recebeu e estão presentes no referencial de sua obra. contudo



**Se no tranco do vento a lesma treme,
no que sou de parede a mesma prega;
se no fundo da concha a lesma freme,
aos refohos da carne ela se agrega;
se nas abas da noite a lesma treva,
no que em mim jaz de escuro ela se trava;
se no meio da náusea a lesma gosma,
no que sofro de musgo a cuja lesma;
se no vinco da folha a lesma escuma,
nas calçadas do poema a vaca empluma!**

Manoel de Barros



muito pessoal.

Poeta e fazendeiro, Manoel de Barros vive hoje em Cuiabá, onde prepara seu próximo livro: "A arte de infantilizar as formigas". "O personagem é um desses idiotas de estrada que urinam nas formigas", informa o autor a José Maria Cançado ("Leia" de junho).

Além de Antônio Houaiss, contam-se entre os iniciados na obra do poeta admiradores entusiasmados como Chacal, Evandro Mesquita, Geraldinho Carneiro, Millôr Fernandes e Ênio Silveira. Seu maior fã, o escritor João Antônio, o considera "o maior poeta brasileiro vivo". Ele, porém, permanece na semi-obscuridade, em parte por ser avesso a entrevistas e publicidade.

Para contar a história desse caramujo anônimo, Joel Pizzini optou por uma narrativa em "flashbacks" surreais, pontuados pela música de Erik Satie. "O repertório de imagens de Barros exige uma fotografia sensorial e detalhista, voltada antes de tudo para a pequenez larval do Cosmo", diz Pizzini.

Esse é um trabalho para Pedro Farkas, que começou como assistente de câmera de Lauro Escorel ("Rei da noite" e "Lúcio Flávio, passageiro da agonia", de Hector Babenco), trabalhou em "Quilombo", de Cacá Diegues, e se revelou diretor de fotografia em "O rei da vela", de José Celso Martinez Correa. Em 1985, Farkas ganhou o prêmio de melhor fotografia por "A marvada carne", de André Klotzel, no Festival de Gramado.

Joel Pizzini, o diretor, é autor do roteiro do vídeo "Alma em revista", exibido em festivais de Roma e Barcelona, fez estágio na NBC-TV, nos Estados Unidos, foi assistente de direção de "A guerra do Brasil", de Silvio Back. Atualmente, faz a pesquisa histórica do filme "Vlado: O Caso Herzog".



Ney Matogrosso, entre outros, participará do filme sobre Manoel de Barros (alto)

Nabokov:
'Perfeição' reúne
contos do escritor
russo • 3

PROSA & VERSO

Ensaio: Bioy
Casares escreve
sobre a literatura
italiana • 6

SÁBADO, 2 DE MARÇO DE 1996

Um inventor de palavras

Manoel de Barros lança livro com poemas inéditos sobre a infância e diz que prefere o Leblon ao Pantanal

ENTREVISTA

Manoel de Barros

Manoel de Barros não sabe fazer as coisas pela metade. Foi a Lisboa só para se sentar à mesma mesa usada por Fernando Pessoa num restaurante do bairro do Chiado. Leu a obra de Guimarães

Rosa para escrever um livro em homenagem ao autor de "Grande sertão: veredas" e se sentiu *roseado*. Considerado um dos maiores poetas brasileiros vivos, ele se prepara para lançar, pela Record, "Livro sobre nada", com poemas inéditos. Aos 79 anos, diz que voltou à infância

nos novos versos e conta que não escreve sobre as paisagens do Pantanal, onde fica sua fazenda, porque elas já vivem dentro dele. Explica também o "nada" do título do livro: "O meu nada é nada mesmo. Uma lata furada. Não sou capaz de indagações metafísicas".

Daniela Name

O GLOBO: O título de seu novo livro mudou de "Contemplação dos detritos" para "Livro sobre nada". Por quê?

MANOEL DE BARROS: "Contemplação dos detritos" é o título de um poema do livro. O título geral eu ainda não achara. Achei agora, será "Livro sobre nada". Parece que está mais de acordo comigo. Gosto de dizer que o meu nada é nada mesmo. Coisa nenhuma, nadeiras. Não seria o *Nada* metafísico. O que vem de nossa perplexidade diante da vida, o nada existencial. Não sou capaz de indagações metafísicas. Não. O meu nada é nada mesmo. Uma lata furada. Um objeto sem função. Um besouro que não trepa no abstrato. Alarmes para silêncio. Talvez o meu nada seja um engenho que inventei para infantilizar formigas. Também pode ser um nada pessoal. Algum sujeito que esteja entrando num esgoto. Um tipo de ser que falasse coisas assim: "Do lugar onde estou já fui embora". Ou: "Não saio de dentro de mim nem pra pescar". Ou: "Tudo que não invento é falso".

• O senhor estava relendo a obra de Guimarães Rosa para fazer um livro com diálogos fictícios com ele. Abandonou o projeto?

BARROS: Pretendi mesmo fazer uma



mais a partir deles do que dos grandes escritores.

• Como preservar essa linguagem depois que os caminhoneiros, o rádio e a televisão começaram a levar as expressões do Sudeste para o resto do país?

BARROS: Vivi uma experiência fascinante de certo dialeto que estava se formando no Pantanal da minha infância. Meus pais viveram 30 anos dentro do Pantanal. Aos 9 anos eu fui estudar fora. Voltava nas férias para a fazenda. Aquilo era um núcleo com dez, 15 pessoas. Lugar isolado. Com 15 anos, comecei a me interessar pelos costumes e pelos termos que as pessoas falavam. Expressões novas, inventadas para suprir a pobreza do vocabulário. Achava que um dialeto se formaria naquela ilha linguística. Fiquei entusiasmado, colecionei cerca de 500 termos. Pensei em estruturar o dialeto pantaneiro. Mas vieram os radinhos de pilha, caminhões, carros, gente de fora. E o meu dialeto se poluiu. Dizem que eu falo isso com certa amargura, porque não pude preservar a pureza primitiva das falas do Pantanal. Pode ser.

• Ao falar do Pantanal, o senhor deixa de lado as grandes paisagens e prefere se dedicar a caramujos, insetos e outras miudezas. Também gosta muito do

Daniela Name

O GLOBO: O título de seu novo livro mudou de "Contemplação dos detritos" para "Livro sobre nada". Por quê?

MANOEL DE BARROS: "Contemplação dos detritos" é o título de um poema do livro. O título geral eu ainda não achava. Achei agora, será "Livro sobre nada". Parece que está mais de acordo comigo. Gosto de dizer que o meu nada é nada mesmo. Coisa nenhuma, nadeiras. Não seria o Nada metafísico. O que vem de nossa perplexidade diante da vida, o nada existencial. Não sou capaz de indagações metafísicas. Não. O meu nada é nada mesmo. Uma lata furada. Um objeto sem função. Um besouro que não trepa no abstrato. Alarmes para silêncio. Talvez o meu nada seja um engenho que inventei para infantilizar formigas. Também pode ser um nada pessoal. Algum sujeito que esteja entrando num esgoto. Um tipo de ser que falasse coisas assim: "Do lugar onde estou já fui embora". Ou: "Não saio de dentro de mim nem pra pescar". Ou: "Tudo que não invento é falso".

• O senhor estava relendo a obra de Guimarães Rosa para fazer um livro com diálogos fictícios com ele. Abandonou o projeto?

BARROS: Pretendi mesmo fazer uma prosa em que eu falasse coisas do Pantanal e o Rosa falasse coisas do seu sertão. Pensei em inventar conversas. Eu com minhas molecagens semânticas, ele com a sua sintaxe exuberante. Então fui reler o Rosa todo. E emergi roseado. Escrevendo roseado. Fazia só pastiches dele. A força do gênio me anulou. Fiz 12 laudas do tal livro e vi que não me saíram. Saíram a ele. Vou dar um tempo para me ser de novo. Além disso, eu estava cheio de silêncio outra vez, e precisava soltar em versos esses silêncios.

• O senhor já foi comparado a Rosa por inventar palavras. Como se amadurece um vocabulário tão particular?

BARROS: Eu invento palavras de acordo com as virtualidades do nosso idioma. O povo sabe fazer isso mais do que os escritores. Aquele nosso ex-ministro do Trabalho, o Magri, que é um homem do povo, inventou um modo do verbo mexer que mexeu com os vestais da gramática. Ele disse "imexível". Não fez mais nada do que usar um processo virtual da criação. Hoje se lê em colunas de cinema: "um filme imperdível". Ninguém se assusta. Não estou defendendo o Magri, estou defendendo um processo legítimo de enriquecer o idioma.

• Seu novo livro traz recordações da infância no Pantanal. É mais fácil para um escritor lembrar os tempos de criança quando chega à maturidade?



BARROS: No meu caso, está sendo um regalo. Parece que a gente chegou no olho da fonte. A gente vai desobstruindo os entulhos da fonte tirando de lado os aprendimentos de tomos, afastando informações, chegando ao des-saber perfeito. Então as lembranças borbulham. Estou tendo um borbulhamento das memórias de minha infância, das memórias fósseis dos meus antepassados, muitas memórias de mil anos, talvez. Parece que estou aprendendo de novo a fazer fogo atritando pedras.

• Apesar de escrever desde os 19 anos, o senhor só se tornou um autor famoso depois dos 60. Isso foi bom ou ruim?

BARROS: Quando publiquei meu primeiro livro, "Poemas concebidos sem

'O que sei de escrever aprendi de não estudar. É como ter faro bom. Eu toco de ouvido'

pecado", padecia de uma presunção... Achava que o livro ia estourar. Eu andava lendo muito Alencar e Mário de Andrade. Fiquei com aquele ritmo do início de "Iracema" e de "Macunaíma". Na ingenuidade dos meus 19 anos, achei que os críticos descobririam a semelhança entre mim e eles e me elevariam ao nível de Mário de Andrade. Mas foi o

maior silêncio, ouço ele até hoje. Cai de muito alto. Um dia, aos 60 anos, alguém me viu. Não achei bom nem ruim. Foi o meu caminho. O resto é bênção.

• Alguns de seus poemas usam expressões do povo. Qual é a importância da linguagem popular na sua poesia?

BARROS: O que sei de escrever aprendi de não estudar. Toco de ouvido. Tenho um instinto lingüístico apurado. Seria como ter faro bom. Tenho um agudo e especial gosto por ouvir expressões inusuais, sintaxes tortas. Povo, criança, bêbados, psicóticos e primitivos renovam as linguagens. Inventam maneiras de falar que me entusiasma. Sou muito abastecido por esses falares. São os que criam por fora dos livros. Invento

mais a partir deles do que dos grandes escritores.

• Como preservar essa linguagem depois que os caminhoneiros, o rádio e a televisão começaram a levar as expressões do Sudeste para o resto do país?

BARROS: Vivi uma experiência fascinante de certo dialeto que estava se formando no Pantanal da minha infância. Meus pais viveram 30 anos dentro do Pantanal. Aos 9 anos eu fui estudar fora. Voltava nas férias para a fazenda. Aquilo era um núcleo com dez, 15 pessoas. Lugar isolado. Com 15 anos, comecei a me interessar pelos costumes e pelos termos que as pessoas falavam. Expressões novas, inventadas para suprir a pobreza do vocabulário. Achava que um dialeto se formaria naquela ilha lingüística. Fiquei entusiasmado, colecionei cerca de 500 termos. Pensei em estruturar o dialeto pantaneiro. Mas vieram os radinhos de pilha, caminhões, carros, gente de fora. E o meu dialeto se poluiu. Dizem que eu falo isso com certa amargura, porque não pude preservar a pureza primitiva das falas do Pantanal. Pode ser.

• Ao falar do Pantanal, o senhor deixa de lado as grandes paisagens e prefere se dedicar a caramujos, insetos e outras miudezas. Também gosta muito do mar. Acha que o brasileiro — especialmente o escritor brasileiro — tem mania de grandeza?

BARROS: Sei de tudo que o Pantanal representa como santuário ecológico. Só que nasci e me criei lá. Acho que a paisagem está incorporada em mim. Os encantos se apagam. O mar, o grande mar, também não deve ter o mesmo encanto para mim e para os surfistas. Não desprezo o Pantanal. Mas prefiro o Leblon. O mar me fascina porque não tenho mar. E o Pantanal fascina aos que não têm sua diária paisagem. Agora, não sei por que esse gosto pelo ínfimo. Só sei que é nele que vejo a exuberância.

• Sua obra também já foi comparada a de Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa. O título de um de seus livros, "O guardador das águas", é uma homenagem a ele?

BARROS: Mostrei meu gosto pelas liberdades de Caeiro com o título. É pelo tanto que amo "O guardador de rebanhos". Fui até Lisboa só para me sentar na mesa de um restaurante do Chiado, onde Fernando Pessoa se sentava. Bem, não foi só por isso, mas era um desejo poético. Entrei no restaurante, havia só uma mesa vazia. Perguntei ao garçom: "Em que mesa o poeta se sentava?". E o garçom: "Naquela que está vazia". Eu vi logo que todas as mesas que estivessem vazias seriam aquela em que o poeta se sentava. ■

Cavalcante

BALANÇO DE 96/LIVROS: *Manoel de Barros puxa o inesperado sucesso de público e crítica da poesia em ano de vendas mornas*

Inspiração no nada e nas muitas caras da cidade

Série de biografias 'Perfis do Rio' também é destaque enquanto Bienal do Rio é ameaçada por uma feira anual em SP

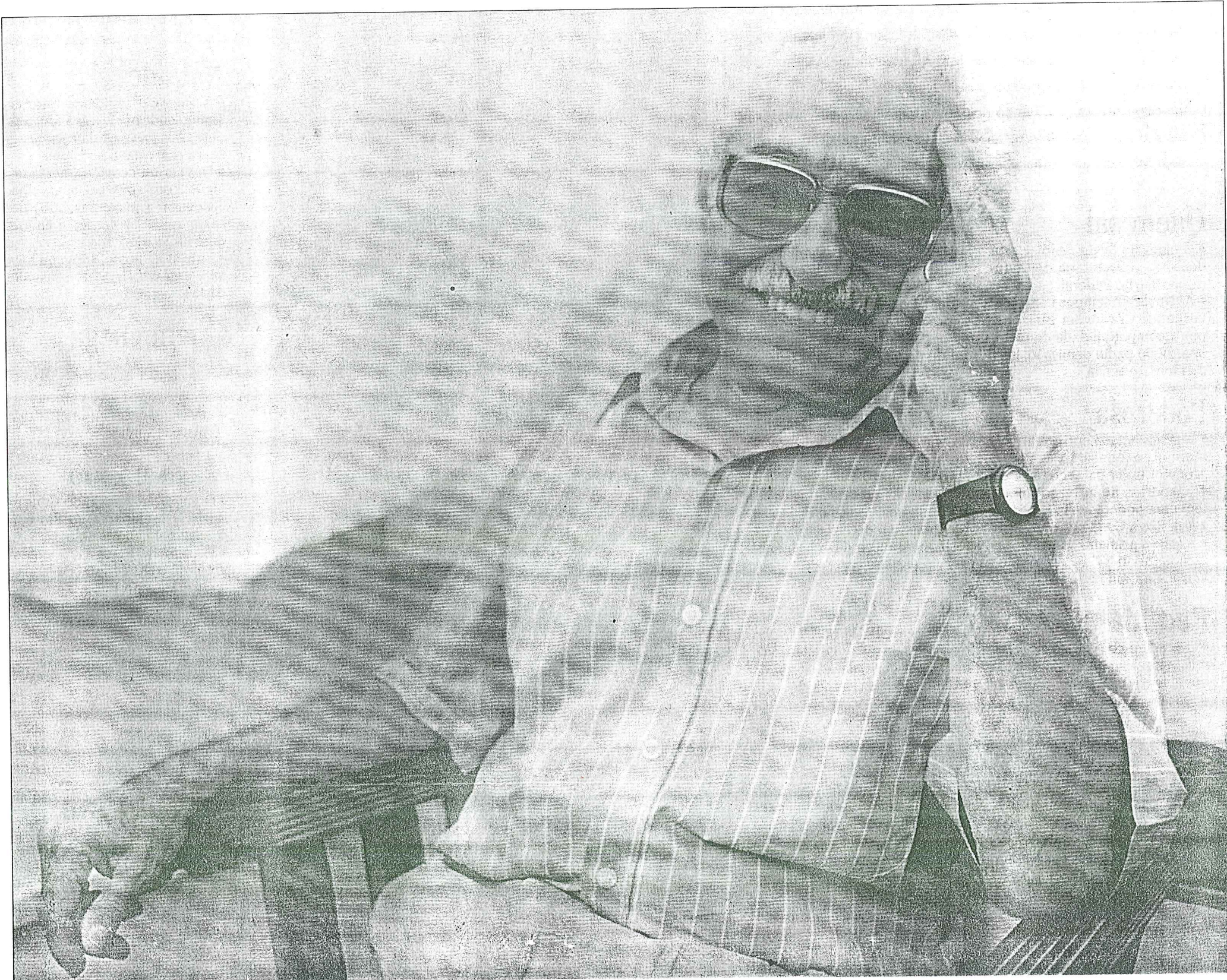
Daniela Name e
Paulo Roberto Pires

Quando se comemora — ou se lamenta — as quatro décadas de influência do concretismo na literatura brasileira, a poesia dominou em grande estilo um ano literário e editorial que não foi lá estas coisas em termos de vendas. Que "Farewell", livro póstumo e irregular de Carlos Drummond de Andrade, fosse ser sucesso imediato, ninguém duvidava. Mas a grande e grata surpresa ficou por conta das imagens inusitadas, sofisticadas e livres de sentimentalismo do matogrossense Manoel de Barros. Com seu "Livro sobre nada" (Record) transformado num dos grandes sucessos de vendas da Bienal do Livro de São Paulo e deste fim de ano, Manoel de Barros surge como o grande personagem da literatura, tendo finalmente saído, aos 80 anos, do circuito *cult* e universitário que ajudou a consolidar sua reputação em mais de 60 anos de poesia.

Editoras investem em várias tendências da poesia

— Eu não sei dizer se o ano foi bom ou não para a poesia em geral — diz Manoel de Barros, por telefone, de sua fazenda no Mato Grosso. — Mas para a minha poesia foi um ano bom, muito bom, tive um livro muito bem cuidado e muito bonito.

Para provar de uma vez por todas que poesia não é mais coisa de mimeógrafo, as editoras investiram sem medo no gênero, sem limitar os lançamentos a um determinado modelo. Por conta disso, convivem nas estantes a austeridade de "A juventude dos deuses" (Topbooks), de Alexei Bueno, a *egotrip* poética de Bruno Tolentino em "A balada do cárcere" (Topbooks) ou, por exemplo, "Guardar", estréia em livro do ótimo compositor pop Antonio Cíce-



terminado modelo. Por conta disso, convivem nas estantes a austeridade de “A juventude dos deuses” (Topbooks), de Alexei Bueno, a *egotrip* poética de Bruno Tolentino em “A balada do cárcere” (Topbooks) ou, por exemplo, “Guardar”, estréia em livro do ótimo compositor pop Antonio Cícero. Outro compositor, Aldir Blanc, surpreendeu não pelas crônicas ou letras de música, mas pelos poemas incluídos no livro “Um cara bacana na 19^a”.

— Apostamos no livro de poesia como um presente bom, bonito e barato — diz Luciana Villas-Bôas, gerente editorial da Record, que também editou Aldir Blanc. — Deu muito certo com o Manoel de Barros e ampliamos muito o perfil da editora.

E há poemas para todos os gostos, sem escolas ou tendências dominantes, como demonstrou a Biblioteca Nacional ao dividir o prêmio Alphonsus de Guimaraens de Poesia entre “Livro sobre nada” e “Algaravias — Câmara de ecos” (Editora 34). Seu autor, Waly Salomão, jamais havia vencido qualquer prêmio, apesar de ter marcado a década de 70 com o autobiográfico “Me segura que eu vou dar um troço”.

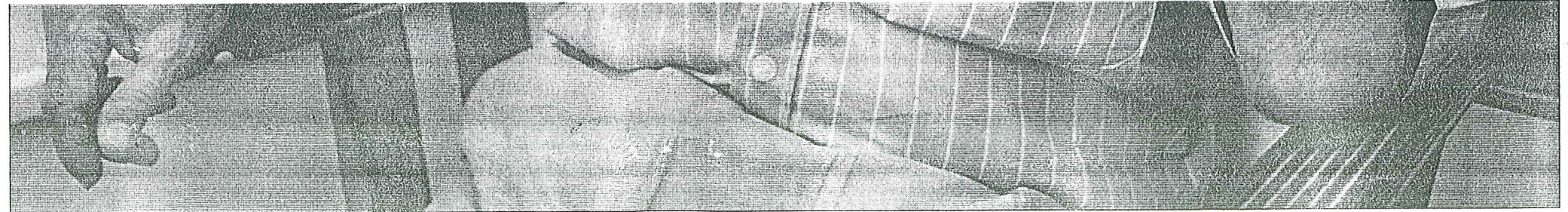
‘Santa Evita’ e ‘A porta’ são destaques em ficção

Um dos poetas mais elogiados surgido nos últimos anos, Carlito Azevedo lançou “Sob a noite física” consagrando a corajosa opção da Sette Letras pelo gênero. Com tiragens reduzidas e uma produção gráfica caprichada, a pequena editora pilotada por Jorge Viveiros de Castro apostou em boas estréias, como “Súnia”, de Mércia Pessoa, e “Vívido”, de Pedro Amaral. Este último já ganhou um fã de prestígio:

— Leio muitos trabalhos de autores novos, mas a coisa mais bonita que recebi este ano é o “Vívido” — diz Manoel de Barros. — Curioso é que ninguém falou sobre o livro. Um dia esse rapaz vai arrebentar a boca do balão.

Em 1996, a Bienal de São Paulo cresceu e mudou de endereço. Instalada no gigantesco centro de convenções ExpoNorte, a feira foi marcada por vendas mornas e trouxe uma novidade: em 1998, a Câmara Brasileira do Livro passa a promover na capital paulista uma feira anual. Os organizadores juram que o evento em nada vai comprometer a Bienal do Rio, mas resta saber se as editoras vão ter fôlego para abastecer dois mercados por ano.

— A feira vai acontecer, mas seu perfil ainda não está decidido



MANOEL DE BARROS: aos 80 anos, o poeta pantaneiro saiu definitivamente do circuito “cult” e universitário para se transformar num dos sucessos de vendas de um ano atípico, dominado pela poesia

CORPO A CORPO

MANOEL DE BARROS

‘Só vejo exuberância no ínfimo’

Escolhido a personalidade do ano na área da literatura, pela qualidade e pelo sucesso de público de seu último trabalho, “Livro sobre nada”, Manoel de Barros lamenta, em entrevista por telefone de sua casa, no Pantanal, que os meios de comunicação tenham bloqueado o nascimento de um dialeto pantaneiro.

Daniela Name

O GLOBO: *O senhor esperava que “Livro sobre nada” obtivesse tanto sucesso?*

MANOEL DE BARROS: Depois que vi o livro publicado, achei que ele era uma jóia do ponto de vista físico. E como confio de alguma maneira no que tem lá dentro, esperava o sucesso.

• *O título do livro mudou de “Contemplação dos detritos”, que batiza um dos poemas, para “O livro sobre nada”. Por quê?*

MANOEL: O primeiro título era qualquer coisa como o meu olhar em cima dos detritos, mas o meu olhar mudou e comecei a olhar para o nada mesmo. Por isso, desprezei o primeiro título.

• *O senhor já foi comparado a Guimarães Rosa por conta do uso de neologismos. Como se amadurece um vocabulário tão particular?*

MANOEL: É um instinto linguístico. Tenho prazer em usar uma sintaxe torta, de termos desusados. Não gosto de frase acostuada, de palavra acostuada, tenho esse instinto de não gostar da mesmice. Rosa também não gostava, odiava fazer frases iguais, sempre fugiu do lugar comum.

• *O senhor tinha, aliás, um projeto de escrever um livro sobre Rosa. Foi abandonado?*

MANOEL: Esse projeto me foi sugerido por Ênio

Silveira. Ele queria que eu fizesse um diálogo inventado com o Rosa. Eu falando sobre o Pantanal, ele sobre o sertão. Li e reli toda a obra do Rosa mas, quando terminei, fiquei roseado. Escrevi umas 20 páginas e ao reler percebi que só Rosa estava falando. Estou dando um tempo.

• *Como preservar a linguagem pantaneira depois que a televisão e o rádio chegaram à região, alterando o vocabulário da população local?*

MANOEL: Esse é um outro problema. Quando eu tinha um 15 anos, achava que o Panatanl ia se tornar uma ilha linguística porque tinha um núcleo populacional muito pequeno e pouco freqüentado. Eu achava que o Pantanal redundaria num dialeto, pois o dialeto é feito da falta de vocabulário, da falta de informações e, então, as pessoas vão inventando uma linguagem. e criando coisas. O pantaneiro é muito imaginoso, porque vive num lugar distante, sozinho, onde a ausência das coisas é muito maior do que a presença. Então comecei a colecionar expressões e termos pantaneiros, cheguei a selecionar cerca de 500. Fiquei um pouco fanatizado, achando que podia estruturar um dialeto. Mas depois, quando os peões começaram a trocar o violão pelo rádio, entraram umas vozes de fora e poluíram a linguagem pantaneira. Eu fiquei naquele desespero, achei que o meu ideal de estruturar um dialeto ia ser destruído, que esse dialeto não ia mais nascer. Como de fato não nasceu. De certa maneira, fiquei frustrado.

• *Ao falar do Pantanal, o senhor abandona as grandes paisagens para se ocupar de “miudezas”, como os animais e as plantas. Por quê?*

MANOEL: Isso é outro tipo de tara, né? não tem explicação. Só vejo a exuberância no ínfimo.

— diz o editor Paulo Rocco, da Rocco, membro do conselho da Câmara. — O fato é que estamos apostando todas as fichas na Bienal do Livro do Rio, em 97. Aqui, a feira tem um grande espírito de celebração da literatura, uma cara de festa que ajuda muito nas vendas e na promoção institucional do livro como produto. Já dividimos o espaço do Riocentro e as adesões aumentaram muito, vamos ter dois pavilhões no ano que vem.

Se não voltou a estourar como nos últimos anos, o gênero biográfico rendeu pelo menos um título antológico. Em “O rebelde do traço — A vida de Henfil”, Dênis de Moraes mostrou que pesquisa minuciosa nem sempre é sinônimo de chatice e também não precisa de gracinhas para ser digerida. Num texto sóbrio, a vida do cartunista é reconstituída no tom certo, num dos melhores trabalhos do biógrafo Graciliano Ramos. Outra vida, a de Garrincha,

pôde finalmente ser lida na versão de Ruý Castro com a decisão da Justiça de suspender a censura a “Estrela solitária”.

A vida alheia rendeu no entanto o melhor projeto editorial do ano: a série “Perfis do Rio”, do Rioarte. A idéia de biografar personalidades cariocas — de nascimento ou adoção — rendeu 18 livrinhos bem feitos e simpáticos que, se não têm uma qualidade uniforme, dão um excelente retrato do que melhor se fez e se faz na

OS MELHORES LIVROS DO ANO

DE HENFIL A EVITA

Nacionais

• **O REBELDE DO TRAÇO — A VIDA DE HENFIL**, de Dênis de Moraes (José Olympio).

• **LIVRO SOBRE O NADA**, de Manoel de Barros (Record).

• **MARGINÁLIA**, de Marisa Alvarez de Lima, (Salamandra).

• **KEITH JARRET NO BLUE NOTE**, de Silviano Santiago (Rocco).

• **BRASIL NAÇÃO**, de Manoel Bomfim (Topbooks).

• **PAISAGENS URBANAS**, de Nelson Brissac Peixoto (Marca d'Água/ Senac).

• **ALGARAVIAS**, de Waly Salomão (Editora 34).

• **DIÁRIOS ÍNDIOS: OS URUBUS-KAAPOR**, de Darcy Ribeiro (Companhia das Letras).

• **A SOLIDÃO POVOADA**, de Monique Le Moing (Nova Fronteira).

• **A PORTA**, de Heloisa Seixas (Record).

Internacionais

• **SANTA EVITA**, de Thomas Eloy Martinez (Companhia das Letras).

• **LÍRICA**, de Dante, com organização e tradução de Jorge Wanderley (Topbooks).

• **PALIMPSESTO**, de Gore Vidal (Rocco).

• **PAISAGEM E MEMÓRIA**, de Simon Schamma (Companhia das Letras).

• **O DESENTENDIMENTO**, de Jacques Rancière (34).

• **ALEGORIAS DA LEITURA**, de Paul de Mann (Imago).

• **A LITERATURA INGLESA**, de Anthony Burgess (Ática).

• **A ARTE DA FOME**, de Paul Auster (José Olympio).

• **OS ESFORÇOS DO AFETO**, de Elisabeth Bishop (Companhia das Letras)

• **O HOMEM REVOLTADO**, de Albert Camus (Record).

VOTARAM NA LISTA Daniela Name, Luciano Trigo e Paulo Roberto Pires

cidade. O Rioarte mantém o projeto no ano que vem, embalado pelo sucesso editorial e de vendas — os “Perfis” passaram inclusive a freqüentar todas as listas de mais vendidos.

Na área de ficção, o destaque nacional fica com “A porta”, romance que confirma o talento de Heloísa Seixas, descoberta em “O pente de vênus”. Sobrenatural e erotismo não resultam em vulgaridade numa história de amor violenta.

A surpresa internacional ficou mesmo com “Santa Evita”, do argentino Tomás Eloy Martinez. A idéia de contar a peregrinação do cadáver de Eva Perón rendeu resenhas elogiosas ao esforço de reportagem do autor. Mas nem tudo era verdade. Martinez inverteu a fórmula do *new journalism*: em vez de contar a verdade romanceada, ele tomou como fato personagens e investigações que embaralhavam real e ficção. O resultado é perturbador. ■

Manoel de Barros, o poeta vai sair do limbo

□ O ano literário de 89 já tem uma marca: será o ano Manoel de Barros. O poeta deixa o caramujo, em abril, para lançar um livro e se mostrar por inteiro na mais longa entrevista já dada.

Luiz Turiba
Especial para o CORREIO

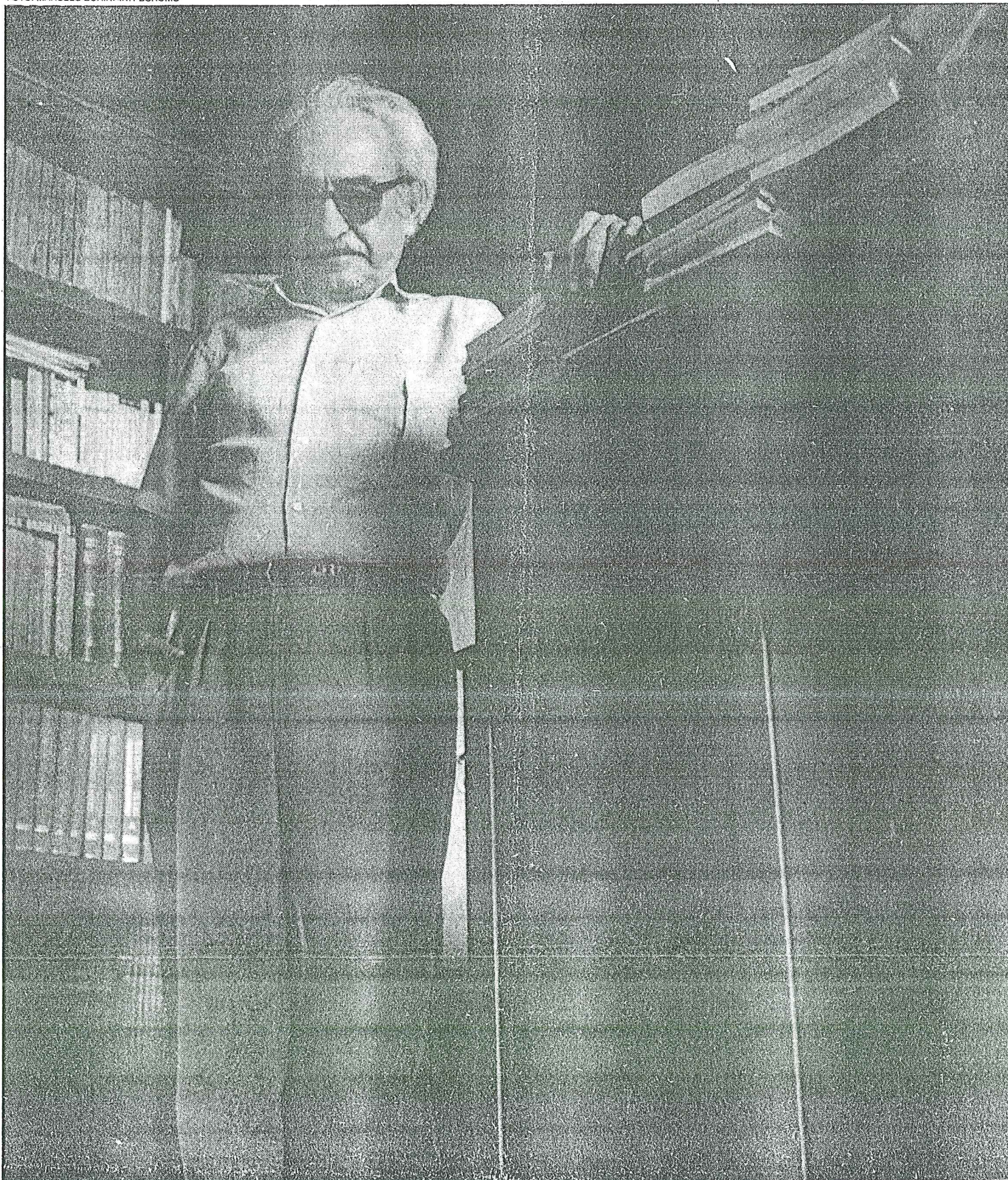
Manoel de Barros desencaramuja-se. Grande notícia! O poeta ensilesnado resolve aproveitar a temporada das águas no Pantanal Matogrossense para fazer escorrer pelas vazantes de barro, lamas e jacarés seus encantantes versos de maturidade Zen. Para quem viveu 52 anos de poesia em completo auto-exílio, foi surpreendente vê-lo (e principalmente senti-lo) declarar a plenos pulmões:

"Estou resolvido. Antes, não admitia. Fugia, me sentia desonrado. Mas agora quero ser amado através da minha poesia".

A partir do próximo mês, o público leitor brasileiro e o mundo amante dos bons fluxos tomarão conhecimento real deste poeta de rara grandeza, "tão falado" e tão pouco conhecido. Dois acontecimentos marcarão a definitiva saída de Manoel de Barros do limbo. Primeiro: a Art Editora de São Paulo lança seu nono livro *O Guardador de Aguas* com tiragem de três mil exemplares praticamente esgotada; segundo, em Brasília, a revista de poesia *Bric-a-Brac* ocupará cerca de 20 páginas de sua edição com uma entrevista-reflexão sobre seus 52 anos de militância poética, seu universo literário, suas viagens por Nova Iorque, Paris e Lisboa, seu diálogo com demais escritores e poetas e sua magnífica experiência com Guimarães Rosa onde entrecruzaram-se o grande Sertão de Minas com o infinito Pantanal de Mato Grosso:

"Foi uma das melhores coisas que fiz na vida", disse Manoel de Barros aos editores de *Bric-a-Brac*, que passaram o último fim de semana tomando caldo de piranha em Campo Grande, Mato Grosso.

FOTO: MARCELO BUAINAIN/PBCROMO



trumentalizado. Principalmente de dicionários. É capaz de reescrever o mesmo poema cinco mil vezes até sentir que "o lirismo encontrou um ritmo". Cada vez seus poemas merecem "mais surras":

"O poema tem que andar neste caminho. Não gosto de engajamentos. As piores coisas que Maiakowski fez foram políticas. Quem quiser se engajar que vá para um sindicato. Minha linguagem precisa descansar de significados. Procuro em cada verso a essência Zen, transcente e transmutante".

É buscando "o quá de quê" e o "quê quê este" — ou como dizia Guimarães Rosa em "o quem das coisas" — que ele gasta suas manhãs. Agora está lendo José Lezama Lima, um poeta cubano da "vieja Havana barroca" e encomendou ao poeta João Borges *As Lendas do Oku*, de Bashô, tradução de Olga Sawagi. À tarde, vai para o escritório da sua fazenda no centro de Campo Grande, onde lê jornais, conversa com amigos e "coça o saco". Na semana passada, seu irmão Abílio de Barros, também fazendeiro em Corumbá, "o homem que mais entende de Pantanal do mundo", trouxe-lhe notícia desagradável: os "coureiros" haviam invadido as fazendas de ambos e cometeram um verdadeiro "jaca-recídio". Foram encontradas cerca de 400 carcaças dos bichos nas imediações. "Maneco" fala com dó dos jacarés. E dá uma aula de Pantanal:

"Numa só noite eles mataram cerca de 400. Não gastam nem bala. Joga luz no jacaré e fiska. Pantanal é um sem-fim. Dá o Sergipe, Alagoas e uma porção de Bahia. Não tem jeito de pegar essa gente. As águas estão em correntes. Vazam para o Taquari e o Paraguai. Vazantes são rios que ainda não se aprofundaram, não formaram leito. Isso prova que o Pantanal está no começo do mundo. O tempo geológico aqui é outro, uma zona edêmica. E essas vazantes estão cheias de jacarés. Na seca jacaré hiberna. Nas águas os jacarés ficam lá, parados. De vez em quando abrem a boca. Piranhas entram de mil na boca do jacaré".

"Nós ficamos revoltados. É o uso predatório da região. Faz aumentar o número de piranhas e diminui os demais peixes. Piranha come tudo, até rede de pescador. Jacaré é um bicho inocente".

Ser pantaneiro, Manoel sabe tudo sobre onças. Onça pintada foge do homem e do gado. Onça gosta é de capivara. Nasceu lá, quando tudo ainda era uma "ilha linguística". Por isso, há anos prepara um trabalho de "dialetologia" com 500 expressões da região a sair, quem sabe em suas obras completas ou "Dicionário do Ordinário". Seu pai foi capataz de uma das primeiras fazendas, pertencente a um tal Nheco que, assim como uma das seis filhas do Pa-

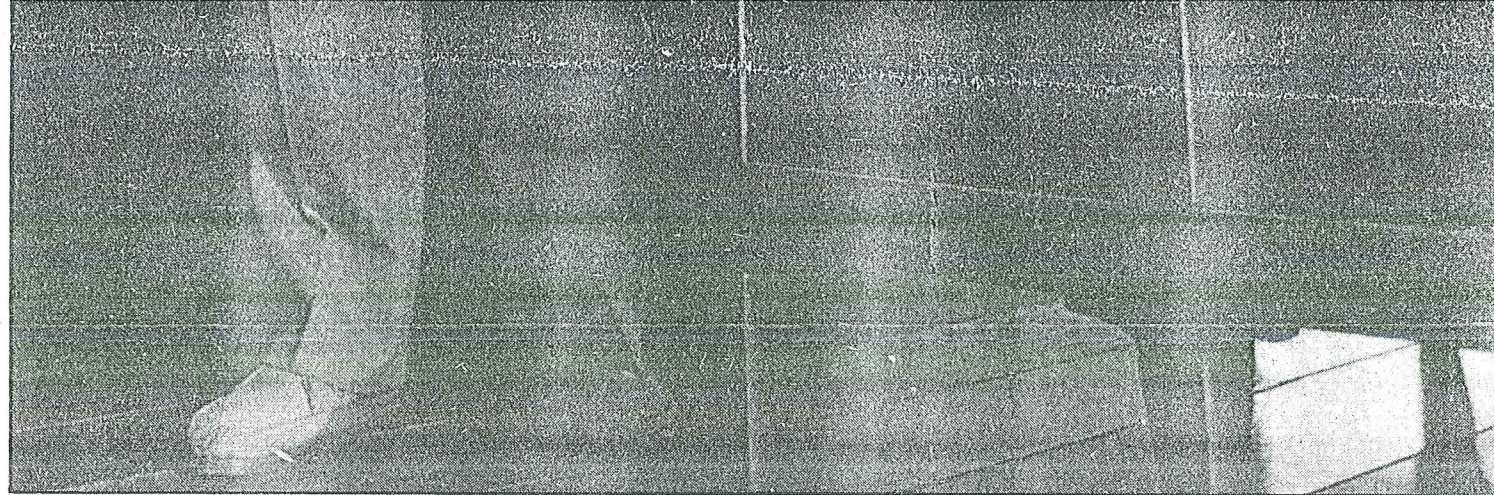
365
aos editores de *Bric-a-Brac*, que passaram o último fim de semana tomando caldo de piranha em Campo Grande, Mato Grosso.

"Foi um exercício de metalinguagem; um mergulho profundo na minha obra, uma reflexão de verdade. Estou decidido a incluir, a conselho de Antônio Houaiss, este ping-pong poético com *Bric-a-Brac* nas minhas obras completas que sairão em 1990", completou.

Nada foi combinado, mas os lançamentos simultâneos de *O Guardador de Aguas*, em São Paulo, e da revista *Bric-a-Brac*, em Brasília, — ambas no mês de abril — certamente farão com que o público leitor compreenda de maneira mais explícita porque Carlos Drummond de Andrade considerava Manoel de Barros "o maior poeta do Brasil". O seu nome cresceu nos meios intelectuais brasileiros nos últimos meses graças aos chamentos de quem teve o prazer (e a sorte) de ler seus livros anteriores, como é o caso de Millôr Fernandes, o escritor João Antônio, o editor Enio Silveira e, principalmente, o filólogo Antônio Houaiss, autor dos prefácios de seus dois últimos livros *Arranjos para Assobio* e *Livro das Pré-Coisas* e que também faz a apresentação de *O Guardador de Aguas*.

O grande sucesso do último Festival de Cinema de Brasília, o curta *Caramujo-Flor*, de Joel Pizzini, foi uma leitura clip da vida-obra de Manoel. Seu nome e sua obra também foram destaques, ao lado de João Cabral, Clarisse Lispector, João Ubaldo, Darcy Ribeiro, Jorge Amado e Pierre "Fatumbi" Verger, na edição da revista espanhola *El Pasante*, totalmente dedicada ao Brasil. Para completar a chuva de "matérias", a revista da Good-Year trimestral e multinacional, também traz uma leitura do seu trabalho.

O Brasil sensível está mais do que preparado para receber no seu convívio este pantaneiro de roça e "corixos". Prova disso é que na semana passada, o presidente do Insti-



MANOEL DE BARROS

O poeta em sua "toca de ser inútil" resolvido, agora, a ser amado pela sua poesia

tuto Nacional do Livro (INC), embaixador Vladimir Murtinho, pediu informalmente à *Bric-a-Brac* uma lista com os 30 maiores poetas brasileiros da atualidade (mesmo os que já morreram). Nas duas listas anteriores, encomendadas no Rio e em São Paulo, não constava o nome de Manoel de Barros. Uma lista definitiva será enviada a editores estrangeiros (Alemanha, Inglaterra, Itália, França e Espanha). Como esquecer Manoel de Barros, mesmo sendo sua poesia listada entre aquelas intraduzíveis?

"Maneco", seu apelido pantaneiro está um pouco assustado diante do reboleio em torno do seu nome, mas também consciente de que seus textos poéticos foram feitos, na realidade, para o povo amar:

"Nunca quiseram me publicar. Agora me oferecem até dinheiro adiantado, como foi o caso da Art Editora de São Paulo. Cheguei a ir lá pra ver se o cara existia. Não é que

ele existe mesmo?" diz morrendo de rir, sentado num sofá na casa do luxuoso bairro Jardim dos Estados, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, tendo ao lado sua esposa Stella e dois dos cinco netos. Com o mesmo sorriso completa:

"Tô com medo. Esses caras estão me botando num embaraço".

Na sua intimidade de fazendeiro, pai de família, e de escritor-poeta ninguém penetra. Entrevista de gravador ou "com luz de televisão" nem falar. Foto só se for com gente de confiança. Qualquer estudioso ou jornalista que chegava a Campo Grande querendo avistar-se com o autor de *Peixe-Cachorro*, tem que passar antes pelo crivo de Thais Costa, uma jornalista que faz o papel de sua secretária parente o público externo. É Thais quem aproxima (ou desaproxima), marca, envia textos, respostas, fotografias ou qualquer outra coisa ligada ao seu fazer poético. Lá, ele tem até um fotógrafo

de sua confiança: Marcelo Buanain, da PBCromo.

De costumes rígidos e um humor fino capaz de desarmar qualquer carrancudo literário, Manoel tem acordado invariavelmente às quatro horas da manhã para exercitar o seu fazer poético. Antes de começar a "brincar com as palavras" e "injetar insanidades nos verbos" toma a sua dose de guaraná em pó, "sou um guaranista militante" se alimenta principalmente de frutas e ovos de fazenda. Talvez seja este o segredo da sua juventude bem-corada aos 72 anos. Seu escritório poético, que costuma chamar de "lugar de ser inútil e de ser narciso", fica nos fundos de sua casa e é decorado por móveis encomendados especialmente em Minas Gerais. Alguns têm mais de 100 anos de idade. Sua grande mania são os cadernos de anotações, que ele mesmo confecciona com capas de postais de pintores que ele curte, como Miró. É um poeta totalmente ins-

nário do Ordinário". Seu pai foi capataz de uma das primeiras fazendas, pertencente a um tal Nhéco que casou com uma das seis filhas do Barão de Vila Maria:

"Naquele tempo tinha título sobrando lá na capital. O camarada foi a cavalo até o Rio avisar ao Dom Pedro que o Brasil estava sendo invadido pelos paraguaios e ganhou título de "Barão". Foi ele que trouxe a primeira ponta de gado para a região. Sou de Nossa Senhora do Livramento, encostada em Cuiabá. Lá nasceu um núcleo de garimpo. Uma cidade de garimpo é toda torta, desplanejada. Lá no Pantanal, felizmente, não tem ouro".

Manoel conversa. Todo pantaneiro gosta de conversar. Coisa que ele não faz é ir a lançamento de livros. Principalmente ser for dos seus:

"Isso é a maior desgraça que tem. Uma vez o Ênio (da Civilização Brasileira) forçou e fui. Pior que a gente não sabe o que escreve. Bebe-se umas para passar o nervoso. Gentilmente, comecei a escrever "um beijo" para mulheres e, o que é pior, também para os homens. Oh desgraça... por essa nunca mais!"

Nas épocas de lançamento, se esconde sempre na fazenda Santa Cruz para comer almocinho, almoço e almoço com os peões. É o diabo da timidez que já o deixou em boas encrescas. Mas reconhece:

"Tem gente que gosta. Fica lá soltando cuspe".

Cada história sua é uma risada garantida. Há sempre uma semântica de humor, uma sintaxe poetina. Nunca vendeu um livro. Chegou a receber cheques de direito autoral e os guarda como troféus. E não tem, por exemplo, seu livro *Face Imóvel*, de 1942, mas conseguiu lembrar-se dos principais poemas.

Agora, quer vê-lo irritado, fale da UDR perto dele:

"Não Não quero saber dessa raça, isso é um new-nazismo. Que não me venham pedir dinheiro".

105.5 MHz
BRASILIA

DISCOTECA

2001

A RÁDIO MAIS QUENTE DA CIDADE

SUPERPROMOÇÃO ULTRAJE A RIGOR
VEJA OS SUPERPRÊMIOS QUE VOCÊ PODERÁ GANHAR:

- Aparelho de Som ATR 20A com Toca-Discos, Receiver com 100 watts de potência, Duplo cassete e duas caixas de som. Valor: NCz\$ 700,00.
- 100 camisetas Ultraje A Rigor-105 FM
- 30 Fitas K7 do novo LP do Ultraje.

NOME: _____

END.: _____ FONE: _____

Para concorrer é muito fácil. Preencha o cupom e envie para a 105 FM no Setor de Rádio e TV Sul, Edifício Rádio Planalto, 5º andar ou entregue em qualquer Loja DISCOTECA 2001. O aparelho da Promoção está em exposição na Discoteca 2001 do ParkShopping. Não poderão participar desta promoção funcionários, e parentes deste, da S/A Correio Brasileiro, WEA e Discoteca 2001.

**AGUARDE O SORTEIO
OUVINDO A 105 FM**

ANÚNCIO

FONADO

223-2323

Beija-Flor de Rodas Vermelhas em abril

Beija-Flor de Rodas Vermelhas é o título do poema-síntese do livro *O Guardador de Aguas* a ser publicado no mês de abril pela Art Editora de São Paulo. Neste livro com cerca de 50 poemas agrupados em partes, Manoel de Barros alcança a maturidade dos que chegam ao estado nirvânico do conhecimento, da sabedoria e da transcendência, aquilo que ele mesmo chama de "essência zen" ou de como "ldear o verso dos significados". Outro poema histórico e eterno é *Passos para a Transfiguração*, este também a ser publicado na revista *Bric-a-Brac*, com programação visual de Resa, onde frases, versos, desenhos, títulos do autor se completam dentro de um quadro de perfeição.

A apresentação do livro, mais uma vez, é do professor Antônio Houaiss, avalizador da poética barresca. Diz

ele: "A importância da poesia e da poética de Manoel de Barros" no nosso cenário, no da língua e no do mundo — não pode ser minificada: quem, julgante, não lhe conhecer a obra, corre o risco de erro, por erro e omissão.

E continua Houaiss: "Mas isso será um pecado, pecado, pecadinho. O que lamentarei no omissio é o fato de não privar com a oportunidade de pôr em ação suas próprias mais recônditas faculdades de reação emocional, sentimental, racional, e — já que alguns o querem — irracional e pós-moderna..."

"É que Manoel de Barros é um usuário ou utente ou utilizante ou criante de palavras — havidas, haventes, haviáveis — que sangram, sorriem, safadeiam, macaqueiam, lizizam, luziluminam, que convida o

leitor a gozar — na bruteza da vida que corre — a infinita graça da disponibilidade mental para o gratuito absoluto — a nós, bichos da terra atarefadíssimos, que perdemos cada vez mais o dom do dado, a buscar macabramente o conquistado, o barganhado, o comprado, o negociado, o crocitado, o propagandeado: a pureza poética de Manoel de Barros acena-nos (dá-nos) a utopia da felicidade mental e verbal".

Ao finalizar sua apresentação de *O Guardador de Aguas*, o acadêmico Houaiss sentencia:

"Não conviver (com) este novo nono (ou décimo nono ou centésimo novo?) livro ou obra do poeta Manoel de Barros — de criatividade inarrredável (e irrepetível), de leveza etérea e telúrica, de concretude coisal e ideal, de beleza larvar e cósmica, é perder um elo de vida".

NADA É TÃO POÉTICO

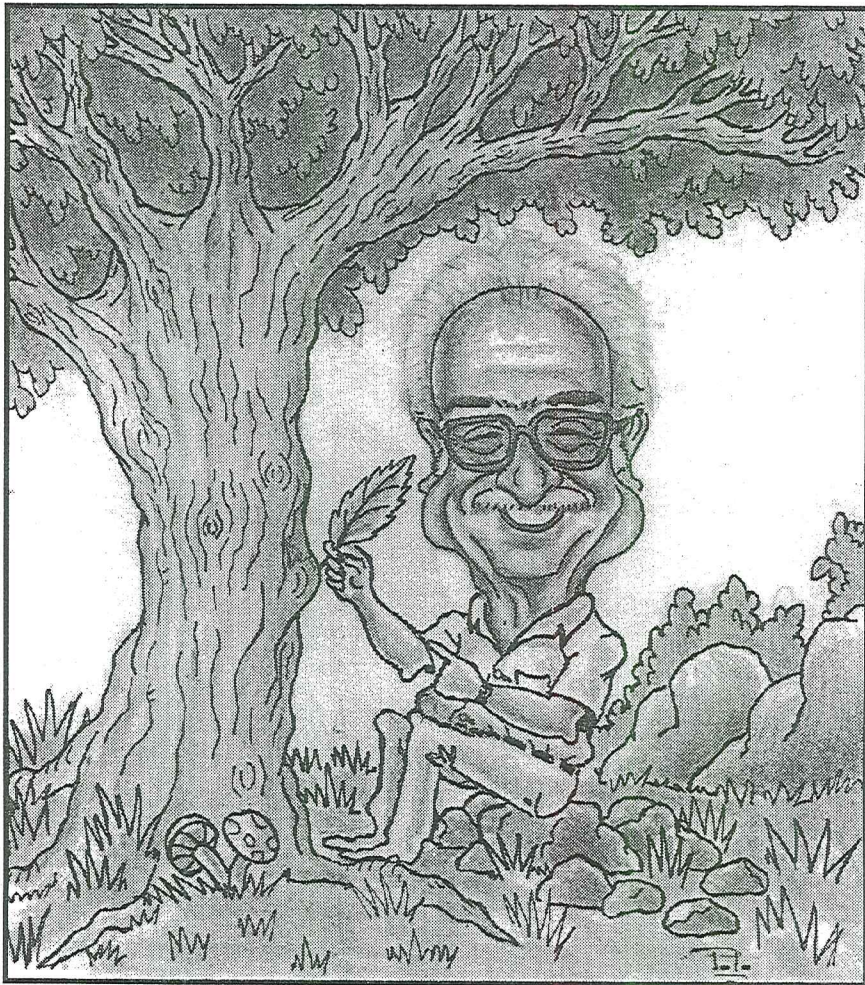
Em seu Livro Sobre Nada, Manoel de Barros nos mostra

Márcio Vassallo

Manoel de Barros é realmente um homem do vento. Como um bagunceiro do ar, ele sopra frases pelos olhos, provoca ondas no silêncio e arrasta as folhagens da lógica. Manoel é a brisa que seduz o furacão, o caramujo na velocidade da luz, o mosquito que come a lagartixa. Uma lama de estrelas sujando o formalismo de azul-grafite.

Manoel nasceu em Cuiabá, e renasce todos os dias, na sua fazenda, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. No lançamento de seu *Livro Sobre Nada*, publicado em edição caprichada pela editora Record, o poeta recebeu as pessoas, ao lado de sua esposa Stella. Tímido diante da sua própria grandeza, ele cumprimentou leitores e foi o autor mais vendido da editora, na Bienal de São Paulo. Dizem que poesia não vende. Pode ser. Na verdade, Manoel não vende poesia. Vende mel. Um mel tirado do chão, da mosca bailarina, do verme apaixonado, de tudo o que é abençoadamente inútil. Manoel diz que não gosta de palavra acostuada. daquelas que pousam sempre no mesmo galho da frase. Com hábito de ninho. Que cantam pontualmente e voam no ritmo do seu bando. Geralmente, essas palavras são belas. Por isso, muita gente vai atrás delas. E as aprisiona em gaiolas. Incapazes de admirá-las fora das grades. É. Manoel de Barros não gosta dessas palavras que se deixam aprisionar. Ele gosta de palavra Sabiá, que morre se for presa. Que não respira se não voar. Para provocar você, o LECTOR publica, com exclusividade, uma gota inédita da *Biografia do Orvalho*, próximo livro de Manoel.

Autor de *Concerto a Céu Aberto Para Solos de Ave*, *O Guardador de Águas*, *Livro das Ignorâncias* e outros clássicos da poesia contemporânea, Manoel de Barros diz no "Pretexto" do *Livro Sobre Nada* que deseja escrever a respeito de "tudo o que use o abandono por dentro e por fora." E assim, abandonado por si mesmo, Manoel se encontra na incompreensão. Uma incompreensão que liberta o leitor da própria leitura. Coisa rara que encantou Carlos Drummond de Andrade. Ele apontava Manoel como o maior poeta vivo do Brasil. Barros também comoveu Guimarães Rosa, parceiro de conversas que ainda vão virar livro. E hoje fascina Millôr Fernandes e Antônio Houaiss: escritores de estilos absolutamente diferentes, mas que se enxergam no mesmo espelho. Um espelho que não reflete nenhuma imagem. E não reflete nada, porque não tem superfície. Só de olhar para ele, você já está lá dentro. Dentro da poesia. Dentro do nada. Um nada que lhe permite olhar, sem pensar. Olhar sem refletir. Só olhar, respirar e ser um pouco mais feliz.



LECTOR - Seu *Livro Sobre Nada* foi o mais vendido da editora Record, na Bienal de São Paulo. Em segundo lugar ficou *Farewell*, de Carlos Drummond de Andrade. As pessoas estão lendo mais poesia?

MANOEL DE BARROS - Não creio que as pessoas estejam lendo mais poesia. Mas penso que o mundo está precisando de mais poesia. A gente anda muito enrolado com máquinas, com tecnologias. Está perdendo um pouco da inocência animal. Para alcançar os benefícios da ciência, o ser humano está desprezando as fontes da vida.

L - É comum escutarmos dizer que a poesia é um dos gêneros literários que menos vende no mercado editorial. Por que isso acontece?

MB - Acontece que nem todo mundo gosta de mel. Poesia é a mais fina destilação da palavra. Penso que se tem que levar, pela educação, os seres a provar o mel da poesia. Vende-se menos a poesia, porque ela é mesmo um restilo. Apenas um restilo. Em poesia não há episódios, enredos, anedotas que sirvam para prender os leitores. Ela só é uma gota de essência do ser humano.

L - Na Bienal, foi uma das poucas vezes que você autografou para o público. Como foi essa experiência?

MB - Tive uma febre de emoção. Logo depois tive uma febre de gripe. São Paulo estava frio. Fiquei de molho no hotel dois dias. Mas foi legal - como se diz. Eu estava tímido demais, escancaradamente. Acho que virei um autômato nas dedicatórias: todas iguais e ilegíveis. Gostei muito de abraçar as pessoas que foram. A gente fica na glória!

L - Como nasceu o *Livro Sobre Nada*?

MB - Tenho um caderno de ter infância. Nele escrevo as minhas fantasias. Anoto coisas desgualepadas. Boto frases dementes. Depois de obter umas 300 frases ou versos, começo a montar o poema. As frases no caderno estão esparsas, solteiras; mas fazem parte de uma experiência minha e de meus desentendimentos daquele período. Então,

montei, remonte e desmontei as frases. Depois que consigo ler o poema de baixo para cima e de cima para baixo, dou por concluído o que não tentei explicar. Ao gosto barroco. Cada verso há de ter uma unidade rítmica com idéias desencontradas.

L - O que você sente quando um livro está para nascer?

MB - Sinto que fiquei pleno de ovo. Pleno daqueles versos que escrevi no caderno de ter infância. Sinto que não tem mais nada para sair daquela frase de leituras e de vida. Sinto que meu imaginário não quer mais desabrochar. Daí começo a pensar no livro. Agora, por exemplo, estou pensando em escrever, de parceria com o Bola-Sete um livro que chamaria *Uma Biografia do Orvalho*. Meu amigo Bola-Sete, filósofo de rua, escritor de mictório, pensava em escrever um livro com desfrases. Imaginei que ele fizesse alguma coisa que fosse a sagração das folhas, da haste de uma planta, a sagração da terra - de tudo onde o orvalho pouse. *Uma Biografia do Orvalho* é título para qualquer livro de poesia. Não quer dizer nada. Com a morte de Bola-Sete vou fazer o livro sozinho.

L - No *Livro Sobre Nada*, você fala a respeito da fisiologia dos andarilhos. O que mais lhe encanta nesses homens?

MB - Eles são Tirésias sem Sófocles. São sábios sem instrução, sem Aristóteles. São poetas que não fazem versos, mas se fazem videntes. Conheci um andarilho na minha infância. É nele que penso quando uso esses seres de personagem. Era o Joaquim Sapé. Andava pelo Pantanal. Nunca se sabia de onde chegava. Com as pernas comia léguas. Certa vez pediu quatro pedaços de couro cru a meu pai. Fez uma mala com alças. Jogava a mala nas costas e ia pelas fazendas. Tinha panela, caneca, pratos, rede, coberta, fósforo, traia de mate e um pareio de roupa. Chamavam para ir embora: botava a casa nas costas e ia. Tinha 12 cachorros. Parava muito na fazenda de meu pai. Eu teria cinco anos quando o conheci. Ouvia a prosa dele

no balcão até escurecer. Ele não tinha solidão por dentro. Só por fora. Na estrada, os cachorros pegavam caça para ele. Ouví-lo era um deslumbramento para mim. Era um poeta. Conhecia a voz das pedras e do sol. "Se você é um homem, você sabe a dor do homem", ele dizia. E se você é uma árvore, você sabe a dor da árvore. Ele era a natureza.

L - Você costuma dizer que foi a sua inaptidão para o diálogo que gerou o poeta. Por quê?

MB - Sempre achei de mim isso. Eu não sei fazer as coisas práticas. Se vou bater um prego, me machuco. Se vou falar, tremuleio. As palavras se atropelam na minha boca. As conversas se partem. Então, eu acho: se não sei conversar, devo ter outras habilidades com as palavras. Melhor que conversar era mexer com letras. Fazer ressonâncias letrais. Eu já tinha 13 anos quando descobri isso: que a gente podia fazer misérias com as palavras. Eu faço artices.

L - Segundo você, "o poeta não é necessariamente um intelectual, mas é necessariamente um sensual." Como é essa sensualidade poética?

MB - A palavra poética vem, por antes, de um minadouro sensual. De um desejo de comunhão. Nasce bem mais dos sentidos do que da mente. É o ser ainda primário em nós que precisa reter-se nela. Não é o ser intelectual, o ser estudado, o ser culto que se expressa em poesia, mas o índio nele. A razão não está com nada em poesia. Lá onde tudo ainda não tem voz o mundo é erótico! A raiz da poesia é o desejo.

L - Todo poeta é um sedutor?

MB - Ouvi contar que quando passava pelas ruas o Castro Alves, logo as mães avisavam: "Recolham vossas ovelhas que o lobo vai passar." Será desse jeito que você pergunta? Acho que as palavras de um poeta servem bem para inventar um ser frágil, que pede colo. Que pede peito. Dessa forma, as leitoras podem se sentir atraídas por esse ser de letras. Qual moça que não correria para os braços de Fernando Pessoa depois que dele ouvisse isto: "Não ser é outro ser. Eu não sou." "Ele diz que não é? Que frágil! Vou inteirá-lo", diz a moça.

L - Você já disse que só os poetas podem salvar o idioma da esclerose: O idioma brasileiro está esclerosado?

MB - Acho que os poetas têm o dever de não gostar de palavra acostuada. Aquela que aceita sempre o mesmo lugar nas frases. Claro que se a gente não inventar novas maneiras de dizer, o idioma esclerosa. Pra salvação há os poetas que fogem por imagens, por troços, por trancos. E além dos poetas há os loucos, as crianças e os bêbados que dizem coisas imaculadas. E há os primitivos que se aninham na raiz das palavras e se exercitam por plumagens.

L - Há uma frase sua: "O nosso paladar de ler anda com tédio". O que causa esse tédio?

MB - Há palavras com significações adormecidas. Outras, pra serem inventadas. Acho que um poeta, que o escritor de um modo geral, tem que recuperar algumas adormecências de certas palavras, ou mesmo algumas feiuras delas. E botá-las bonitas e acordadas. Tenho a impressão que as palavras trazem do fundo de seus esquecimentos riquezas que podem reverdecer a linguagem. Talvez o tédio a que me refiro venha de alguma falta. A falta de ir às

QUANTO A INUTILIDADE

que Deus vive em buquês de pedras e grilos imprestáveis

origens, ao mais antigo de cada termo. Quase sempre as injeções se fazem a partir de coisas adormecidas e não de coisas inexistentes. Na casa da memória a gente está quem foi antes. A gente está quando era pedra, quando era árvore, quando era chuva. Então, se o poeta fala a partir das pedras, a partir das árvores, ele pode trazer para a sua expressão poética coisas que não fazem tédio.

L - Em O Livro das Ignorâncias, você escreve: "As coisas que não têm nome são mais pronunciadas pelas crianças". O verdadeiro poeta tem alma infantil?

MB - A inocência plena de um ser humano pode alçar ele para ave. Acho que o primeiro vagido de uma criança tem, pelo menos, a assistência do mistério. Já notei que algumas palavras que emprego têm raízes de conchas aturridas. Acho que as crianças pronunciam seus primeiros cantos, como de aves mesmo.

L - Uma de suas frases: "A infância me ensinou os melhores erros". O que um erro tem de melhor?

MB - Os erros da infância vêm carregados das nossas ancestralidades enlouquecidas. Eles trazem nossos mais puros defeitos. O tatibitate inventa sons novos, jogos florais, brinquedos letrais. Agora, os erros instruídos pelo desejo de estupramento da linguagem, esses não são puros. Esses contêm a orgulhosa pretensão de errar.

L - Um dos livros que mais lhe estimularam o prazer da leitura foi Os Serões do Padre Vieira. O que essa obra representa para você?

MB - Foi o meu primeiro alumbramento como ao poeta Bandeira foi aquela moça nuíinha que viu através de um banheiro de palha. Descobri que o valor de Vieira (esse valor que o faz lembrado até hoje) não vem de seus temas, de suas crenças, mas da maneira com que as trata. Sua exuberância e beleza vêm da sintaxe, do amoroso trato com as palavras. Estou certo que sua imortalidade não vem de sua fé exposta, mas da maneira com que a expôs.

L - Em uma entrevista você disse que "a grande poesia há de passar virgem por todos os seus estupradores". Quem são os estupradores da poesia?

MB - São aqueles que procuram a coerência na poesia. Que procuram ciência. Que procuram a lógica. Penso que o desencontro das idéias provoca mais poesia do que os encontros. Acho que o desejo da poesia uma sentença séria é uma brincadeira. Ou deveria ser.

L - A palavra é sempre virgem para o escritor?

MB - A primeira vez de uma frase é virgem. Mas acho muito difícil alguém escrever um livro inteiro em que as frases todas sejam virgens. Gosto de uma frase virgem do Rosa. É assim: "O passarinho desapareceu de cantar." A frase comum seria: o passarinho parou de cantar. A frase do Rosa é virgem. Isso não é mágico?

L - O que você acha da virgindade feminina?

MB - É ainda para muitos um símbolo de pureza. Quando a gente era adolescente e começava a contestar isso, costumava dizer, de galhofa: "Mas a pureza está entre as pernas?" Isso de virgindade ser pureza a gente recebeu de fanatismos religiosos. Houve um

tempo que era romântico e objeto de sonetos ser virgem. No tempo de eu rapaz, as moças não entregavam a virgindade. A gente só namorava de pegar na mão. Raramente de pegar na coisa. Quase nunca de coisa na coisa. Ao tempo, a gente nem ficava nem coisava. Só às vezes, com as priminhas, à sombra das bananeiras, debaixo dos laranjais - como em Casimiro de Abreu.

L - Também em uma entrevista você disse: "Meu negócio é descascar as palavras até a mais lírica semente delas." Cultivar o lirismo é um dom?

MB - Apesar de tentar descascar as palavras até a mais lírica semente delas, repito: nunca nenhuma se me deu de nudez total. Meu requinte nessa busca seria alcançar a nudez total das palavras. Ser cristianizado pelo erotismo delas. Sempre escolho as palavras que estejam no cio por mim. Mas jamais alcancei aquele alcandor.

L - Outra frase sua: "Me encanto com os palhaços que se aproveitam das bobagens para pungir as verdades." Charles Chaplin é um desses palhaços? Ele entortou o cinema como você entorta a poesia?

MB - Nesse negócio de entortar a poesia estou inocente. Acho que uso um radar com defeito. As minhas percepções sensoriais captam melhor o ilógico. O sentido torto das palavras tem às vezes mais pungência. Sempre vi nos filmes engraçados de Carlitos a maior solidão. A grande solidão entortada pelo riso!

Manoel de Barros



LIVRO
SOBRE
NADA

CANJA

Tenho a convicção de que: o que mais espanta no mundo hoje não é a crueldade, é a inocência.

Manoel de Barros

Tenho a convicção de que: o que mais espanta no mundo hoje não é a crueldade, é a inocência.

Manoel de Barros

POEMA INÉDITO DO LIVRO A BIOGRAFIA DO ORVALHO

CANTO SEXTO

*Tenho atributos para vento.
Ainda posso inventar uma tarde a partir de uma garça.
Não tenho nada para informar -
Quero só arrancar nos acordes das palavras.
Que eu possa apenas dizer em forma de comunhão:
Um passarinho me árvore
Uma abelha me flor
Uma pedra me rã.
E o modo azul de uma estrela me alvorece.
Que eu possa ficar livre para o silêncio dos cantos.*

Manoel de Barros

FERRADURAS VIRAM JÓIAS DE FOGO

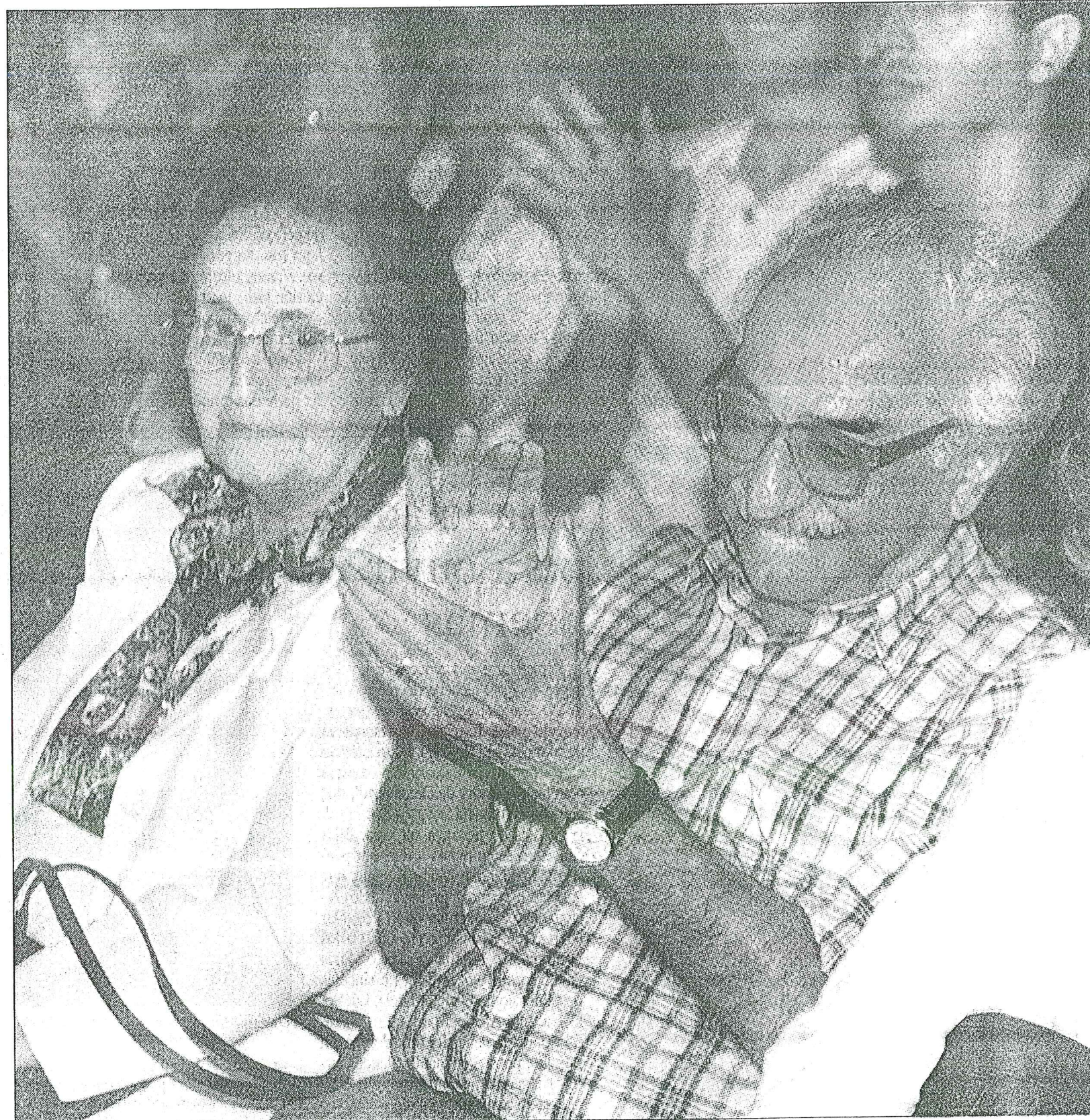
Fausto Wolff

Conheço Manoel. Não digo que conheço bem porque bem nem me conheço. Tomávamos cachaça juntos sem nenhum intelectual à espreita e ouvíamos o que o povo dizia no botequim, quando o povo ainda tinha alguma coisa a dizer, antes que o poder o houvesse desinventado. Olhava para ele e pensava: "este é o sujeito que encontra uma letra e a entorta. Dá um outro jeito na letra e depois fica vigiando ela até descobrir para o que ela não serve." E a falta de serventia da letra que o Manoel entortou descongela o nosso cérebro, atíça a nossa visão, nos redimensiona, desde que sejamos o suficientemente inteligentes e sensíveis para tanto. Manoel fecha os olhos e inventa uma cor que não existe, coisa que só os cegos como Homero podiam fazer. Vê as caturritas desnoitando em bando na árvore imensa em frente à sua fazendinha no meio do mato e inventa uma nova nota musical. Para mim, ele é o

maior poeta vivo do Brasil. Tem com os objetos, os bichos e os fenômenos atmosféricos a mesma intimidade que Drummond tinha com as palavras urbanas. Faz disso tudo palavras que vai entortando ou desentortando, conforme o caso; faz poesia como o ferreiro faz ferraduras. Só que no seu caso as ferraduras começam como simples ferraduras e acabam virando jóias de fogo. Manoel é incomparável, muito longe dos demais poetas. É mais fácil compará-lo a Picasso e a de Kooning, os grandes decompositores das artes plásticas que como o próprio Manoel dos primeiros grandes poemas do livro *Poesias*, publicado pela Pongetti mais de trinta anos atrás conseguiram dessencializar os objetos, forma decompondo forma, até atingirem a forma pura. Ao contrário do poète maudit, desprezado pela sociedade que o fere e à qual ele tenta ferir, Manoel deu as costas para essa sociedade, antes que ela desse as costas para ele. As metáforas de Manoel cumprem a

missão das metáforas: expandem a imaginação do leitor. O tempo triste que vivemos, tempo de lixo cultural - não o rico lixo - tempo de cruel indiferença, precisamos de Manoel. Mas para isso precisamos nos desentortar, ir treinando com os novos olhos que o poeta fabricou para nós. Saber da existência do homem Manoel que respeito por sua integridade e do poeta Manoel, (que às vezes se encontram na escuridão) que admiro pela humaníssima força da sua poesia, me passa a sensação fugidia de que - quem sabe? - ainda haja redenção para o homem. Imaginem para quantas coisas não serve, por exemplo, um bule feito de lá, fabricado por Manoel, cujo maior truque acabo de descobrir ao terminar de ler seu último livro (*Livro Sobre Nada*): não há nada que seja tão tudo como o nada. Ou seja, nada existiria mesmo que nada existisse, logo é tudo o livro que sobrenada.

B



Manoel de Barros, ao lado da mulher, Estela, se emocionou com a homenagem dos alunos da Escola Lucinda de Poesia Viva



De todas as idades, profissões e tipos, o grupo se emocionou ao dizer os poemas de

Pedro César;



Coisas do

ao dizer os
poemas de
Manoel

Pedro César,
surfista e
sócio de uma
produtora de
vídeo: ouvir
poesia é igual
a pegar onda



pantaneiro gentil

Manoel de Barros assiste no Rio a recitais de sua poesia e elogia os intérpretes: “De qualquer poeminha, eles fazem arte”

REGINA ZAPPA

Na sala de estar, lá estava ele, meio enrolado em si. Os pés virados para dentro, aquele jeito de homem meio matuto, meio santo, meio caracol. O poeta Manoel de Barros, o pantaneiro gentil e de alegria tímida, sorvia prazerosamente a conversa que girava em torno dele na noite de quinta-feira passada, no apartamento de Elisa Lucinda, poeta por quem se encantou. Ao lado de Estela, mulher que divide com ele a existência há 51 anos, Manoel falava de Bernardo, personagem de seus versos, homem que é quase árvore, em cuja cabeça os passarinhos fazem ninho. Bernardo existe! Em torno do poeta, emocionados, alunos da Escola Lucinda de Poesia Viva conversavam, voz embargada, olhos molhados, com o “ídolo de todo mundo”.

Manoel de Barros, que hoje em dia raramente sai do Pantanal, apesar de adorar o Rio (“gosto mesmo é do Leblon, tenho apartamento na Ataulfo de Paiva”), veio às terras cariocas entregar à editora Record seu livro novo, *Retrato do artista quando coisa*, que sai em outubro, com 70 páginas e ilustração de Millôr Fernandes. Veio também para a vernissage da filha Marta Barros, artista plástica, que expôs seu trabalho no Festival de Santa Teresa, encerrado sábado passado. E para culminar, convidado pela poeta Elisa Lucinda, veio assistir a dois recitais de seus poemas (um na segunda, na Letras e Expressões, e outro ontem, na Funarte) preparados pelos alunos da escola de poesia.

O grupo que aprende com Elisa a dizer poemas “de jeito sincero, sem falsidade, sem empostação, passando por cima da rima como se estivesse contando uma história”, e que abriga gente de todos os tipos e idades, não acreditou quando Manoel aceitou o convite e veio, a passagem paga pela editora e a estadia de uma semana bancada por Elisa e seus alunos. Vou, disse ele a Elisa, “porque você vai saber brincar meus poemas”. “Estava louca para tocar nele porque achava que ele não existia, era um alter ego meu”, dizia Vera Mello, 49 anos, psicóloga que trabalhava na Embratel e que, além de dizer, também faz poesia.

A emoção tomou conta de todos antes do jantar. Uns disfarçavam, iam para a janela, olho vermelho, enquanto Manoel contava seus casos. Pedro Cesar, 32 anos, surfista, formado em jornalismo e sócio de uma produtora de vídeo, não se conteve: “Quando apertei a mão dele sabia que tinha uma coisa especial acontecendo”.

■ Continua na página 2



A idéia da homenagem a Manoel partiu da poeta Elisa Lucinda

Matar moscas e entortar a língua

“Acordo cedo, cinco da manhã, tomo guaraná, coisa de cuiabano, vou pro escritório na minha casa em Campo Grande e fico lá, matando mosca, olhando pra janela, lendo dicionário, descobrindo palavra nova. De vez em quando, escrevo uma coisinha, entorto a língua.”

Assim é o cotidiano de Manoel de Barros, em Mato Grosso do Sul, no Pantanal, onde nasceu e para onde voltou em 1960 — “votoi no Jânio e no dia seguinte fui embora” —, depois de viver 40 anos no Rio, cidade que adora. No Pantanal, dorme cedo e acorda cedo, e explica, com uma historinha, por que não dispensa o guaraná: “Perguntaram a um cuiabano que castigaria a Hitler, que gostava de maltratar gente, e o cuiabano respondeu: botava ele ao meio-dia, no sol, sem guaraná”, conta, rindo, sem ser ele mesmo de Cuiabá, mas de Campo Grande. E no escritório, onde passa o tempo matando mosca, hoje em dia gosta

também de reler os autores que o formaram: Machado de Assis, Fernando Pessoa, Baudelaire. “A lembrança da gente sempre volta”, diz, falando um pouco do livro novo, por sair, *Retrato do artista quando coisa*. Gosta mais dele, acha melhor do que o *Livro sobre nada*. “Agora fui criança outra vez. Minha experiência lingüística é mais avançada e minha experiência existencial, mais melancólica, mais voltada para a infância”. Pensando bem, diz, “desde o primeiro livro a gente só é um”. “Os moços dizem que os velhos tocam e cantam numa corda só. Meu violão não tem seis cordas, só tem uma.”

Ao chegar ao Rio, semana passada, passou duas horas na Editora Record fazendo revisão do livro novo. Acha engraçado que queiram corrigir algumas coisas. “Gosto muito de errar. É assim mesmo. Se produz ressonância verbal e poética, então está bom. Sintaxe errada não corrigo. Es-

tando dentro do ritmo, da ressonância, eu deixo.”

Se vem lançar o livro? Ri do absurdo. “Não lanço. Em Mato Grosso, lançar é vomitar”, se diverte. E repensa: “A poesia vomita a gente”. Brincadeiras de lado, Manoel só viaja quando há Bienal, não gosta de lançamento. “Sou invencível nesse negócio de timidez. Timidez escancarada, ela me esconde.” O poeta reconhece que não conseguiu ultrapassar essa barreira, esse obstáculo. “Mas não acho ruim, não me faz mal”. É avesso a entrevistas e custou a querer falar. Mas a prosa flui gostosa como uma tarde morna no Pantanal. “Às vezes amanheço bem, com espírito menos tímido. Hoje amanheci bom”, ri, zombando do próprio jeito.

Quinta-feira, em jantar na casa de Elisa Lucinda, no meio da conversa Manoel avisou que só a imaginação pode salvar o mundo. Depois, em outra conversa, explicou que a tecnologia

FRAGMENTO 14

Remexo com um pedacinho de arame nas minhas memórias fósseis. Tem por lá um menino a brincar no terreiro entre conchas, osso de arara, sabugos, asas de caçarolas etc. E tem um carrinho quebrado de borco no meio do terreiro. O menino cangava dois sapos e os botava a arrastar o carrinho. Faz de conta que ele carregava areia e pedras no seu caminhar. O menino também puxava, nos becos de sua aldeia, por um barbante sujo, umas latas tristes.

Era sempre um barbante sujo. Eram sempre umas latas tristes. O menino hoje é um homem douto que trata com física quântica. Mas tem nostalgia das latas. Tem saudades de puxar por um barbante sujo umas latas tristes. Aos parentes que ficaram na aldeia esse homem douto encomendou uma árvore torta... Para caber nos seus passarinhos. De tarde os passarinhos fazem árvore nele

(do livro inédito *Retrato do artista quando coisa*)

muitas vezes ajuda, na medicina avançada, nos brinquedos, mas a máquina pode ser um mal. “Criança de agora não aprende a desenvolver a imaginação, tudo já vem pronto. Não faz boi de sabugo. A criança fica presa no apartamento e só as da favela é que conseguem desenvolver a imaginação”. Lembra Machado de Assis, criado no morro. Hoje, lamenta, o homem só sabe criar com o computador, vai perdendo o dom de criar com a imaginação. “Vai perdendo o contato com a natureza e a máquina atrofia a imaginação”.

Mas o poeta não perde a esperança. “Acho que vai haver uma reação, essas coisas vão até certo ponto, e o homem reage”. Acredita que a ciência vai prosseguir, mas coisas como a clonagem vão ter um fim em meados do próximo século. “Devaneio meu”, confessa, “mas o homem vai ter sede da natureza, de novo, e vontade das coisas mais simples e mais puras”. Amém. (R.Z.)

A poesia de Manoel de Barros: uma gramática expositiva do chão

Berta Waldman

"Deixar os substantivos passarem anos no esterco, deitados de barriga, até que eles possam carrear para o poema um gosto de chão — como cabelos desfeitos no chão; ou, como o bule de Braque — áspero de ferrugem, mistura de azuis e ouro — um amarelo grosso de ouro da terra, carvão e folhas."

(Manoel de Barros, Matéria de poesia, p. 20)

É no mínimo estranho estar aqui apresentando aos leitores um poeta na faixa dos setenta anos. Um poeta que começou a publicar seus poemas em 1937 e conta hoje com oito livros esgotados (1) e um recém lançado: *O guardador de águas* (SP, Art Editora, 1989).

Por que a crítica silenciou durante quarenta anos e, agora, alardeia o trabalho poético de Manoel de Barros como sendo dos mais importantes do Brasil?

Antes do destaque atribuído ao poeta pela revista espanhola *El Pasante* no número dedicado ao Brasil (nº 11), lançada entre nós há cerca de dois meses, o jornal *Leia* (SP, nº 104, junho de 1987) já havia chamado a atenção para o poeta, e um filme foi feito tomando por base os seus poemas. Esses movimentos anteriores à publicação de *El Pasante*, entretanto, não foram suficientes para aglutinar a atenção dos editores que só agora disputam a reedição de seus textos, considerando-os um bom investimento de capital.

Analisando a situação numa perspectiva histórica, Manoel de Barros seria, cronologicamente, enquadrável na chamada geração de 45. Nela se incluem nomes dispare que apresentaram em comum o pendor para certa dicção nobre e a volta, nem sempre sistemática, a metros e a formas fixas de cunho clássico. É dessa geração que chegaram até nós os melhores poemas da segunda metade do século e que lograram atingir, não obstante o formalismo tacanho e estetizante que

marcou o clima dessa geração, um plano mais alto e complexo de integração.

É de se ressaltar, ainda a passagem da poesia brasileira pelos experimentos demarcados pela poesia concreta que suprimia o verso como unidade rítmico-formal, numa tentativa de alargar as possibilidades de expressão e comunicação do poema.

Ora, a poesia de Manoel de Barros, com seus versos compassados por um controle delicado e aparentemente casual, experimentando uma conformação simbólica particular, e modalidades de concreção diferenciadas, andava com certeza na contramão da poesia dessa época. Isso explica, ao menos em parte, o isolamento do poeta.

Hoje, com a multiplicação de grupos de poetas que carecem de diretrizes programáticas nítidas, essa poesia encontrou o seu momento. Sem esquecer que a voga atual dos movimentos de preservação da natureza também pode ter interferido a favor da emergência do poeta, em cujas mãos, entretanto, não se deve colocar nenhuma bandeira ecológica.

Embora toda a obra de Manoel de Barros tenha, de algum modo, a ver com a poesia heteronímica de Alberto Caetano, o último livro do poeta — *O guardador de águas* — alude claramente a essa relação (2). O poeta de *O guardador de rebanhos* nunca guardou rebanhos, mas fará seus versos como se os guardasse. Essa representação duplicada que pretende pôr entre parênteses a experiência do homem urbano e moderno para relevar a propugnação da volta ao sensível é o ponto de origem de uma poesia altamente complexa. Já o poeta Manoel de Barros vive no pantanal matogrossense; embora seu texto esteja longe de ser documental. Não é nunca sobre o pantanal que se debruça sua palavra poética, mesmo quando o poeta dele apresenta um itinerário, como ocorre em seu *Livro de pré-coisas*. A natureza não funciona aí nem como cenário, nem como arsenal retórico. Ela é, isto sim, a matéria-prima da poesia. O poeta é o peregrino, o idiota de estrada, que acompanha o fluxo das águas e a apanha com as mãos para encurtá-las e fazê-las caber nos limites da poesia.

Descentrando o homem de seu papel de dominação sobre os seres da natureza, o poeta o nivela à condição de coisa entre coisas; miúdo, ele é

submetido a uma ordem comum que vale para todos os seres. Todos, sem exceção, vivem, morrem e se transformam continuamente. Assim, os temas centralizadores dessa poesia são a vida e a morte, tratados sem nenhum travo de niilismo. A vida pequena que aflora do chão, formiga, rã, pedra, caracol, pássaro ("No achamento do chão também foram descobertas as origens do voo", *O guardador de águas*, p. 11), plantas, o homem, todos se equivalem na sua materialidade e em seu destino.

"Com 100 anos de escória uma lata aprende a rezar."

Com 100 anos de escombros um sapo vira árvore e cresce por cima das pedras até dar leite.

Insetos levam mais de 100 anos para uma folha sê-los."

(O guardador de águas, p. 18)

Vistos por esse viés, os seres não se constituem como únicos, já que qualquer um foi ou será outro. Por isso constrói-se a poesia de Manoel de Barros como um espaço sem limites claros, espécie de universo poroso — onde se intertrocam os atributos humano, vegetal, animal e mineral. O eu que fala nessa poesia é um sujeito que se determina e se expressa como conjugado à natureza a que apela e se refere sua expressão.

"Me abandonaram sobre as pedras infinitamente nu, e meu canto."

Meu canto reboja.

Não tem margens a palavra.

Sapo é nuvem neste invento.

Minha voz é úmida como restos de comida.

A hera veste meus princípios e meus óculos."

(Arranjos para assobio, p. 16)

Daí sua relutância em usar o verbo "ver". Conhecer com os olhos implica manter uma distância entre o olho que vê e a coisa vista. E, além disso, a imagem que a visão elabora não decalca o modo de ser do objeto, ainda que de alguma forma o apreenda. Como o que se deseja é encostar a boca na matéria viva, é preciso libertar o contemplado da consciência que o contempla. Para isso, o poeta transpõe limites, avança os sinais da percepção e cria figurações sinestésicas do tipo "ver com o ouvido", "escutar com a boca", "escrever com o corpo".

Por essa percepção onde os sinais se somam, a "boca", metonimicamente indicativa da palavra e figura recorrente na poesia de Manoel de Barros, aparece como "boca da terra", "boca comida de lodo", "limo na boca", "mato na boca", nunca a palavra na boca. Esta, o poeta a põe junto ao esterco, de modo a impregná-la de matéria viva.

Revificada na terra, a palavra poética deve acompanhar a realidade em estado de metamorfose. Para alcançar esse intento, o poeta mutila a sintaxe, faz os verbos deslizarem para substantivos e vice-versa, cria neologismos (nem sempre felizes), incorpora palavras de uso regional que se misturam a outras de tradição clássica, modifica o regime dos verbos, pratica uma verdadeira alquimia que plasticiza a linguagem, fazendo-a soar estranhamente cristalina e humilde, sem imponência.

Por mais que o sujeito poético queira, à revelia da História, nivelar-se à matéria de que trata, ele esbarra na palavra. O nome é um acréscimo, um intervalo, e impede o contato com a coisa — distância que a poesia de Manoel de Barros pretende transpor. Entretanto, como instaurar a unidade

homem/natureza através da poesia, se a palavra é uma mediação que reforça a perda da unidade?

Buscando uma saída, a poesia regride às fontes da memória e aos labirintos do inconsciente. Assim, a consciência adestrada volta-se atenta para o que não é ainda consciência — a pedra, a planta, o bicho, a água, a infância — em busca da síntese mítica e entranhada mente poética do sujeito com o objeto e de todos os opostos. Para isso, é preciso fazer aflorar a linguagem da infância recalçada, a metáfora do desejo, o texto do inconsciente, a grafia do sonho, que vão configurando um mundo fluido e circular, onde vida e

"A natureza não funciona aí nem como cenário nem como arsenal retórico. Ela é, isto sim, a matéria-prima da poesia... Os temas centralizadores dessa poesia são a vida e a morte, tratados sem nenhum travo de niilismo."



Berta Waldman

Pode-se notar que há um traço surrealista nessa maneira de o poeta transfundir as noções mais conscientes para um plano vago, geral e complexamente humano. Além do surrealismo, no horizonte de referência dessa poesia trabalhada, verdadeiro "trobar clus", está também o dadaísmo, perceptível, por exemplo, no tom às vezes irracionalista, na atividade poética exercida à margem do controle consciente, que tira a palavra da

O poeta do Pantanal Mato-grossense

Manoel de Barros está no filme "Caramujo Flor", de Joel Pizzini, e nas páginas da edição da revista espanhola "El Paseante" dedicada ao Brasil

Ricardo Soares

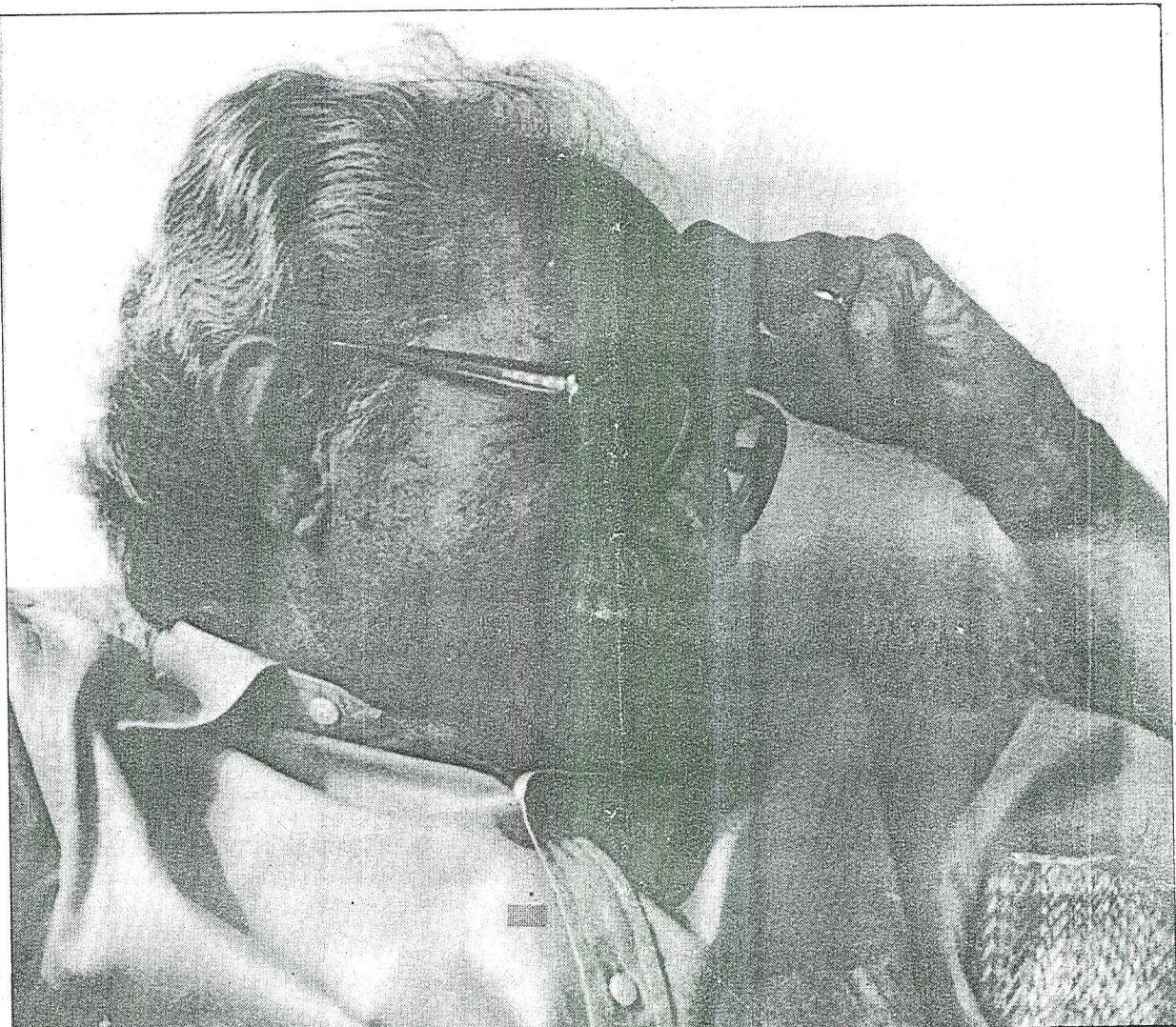
Para vergonha das letras vivas nacionais a revista espanhola **El Paseante**, em número inteiramente dedicado ao Brasil, dá mais espaço à linha de frente de nossa literatura do que todas as publicações nacionais já o fizeram, em anos. Um dos homenageados é o poeta mato-grossense Manoel de Barros, tema também do curta-metragem **Caramujo Flor** (21 min.) do cineasta Joel Pizzini, premiado por melhor direção e melhor fotografia (de Pedro Farkas) no último Festival de Brasília. O filme e a revista serão lançados hoje à noite no Masp.

Para os que gostam de poesia e, sobretudo descobrir poesia, o filme é imperdível. Manoel de Barros é desses poetas pouco falados, pouco festejados, mas coloca a dura poesia concreta, feita em manjadas esquinhas paulistas, sob seus septuagenários calcanhares. O grande mérito de **Caramujo Flor** é exatamente captar a poesia de Manoel de Barros, sem fazer um filme biográfico de caráter documental.

Em cena, estão Nei Matogrosso, Rubens Correa, Araci Balabanian, Tetê Espindola, Almir Sater e um jacaré que ultrapassa a catraca do metrô paulistano. Todos cidadãos mato-grossenses. Todos — exceto o jacaré — de alguma forma apaixonados pelo trabalho de Manoel de Barros, apesar de antes do filme apenas Tetê ter ouvido falar dele. Nei Matogrosso, nascido em Bela Vista, quase fronteira com Paraguai, deixou de fazer uma turnê pela Europa para participar do filme, rodado de novembro a dezembro de 1987, basicamente no Pantanal Mato-grossense. Pedro Farkas deixou de rodar **Lili Carabina**, de Lui Faria, para ficar com a trupe. E Rubens Correa, nascido em Aquidauana, identificou-se com todo o universo poético de Manoel de Barros, repleto da simbologia de sua própria infância.

As contradições que ponteam o trabalho de Manoel de Barros são mostradas de maneira sutil no filme. Em uma cena em que a câmera faz um movimento que lembra uma gangorra, de um lado está Nei Matogrosso com o Pantanal ao fundo, e do outro está Rubens Correa com o mar ao fundo. Metades que se completam e se anulam, como já discutiu o próprio Manoel de Barros: "Por que deixam um menino que é do mato amar o mar com tanta violência?"

Joel Pizzini, um mato-grossense de Dourados, 28 anos, é um entusiasta do poeta. Apresenta o traba-



Barros: homenagem de Nei Matogrosso, Rubens Correa, Tetê Spindola e Antônio Houaiss

lho do poeta aos amigos e compara sua grandeza à de Carlos Drummond de Andrade, que, aliás, venerava o trabalho de Manoel de Barros. Outro que se curva diante de seu talento é Antônio Houaiss, que abre o filme — a Câmera foca seu olho — dizendo uma frase de Barros: "O olho é uma coisa que participa o silêncio dos outros". O olho do espectador que passar com atenção pelo filme de Pizzini não poderá ficar impassível ante o silêncio que a literatura brasileira oficial faz em torno de Manoel de Barros. Como Guimarães Rosa, ele transcende o regionalismo e precisa ser mais bem avaliado.

SERVICO

Lançamento do filme
Caramujo Flor de
Joel Pizzini e da revista
El Paseante.

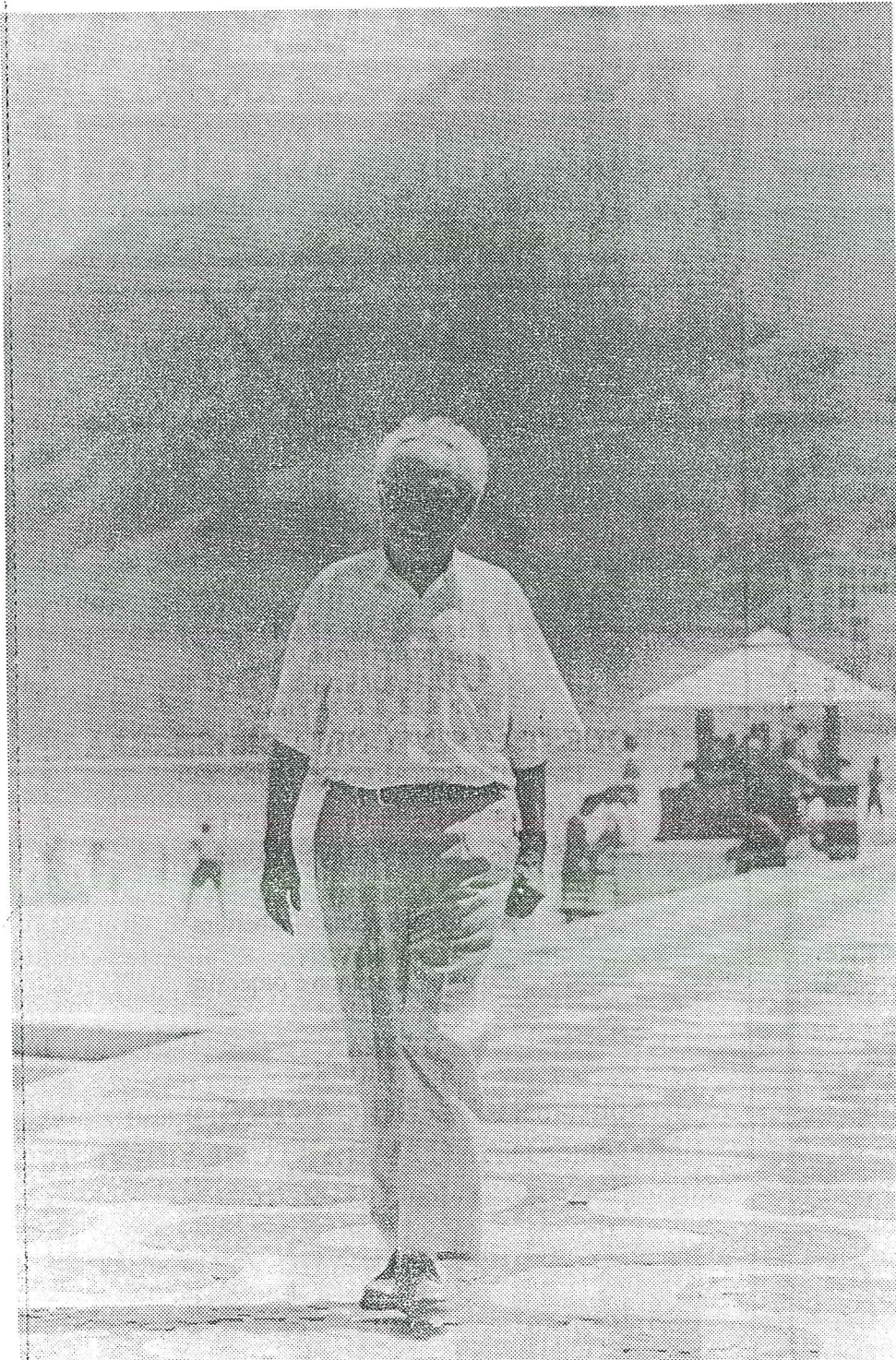
Hoje, a partir das
19 horas, no MIS —
avenida Europa, 158.
Entrada franca.

FRASES

Manoel de Barros tem oito livros publicados. Os mais conhecidos são **Arranjos para Assobio** e o **Livro de Pré-Coisas**. Abaixo algumas de suas pérolas poéticas: Poesia não é para compreender, mas para incorporar. Entender é parede. Procure ser uma árvore; Ovo de lobisomem não tem gema; Os rios começam a dormir pela orla; Os grilos de olhos sujos se criam nos armazéns; O Poema é antes de tudo um inutil-sílio (...) Ninguém é pai de um poema sem morrer; Marandovás me ensinam, com seu corpo de sanfona, a andar em telhas; "Bicho acosturado na toca, encega com estrela."

'Conversamentos' de Manoel de Barros

Alaor Filho



Manoel de Barros: passeios na praia, alguns chopes e sessões de cinema

Poeta se recicla no Rio e prepara livro sobre o amigo Guimarães Rosa

MÁRCIO PINHEIRO

"ESTA entrevista é feita de perguntas e mentiras", avisou o poeta Manoel de Barros no meio uma longa conversa. Mas não era para assustar. Afinal ele já havia prevenido antes de que 90% do que diz é invenção pura, e o restante é mentira. Manoel está no Rio, "acampado" num apartamento no Leblon, fazendo uma daquelas temporadas que ele realiza no máximo duas vezes por ano: deixa o Mato Grosso do Sul, o pantanal, e vem para cá numa espécie de reciclagem — vai ao cinema, ao teatro e compra livros.

Chegou na semana passada e não sabe quanto tempo fica. Ele e Stela, sua mulher, andam assustados. "Ontem um *ratinho*, um menino com menos de dez anos, meteu a mão no meu bolso e saiu correndo. Stela já quer voltar". Ainda assim, caminha pela praia, bebe chope e vai ao cinema. Gostou muito de *Um misterioso assassinato em Manhattan*, de Woody Allen, e venerou *A liberdade é azul*, de Kieslowski. "Já tinha achado fantástico o *Não amará*, esse é melhor ainda".

No pantanal deixou boa parte do material que vai ser usado no próximo livro, *Conversamentos com Guimarães Rosa*. Está tudo lá, guardado no seu "escritório de ser inútil", junto com outros "inutensílios" ao lado de versos como "O olhar do gafanhoto é sem princípios". Para o Rio, Manoel trouxe apenas os seus "caderninhos do caos", pequenos blocos em que anota com um lápis chinês de ponta fina outros versos que mais tarde

serão catados, burilados e, finalmente, publicados.

Conversamentos com Guimarães Rosa ainda está no início do início. Ultimamente, Manoel até que tem sido mais veloz, levando em média dois anos para concluir cada livro. Rapidez impressionante se comparada com outros livros seus que levaram oito anos.

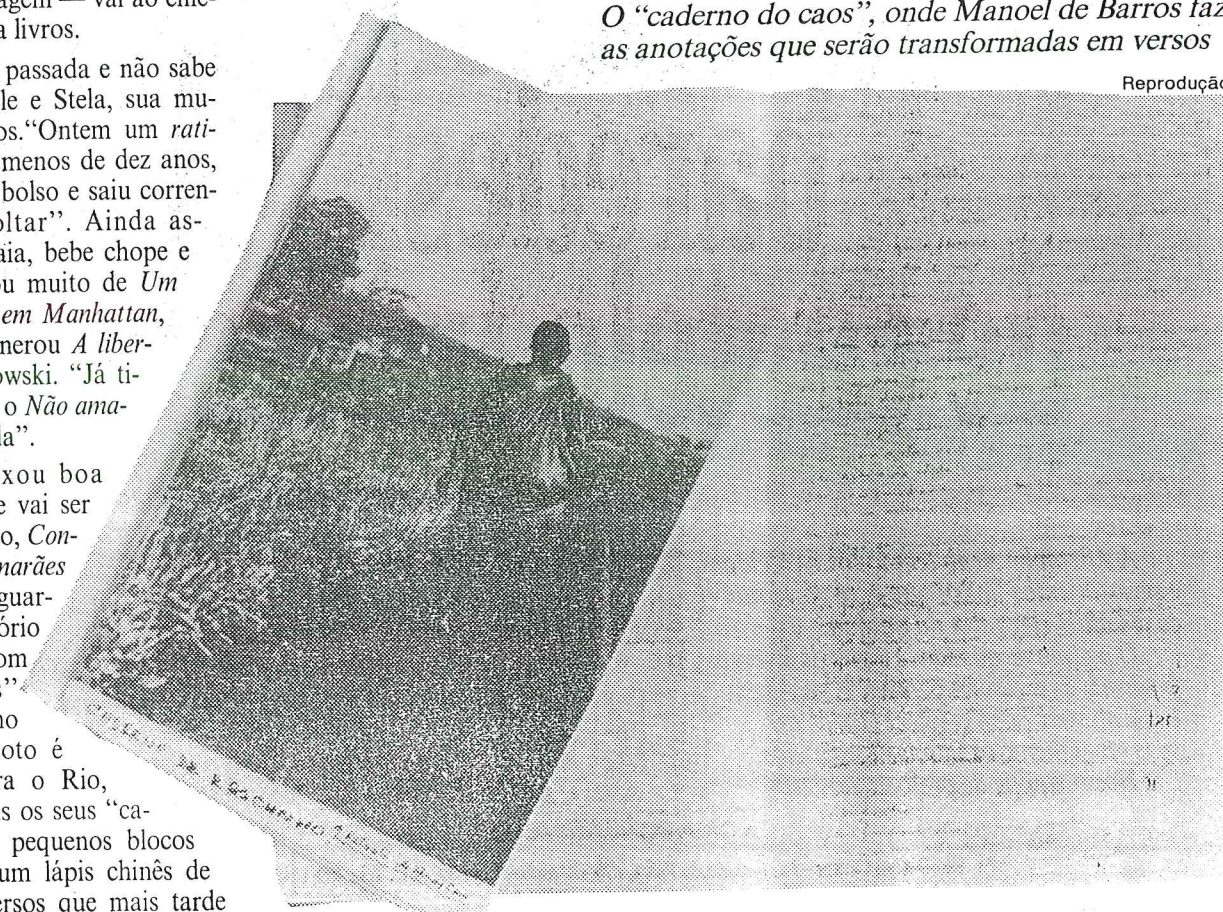
Conversamentos vai contar alguns trechos das conversas de Manoel com Guimarães Rosa a partir de 1953 quando, depois de vencer uma terrível timidez, conseguiu se aproximar do autor de *Grande sertão: veredas*. "Entrei no mesmo trem e no mesmo navio em que ele estava viajando pelo Mato Grosso e numa manhã cheguei perto dele e larguei uma frase que

falava em pássaros. Tinha certeza que este assunto nos aproximaria", conta. "Era um homem muito gentil, sem afetações", acrescenta. Manoel vai narrar também o profundo interesse que Guimarães Rosa tinha por botânica. "Era uma pessoa de grande curiosidade que anotava tudo que via. Acabou catalogando mais de cem nomes de árvores e plantas."

Saudado como um dos mais importantes escritores do Brasil, Manoel diz que para escrever é preciso que as palavras cheguem até ele. "Elas me provocam, ficam me perseguindo, como se estivessem me pedindo para entrar nos meus escritos." E algumas têm até uma relação erótica: "uma palavra abriu o roupão para mim. Vi tudo dela", resume.

O "caderno do caos", onde Manoel de Barros faz as anotações que serão transformadas em versos

Reprodução



Cultura

SÁBADO, 14 DE DEZEMBRO DE 1996 - Nº 849 - ANO 17

Os vários duplos de Manoel de Barros

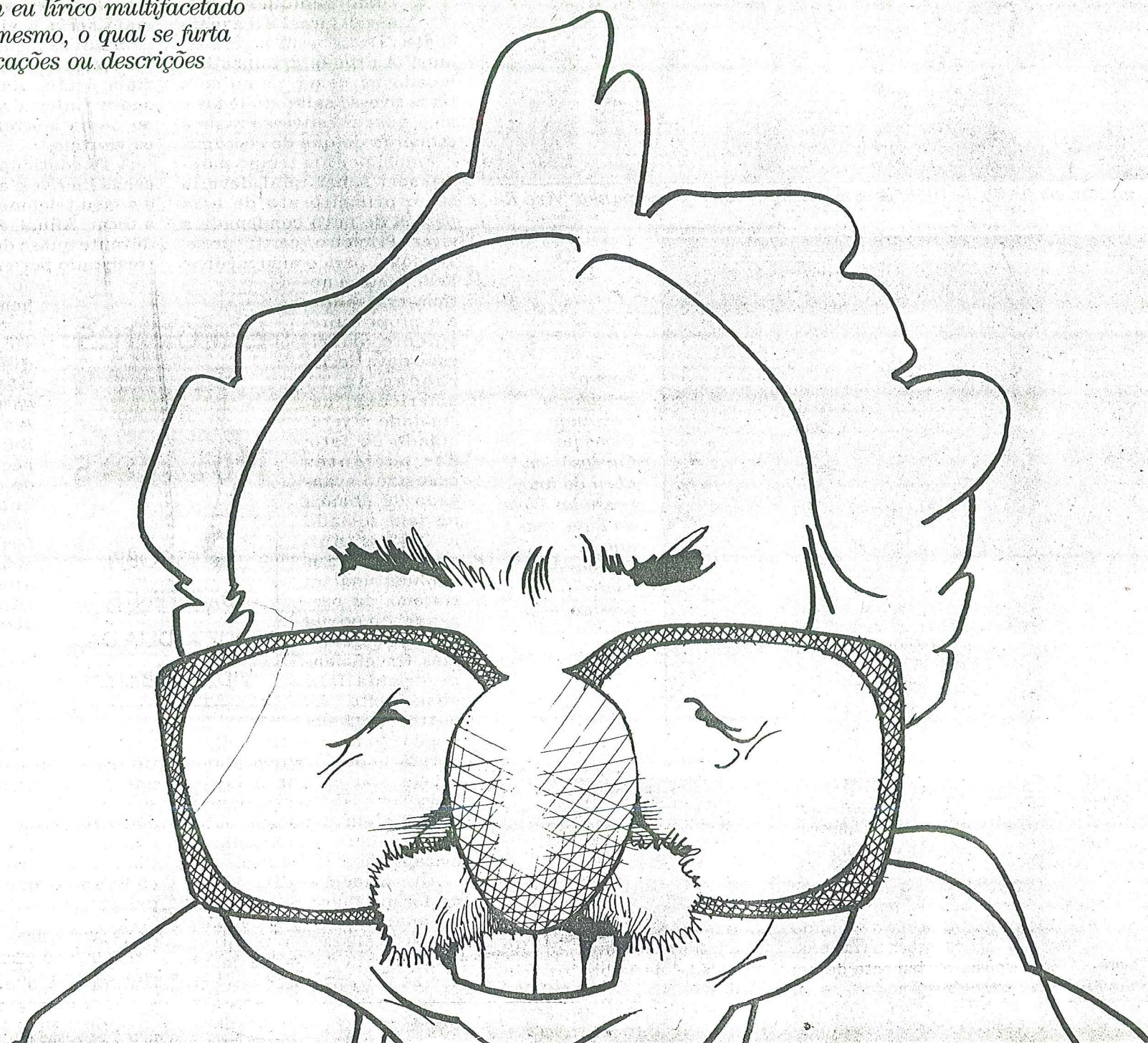
O poeta, que estará fazendo 80 anos dia 19, caracteriza-se por um eu lírico multifacetado e nunca igual a si mesmo, o qual se furta sempre a classificações ou descrições

SÉRGIO MEDEIROS

Especial para o Estado

Manoel de Barros completará 80 anos de idade no dia 19. Se não há controvérsia quanto à data de nascimento do poeta, o mesmo não se pode dizer do local onde ele veio ao mundo. Seus livros trazem informações desencontradas a esse respeito. Na antologia *Gramática Expositiva do Chão* (Civilização Brasileira, 1990), lemos, na introdução escrita por Berta Waldman, que Manoel de Barros nasceu em Corumbá (MS), dado corroborado aparentemente por um verso do próprio poeta, citado um pouco antes: "Nasci à beira do rio Corumbá". Ocorre, porém, que esse rio não existe e só surgiu no poema devido a um erro de composição gráfica. Erro que Manoel de Barros, sempre inclinado às revelações metafóricas, não quis corrigir quando leu as provas do livro, como se para ele fosse mais verdadeiro ter nascido à beira de um rio hipotético que cruza o Pantanal e não, como consta de outros livros seus, na cidade de Cuiabá (MT), banhada pelo rio de mesmo nome.

À luz da obra poética de Manoel de Barros, essa má vontade dele em ater-se apenas ao factual, de que temos acima prova eloquente, adquire outro significado e pode servir de introdução ao seu universo literário, ou melhor, àquilo que esse universo possui de mais específico e original. De fato, a condição de sujeito equívoco, "não-biografável", nascido à beira de águas virtuais, parece ser uma tradução fiel do eu lírico de Manoel de Barros, eu multifacetado e nunca igual a si mesmo, furtando-se sem-



Loredano

bá". Ocorre, porém, que esse rio não existe e só surgiu no poema devido a um erro de composição gráfica. Erro que Manoel de Barros, sempre inclinado às revelações metafóricas, não quis corrigir quando leu as provas do livro, como se para ele fosse mais verdadeiro ter nascido à beira de um rio hipotético que cruza o Pantanal e não, como consta de outros livros seus, na cidade de Cuiabá (MT), banhada pelo rio de mesmo nome.

À luz da obra poética de Manoel de Barros, essa má vontade dele em ater-se apenas ao factual, de que temos acima prova eloquente, adquire outro significado e pode servir de introdução ao seu universo literário, ou melhor, aquilo que esse universo possui de mais específico e original. De fato, a condição de sujeito equívoco, "não-biografável", nascido à beira de águas virtuais, parece ser uma tradução fiel do eu lírico de Manoel de Barros, eu multifacetado e nunca igual a si mesmo, furtando-se sempre a classificações, descrições. "Minha poesia", ele declarou numa entrevista, "é hoje e foi sempre uma catação de eus perdidos e ofendidos". Ao longo da dezena de livros que publicou até hoje (o primeiro data de 1937; o último, *Livro sobre Nada*, é de 1996), criou uma galeria de porta-vozes ou duplos, através dos quais se dirige "indiretamente" ao leitor. O poeta que fala ou escreve já não se considera uno, único, mas (a expressão é sua) um "minhocal de pessoas", pantanal de muitos eus.

Contudo, cada alter ego do poeta também traz dentro de si vários eus ofendidos e perdidos. Por isso, são tão freqüentes na poesia de Manoel de Barros os versos interrogativos, como se o poeta, na apresentação do seu duplo, não pudesse fazer dele um retrato positivo, conclusivo:

"o mal-traçado?
o tritão dorminhoco?
o irmão desaparecido de Chopin?
o homem de bor-racha?"

O eu lírico fragmenta-se continuamente na própria ação de reunir seus eus perdidos, pois estes também se dispersam em muitos outros eus. Essa experiência de decomposição do eu começa com uma estranha depressão, descrita como "indigência":

"antes de preso fora atacado por um depressão mui peculiar que o fizera invadir-se pela indigência: uma depressão tão grande dentro dele como a ervinha rasteira que num terreno baldio cresce

por cima de canecos enferrujados pedaços de porta arcos de barril..."

A "indigência" é justamente a descoberta de que somos fragmentos dispersos no terreno baldio da alma. Nesse

momento, surge o nada, um estado de espírito em que todas as coisas se assemelham e adquirem a mesma importância, ou melhor, perdem toda a importância. A depressão, porém, é apenas o início da grande viagem poética de Manoel de Barros, é a porta de entrada para o seu universo poético:

"— Quem salvar a sua vida, perdê-la-á com árvores e lagartixas!"

Ou seja, no terreno baldio da alma, o poeta encontra a "matéria de poesia" que lhe permitirá re-

compor o eu lírico estilhaçado. Essa matéria são porções de si mesmo exiladas em lagartos, pedras, lesmas, árvores, etc.:

"Um homem pegava, para fazer seu retrato, pedaços de tábua, conchas, sementes de cobra"

Os eus exilados retornam à medida que o homem compõe um "quadro" cubista, reunindo num todo os seus fragmentos obscuros, daí a moral anunciada por um louco que literalmente virou poesia e reconstruiu o eu lírico (descendente direto dos antigos sábios cínicos, inveterado dadaísta e pajê cadiuê):

"A gente é rascunho de pássaro Não acabaram de fazer..."

Afirmei atrás que a busca do eu lírico é abissal, pois cada eu reencontrado tende a decompor-se em outros eus, acumulando materiais de demolição no terreno baldio da alma. Contudo, essa busca termina, segundo a receita de Manoel de Barros, quando reencontramos nossos "liames primor-

diais", que são laços que nos prendem definitivamente a certos eus, os quais por sua vez também se associam entre si, como a lesma e a parede, ou o lagarto e a pedra, num casamento duradouro.

Há uma técnica de encantamento verbal, em particular, que permite ao poeta revelar os "liames primordiais" entre as coisas da alma e da natureza, a qual foi batizada de "maceração de sílabas". Macerar significa amolecer por meio de líquido ou pancada; impregnar de líquido. Macerar sílabas significa invertê-las, expandi-las, fazê-las líquidas, escorregadias, fluorescentes, como neste exemplo:

"Ele me rã.
Ele me árvore."

O pronome "ele" é aqui um rio potencial, onde o poeta entra duas vezes, primeiro como rã, depois como árvore. Entre esses dois eus do poeta, contudo, existe

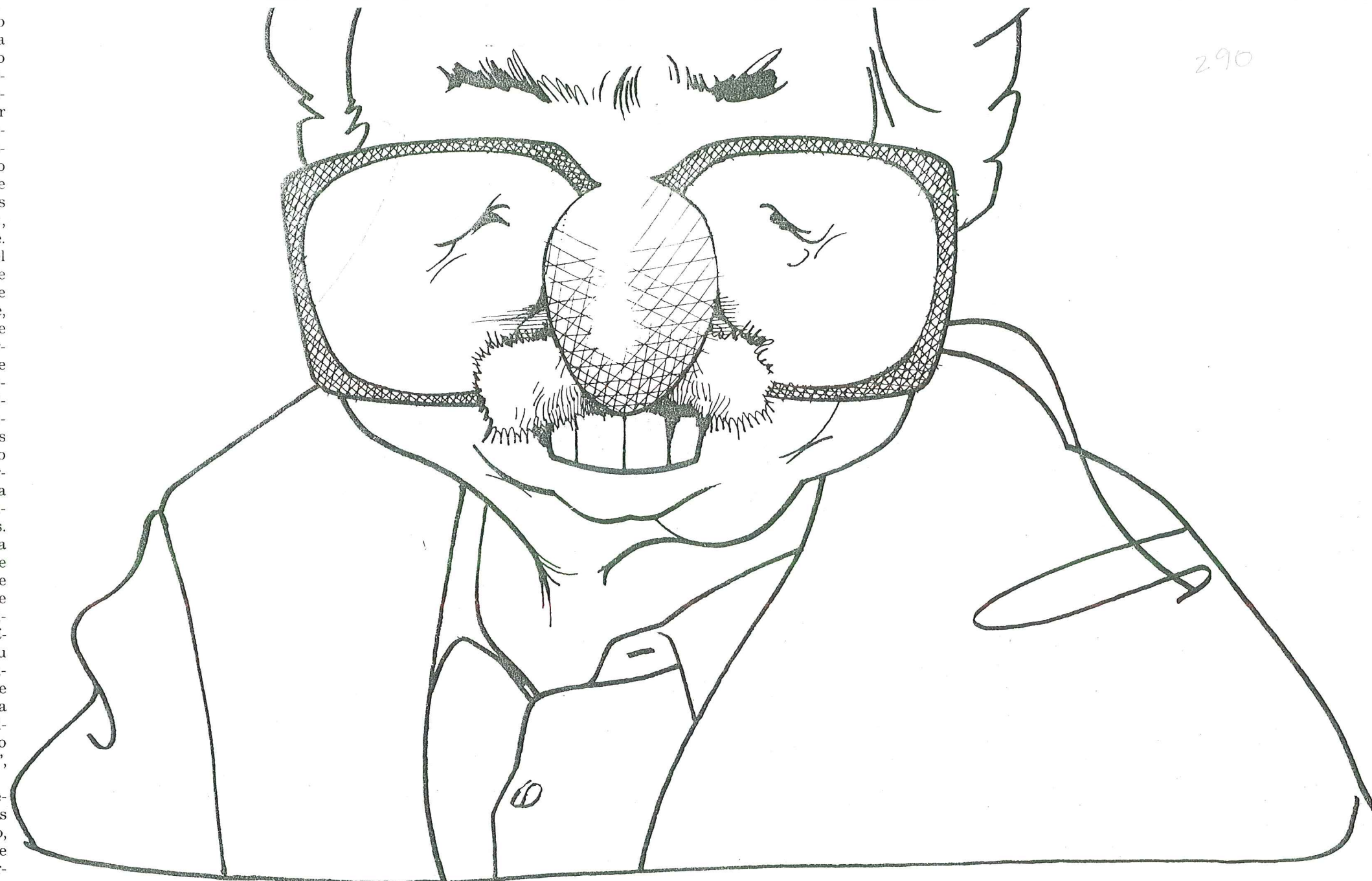
um vínculo visual e sonoro (vale dizer, poético) indissolúvel: a árvore é a ilustração do salto da rã, que se inverteu no ar e alongou-se em outras sílabas — literalmente, depois de vibrar na garganta, a "rã" ganhou o "ar", lançando-se para fora da boca e abrigando-se num novo vocábulo: "árvore". Sabemos que as rãs realmente se abrigam nas árvores...

A rã simboliza, para Manoel de Barros, o signo primordial à espreita na garganta. Um alter ego do poeta chamado Bernardo, que montou no quintal Oficina de

Transfazer Natureza, expressa-se em dialeto-rã. Em sugestiva nota de rodapé, Manoel de Barros assim descreve esse patois primordial: "Falado por pessoas de águas, remanescentes do Mar de Xaraiés, o Dialeto-Rã, na sua escrita, se assemelha ao Aramaico — um idioma falado pelos povos que antigamente habitavam a região pantanosa entre o Tigre e o Eufrates. Sabe-se que o Aramaico e o Dialeto-Rã são línguas escorregadias e carregadas de consoantes líquidas. É a razão desta nota."

Bernardo, porém, não alimenta ilusões quanto à possibilidade de reconstituição completa do eu lírico, a despeito dos "liames primordiais" que ele próprio pôde reconquistar. Sobre esse sábio andarilho do Pantanal, afirmou Manoel de Barros: "Anda na terra como quem desabrocha. E não inventa remédios para ficar mais inteiro."

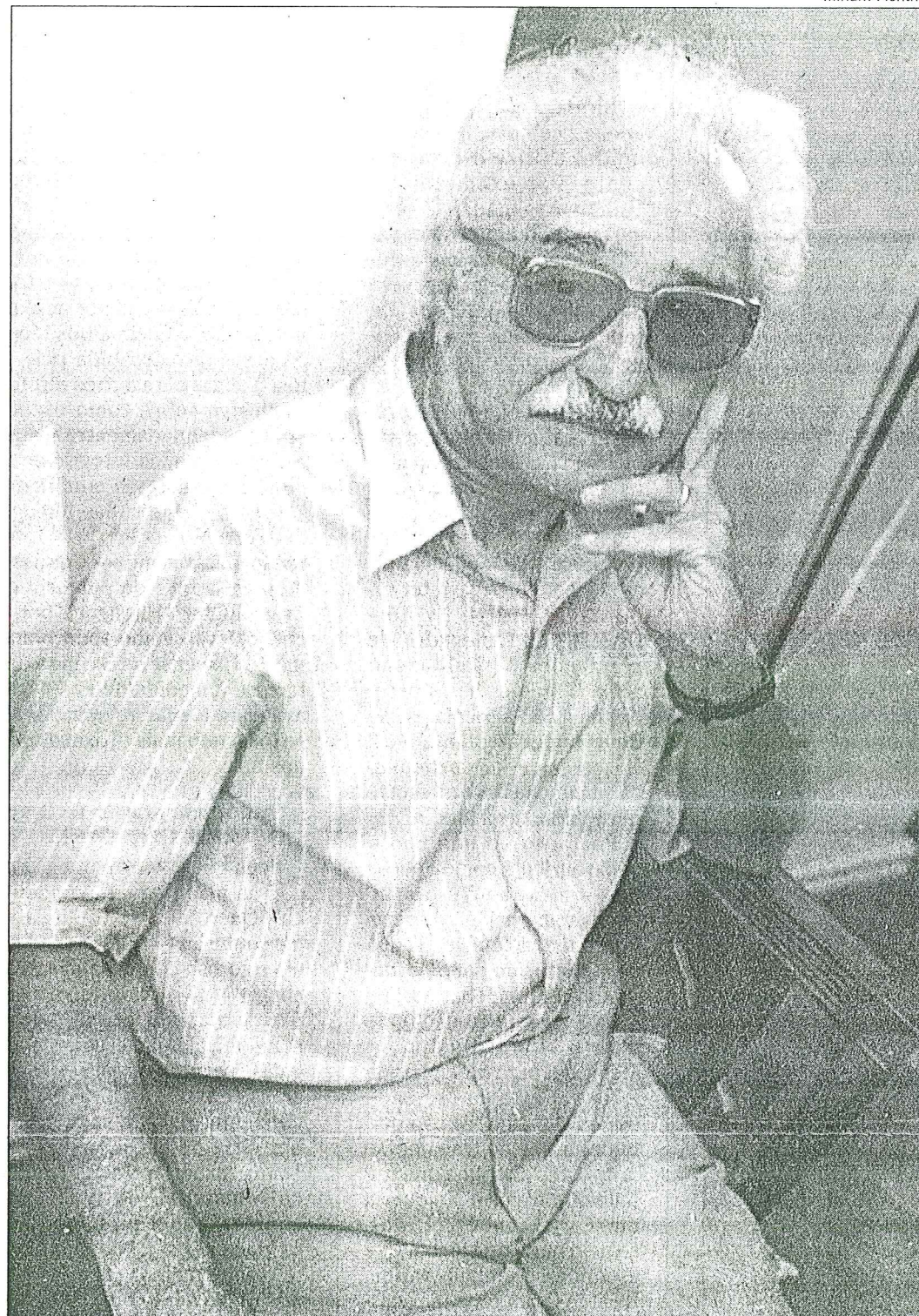
■ Sérgio Medeiros é tradutor



WILSON MARTINS

Olhar francês sobre a nossa poesia

As singularidades biográficas dos autores determinam e tomam o lugar de juízos críticos objetivos



Miriam Fichtner

MANOEL DE BARROS é um dos poetas brasileiros selecionados na coletânea da revista "Europe"

Vista de Paris pela revista "Europe" (nº 827, março de 1998), a poesia brasileira atual é representada por Manoel de Barros, Maria Ângela Alvim, Francisco Alvim, Orides Fontela, Paulo Leminski, Ana Cristina César, Nelson Ascher e Carlito Azevedo, aos quais se acrescentaram, em benefício das perspectivas históricas, os nomes de Manuel Bandeira e João Cabral de Melo Neto. Essa é a seleção de Pierre Rivas e Michel Riaudel no "Cahier de création" intitulado "Regarde sur la poésie brésilienne" das três últimas décadas, isto é, de 1968 aos nossos dias.

Manuel Bandeira foi incluído, com a "Evocação do Recife", como "poeta tutelar" que, por sua mera presença, oferece alguma coisa como "uma espécie de garantia genealógica". Quanto a João Cabral de Melo Neto, é, simplesmente, "o maior poeta brasileiro vivo", embora os anos 70 tenham procurado "libertar-se do seu peso considerável e intimidante". Na história literária, o concretismo foi a "última manifestação da utopia vanguardista que radicalizou ao extremo a tradição da modernidade".

Nesse quadro, nomes como os de Paulo Leminski e Ana Cristina César serviriam para documentar o malogro dos aludidos anseios de modernidade, mais do que a implantação de novas tendências e renovação estética: é, antes, a monótona similitude que os distingue, se assim me posso exprimir. São dois casos em que as singularidades biográficas (como, aliás, as de Manoel de Barros) determinam e tomam o lugar de juízos críticos objetivos. Em conjunto, esses poetas marcam, de fato, uma mudança de guarda, depois das experiências retóricas da geração de 45 e dos exercícios tipográficos do concretismo.

O enquadramento de Nelson Ascher e Carlito Azevedo pode exemplificar o momento em que os dominantes e os recessivos da genética literária se confundem nos ritos de passagem e amadurecimento. Nas palavras de Pierre Rivas e Michel Riaudel, eles representam, "cada um à sua maneira, um contingente mais jovem, no qual a aceitação de tais ou tais legados acompanha-se de um certo distanciamento, ou mesmo de liquidação. O primeiro parece tentado, antes, por um formalismo sutil, 'uma combinação *sui generis* de concretismo e parnasianismo', como já se escreveu a seu respeito por alusão a um movimento literário brasileiro contra o qual, justamente, o modernismo se havia afirmado com violência. (...) Paradoxal e deliberadamente ácida, a trajetória de Nelson Ascher faz dessa maneira o cruzamento da vanguarda com o classicismo, para regenerá-los e desnaturá-los".

Carlito Azevedo, de seu lado, revela igual comando técnico no verso e na desarticulação da sintaxe: "Com

um refinamento que se aproxima de certas formas do maneirismo, ele relança o debate proposto pelo horaciano *Ut pictura poesis*, abordando-o em sua dimensão a mais estetizante possível". É fácil perceber o ar de família que identifica uns aos outros os poetas selecionados, o que tanto pode indicar, e certamente indica, a sensibilidade comum aos membros da mesma geração, como a influência imitativa que exercem entre si (o que vem a dar no mesmo, mas faltaria, na última hipótese, a autenticidade que haveria na primeira). Há um certo modismo de expressão e dicção que lhes ofusca, por inesperado, a originalidade que deveria, ao contrário, diferenciá-los entre si. Mas, se, como já disse, os estrangeiros são, para cada literatura, os contemporâneos do futuro, vale a pena ler esses poetas menos pelo que são do que pelo que poderão vir a ser.

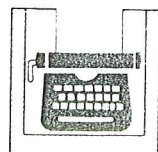
O que não exclui a atenção que se deve a alguns que, por serem contemporâneos nossos, ainda não obtiveram o interesse que merecem, como João Manuel Simões ("Cadeira vazia". Ponta Grossa; Editora da UEPG, 1997), José Alcides Pinto ("Silêncio branco". Fortaleza: Livraria Gabriel, 1998) e Álvaro Pacheco ("Solstício de inverno". Rio: Topbooks, 1998). Este último, como se sabe, é poeta cosmopolita e universal, familiar de países e cidades, de paisagens estranhas e de várias humanidades. Tais impulsos levam-no a escrever também em inglês (muitos poemas com correspondentes em português), curioso hibridismo que o situa, ao mesmo tempo, fora dos dois territórios poéticos. Ele é notavelmente feliz na criação em duas línguas, mas recebê-lo como poeta de uma delas implica recusá-lo na outra: "Este homem", escreve num dos seus belos poemas, "estará para sempre condenado,/ não existe caminho/ por onde lhe escape o destino".

José Alcides Pinto é poeta de imaginação vulcânica e claro tropismo surrealista de visão (v. Floriano Martins, org. "Fúrias do oráculo (Uma antologia crítica da obra de José Alcides Pinto)". Fortaleza: Casa de José de Alencar, 1996). Neste volume, o poema "Augusto Frederico Schmidt" está entre os belos e nobres de nossa literatura, a mais alta homenagem jamais escrita não só a seu respeito, mas a respeito de qualquer outro: "Um poeta com a alma de Antônio Nobre na pele. (...) Meu coração, em louca disparada, atravessa o Aterro do Flamengo./ Chove em que país? Em que lugar do mundo? De súbito a escuridão no meio do trânsito: o poeta Augusto Frederico Schmidt acaba de morrer".

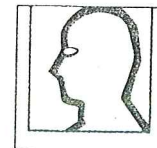
João Manuel Simões traz no sangue a educação poética e lingüística ancestral, e na alma a nostalgia de um mundo perdido, fonte da melhor poesia de nossa literatura: "É sempre dia, e há sol,/ na minha doce/ infância, quando a lembro./ devagar,/ nós plainos da memória./ Embora fosse/ melhor, talvez, ser noite/ e haver luar".

■ No livro 'Poética do pós-modernismo', a ensaísta americana Linda Hutcheon tenta dissecar um dos conceitos mais polêmicos da cultura contemporânea.

Página 6



Livros



■ O romancista americano William Styron, autor de 'A escolha de Sofia', faz um impressionante relato de seu mergulho no abismo da depressão em 'Perto das trevas'.

Página 7

"Se eu fosse viver de poesia, estava na sarjeta. Trabalho intelectual neste país é sinônimo de vagabundagem,"



"Sou complicado, minha linguagem é erudita. Busco as fontes primordiais do homem em minha poesia,"

Manoel de Barros: "Estou tentando desaprender oito horas por dia para chegar à ignorância. Quero escrever um livro em linguagem de criança"

ENTREVISTA/ Manoel de Barros

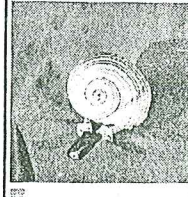
Poeta busca estética do ordinário

ISABEL CRISTINA MAUAD

A sua voz chega clara, atenciosa. De sua casa em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, o poeta Manoel de Barros, de 74 anos — 61 de poesia — consente em falar ao GLOBO. Mas ele logo reclama: "Responder por telefone? Não gosto de telefone. Se for complicado, não respondo". Respondeu. Sem

CONCERTO
A CÉU ABERTO
PARA SOLOS DE AVE

Manoel de Barros



de gado, aposentado há cinco anos. João tem muita sensibilidade, é meu crítico principal. Se ele não me disser que está bom, não entrego ao editor. O mesmo em relação à minha mulher, Stella, minha filha Marta e meu outro filho, Pedro. A família toda tem que ler. Atualmente, estou na maior vagabundagem, por conta de mim mesmo.

O GLOBO — O senhor, que foi chamado de "maior poeta vivo do país" por Drummond, vive de poesia?

BARROS — (Risos) Já me contaram isso do Drummond. Se eu

DOIS POEMAS

Prefácio

Assim é que elas foram feitas (todas as coisas) — sem nome.
Depois é que veio a harpa e a fêmea em pé.
Insetos errados de cor caíam no mar.
A voz se estendeu na direção da boca.
Caranguejos apertavam manguês.
Vendo que havia na terra dependimentos demais
E tarefas muitas —

O GLOBO — Mas este velho, seu personagem, não tem a ver com o senhor?

BARROS — No final da "Introdução a um caderno de apontamentos", escrevi: "Por tudo que leio nesses apontamentos, pela ruptura de certas frases, fico em dúvida se esses escritos são meros delírios/ ônticos ou mera sedição de palavras. Metade das frases não pude copiar por ilegíveis". Em um outro livro, escrevi que a poesia é a loucura das palavras. Fico então em dúvida se foram as palavras que enlouqueceram ou se era loucura do

BARROS — Não acho que quem me lê me entende. Aqui em Mato Grosso, por exemplo, sou execrado. Meia dúzia gosta de mim. Minha poesia é erudita, exige colaboração da sensibilidade. Pessoas que gostam de mim estão no Rio, Curitiba, Goiás e, principalmente, São Paulo. Recebo muitas cartas: duas por dia, todas elogiando minha poesia. Mas quem vai pegar uma pena para meter o pau? Quem escreve o faz para manifestar carinho. E a melhor coisa do mundo é se sentir amado.

237
ros, de 74 anos — 61 de poesia — consente em falar ao GLOBO. Mas ele logo reclama: "Responder por telefone? Não gosto de telefone. Se for complicado, não respondo". Respondeu. Sem vacilos ou interrupções, mas afirmando: "Não gosto de entrevista falada. É a primeira que dou, falada assim, principalmente por telefone. Uma vez me enganaram, gravando. Mas eu não briguei. Só gosto de dar entrevistas por escrito, porque elas têm o mesmo valor estético e o cuidado artístico de minhas poesias. Com você, falando assim, estou me sentindo meio ao relento".

"Meio ao relento", o poeta a quem Drummond chamou de "o maior do país" falou sobre sua vida, o momento cultural, o ofício da poesia e seu novo livro: "Concerto a céu aberto para solos de ave", lançado pela Civilização Brasileira. Falou também sobre seu próximo trabalho, em gestação, que vai se chamar "O livro das ignorâncias". E confessou ter medo da morte.

O GLOBO — O senhor é arre-dio a entrevistas, mas se frustra quando lança um livro e nada acontece...

MANOEL DE BARROS — (Risos) Fico mesmo frustrado. Mas depois que lanço um livro, fico com vergonha e fujo — de mim mesmo, do livro. Demoro muito a fazer um, fico bolinando demais as palavras. No final, fico angustiado; mando para o editor e tenho medo até de corrigir as provas. Não me dá mais nenhuma vontade, nenhum prazer. Quero sair para outra. Uma vez fiz esta frase: "Meu gozo e meu prazer é no fazer". Depois que termino, sinto um certo fastio. Não quero mais ler, porque já fiquei muito tempo em cima. Demoro muito mesmo.

O GLOBO — Demora quanto?
BARROS — Ah, às vezes até dez anos ou cinco — e livro pequeno! Meu corpo e minha alma ficam todos entregues. Não paro de fazer até a exaustão. Entre meu livro "Poesias", de 1956, e "Compêndio para uso dos pássaros", passaram-se seis anos. Entre "Gramática expositiva do chão", de 1966, até "Matéria de poesia", levei dez anos. E quando retornei a Mato Grosso, em 1960, depois de morar 40 anos no Rio, trabalhei com outras coisas, arrumei minha vida material. Só fazia anotações, não estava com a cabeça disponível. Tenho feito livros com mais frequência depois que entreguei os negócios para o meu filho caçula, João, de 36 anos. Sou fazendeiro, criador

O GLOBO — O senhor, que foi chamado de "maior poeta vivo do país" por Drummond, vive de poesia?

BARROS — (Risos) Já me contaram isso do Drummond. Se eu fosse viver de poesia, estava na sarjeta. Aliás, eu tinha vocação para a sarjeta, sempre fui boêmio. Trabalho intelectual neste país não é considerado trabalho. Ficar lendo, sonhando, pensando besteira é considerado vagabundagem no Brasil. Todo mundo sabe disso. Ninguém declara sua condição de poeta na carteira de polícia. Se é poeta, tem vergonha de falar. Li outro dia num jornal que uma pessoa foi fazer compra a prestação e declarou ser escritor. Seu cadastro não foi aprovado. Aí disse ser também industrial. E foi aprovado. Achei muito engraçado — e verdadeiro. Não digo que seja impossível viver de poesia, mas para mim é mesmo. Não sei se o Drummond vivia. Acho que não, ele era funcionário público. Não sei de alguém que viveu de poesia. A sociedade ainda não aceita o poeta como profissional. Poesia é vagabundagem.

O GLOBO — O senhor realmente sempre se referiu à poesia como um ato de vagabundagem... É ironia?

BARROS — Claro, é uma ironia. Sinto que poesia é a coisa mais séria, a verdade mais profunda que tem na minha vida. Para chegar mais perto da verdade da gente, a melhor coisa é inventar. A sociedade é que não pensa assim.

O GLOBO — O senhor já classificou João Cabral de Melo Neto como "o maior poeta vivo do Brasil"...

BARROS — Em primeiro lugar, não sei deste negócio de "maior poeta". Não sei como se mede: se com fita métrica, se com computador... Não tenho idéia. Não uso a palavra maior. Disse que o João Cabral é o melhor, por ter uma linguagem absolutamente dele, estilo, maneira de encarar a palavra, de trabalhá-la. Quanto a Drummond, não o conheci, nunca falei com ele. Um rapaz que foi secretário dele, o pintor Dolino, é que saiu espalhando que ele me achava o maior poeta do país. Para mim, nunca disse. Mas eu lhe mandava meus livros. E dele recebi duas cartas muito elogiosas.

O GLOBO — Em relação à sua poesia, sempre dizem que a sua linguagem é simples e direta. Mas há momentos em que ela é complexa, repleta de simbolismos e valores semân-

Insetos errados, como moscas, no mar. A voz se estendeu na direção da boca. Caranguejos apertavam manguês. Vendo que havia na terra dependimentos demais E tarefas muitas — Os homens começaram a roer unhas. Ficou certo pois não Que as moscas iriam iluminar o silêncio das coisas anônimas. Porém, vendo o Homem que as moscas não davam conta de iluminar o silêncio das coisas anônimas — Passaram essa tarefa para os poetas.

Retrato

Quando menino encompridava rios. Andava devagar e escuro — meio formado em silêncio. Queria ser a voz em que uma pedra fale. Paisagens vadiavam no seu olho. Seus cantos eram cheios de nascentes. Pregava-se nas coisas quanto aromas.

ticos subentendidos, como neste novo livro... O senhor escreve, por exemplo, que "o grilo faz a noite menor para ele caber".

BARROS — Acho que você tem razão. Não é uma linguagem simples, popular. Tenho linguagem literária, erudita. Sou complicado. Minha linguagem busca as fontes primordiais do homem, admito. Mas minha poesia tem também muito humor em cima das dúvidas. O homem não tem certeza de nada. Veja por exemplo estes versos: "Mas eu sempre achei muita graça quando as/ pessoas estão falando sério./ Acho que isso é um defeito alimentar." É uma tirada humorística.

O GLOBO — Fale sobre seu novo livro.

BARROS — É a continuação da minha poesia. Não acho diferente. Diz um rapaz que fez um livro sobre a minha poesia — Sérgio Medeiros, que em breve lançará "O dono do poema" — que a minha trajetória é para chegar à infância, desde o meu primeiro livro. De fato, através da palavra, tento chegar aos meus armazéns ancestrais, ao mundo da criança, meu itinerário é justamente este. Estou me voltando cada vez mais para me tornar um menino. Tenho feito muita força para adquirir os traços da inocência. Em outro próximo livro que estou idealizando, acho que vou conseguir. Não tenho título ainda, mas estou querendo colocar "O livro das ignorâncias". Estou tentando de-

saprender oito horas por dia para chegar até a ignorância, até a criança, até a raiz da fala. Pretendo que saia com linguagem de criança. Com um certo susto infantil diante do mundo. Continuo achando que as coisas mais importantes são as mais desimportantes. Não é a poesia que é desimportante. É a minha matéria de poesia. Não trabalho com o celestial, nem com o sideral, nem com o insigne, nem com o conspícuo. Trabalho com o ordinário. Minha estética, alguém chamou de estética da ordinariedade. Concordei.

O GLOBO — Por que, no novo livro, a epígrafe "Devo falar agora de mim, isso seria um passo na direção do silêncio..." , de Samuel Beckett? Sua poesia caminha para o silêncio?

BARROS — A epígrafe é do velho que fez o "Caderno de apontamentos" e deixou o manuscrito com o neto. Ele morava na árvore, pressentindo, enquanto fazia os apontamentos. Conheceu esta frase de Beckett e a colocou. A direção do silêncio é a morte. Nunca fiz poema diretamente falando de mim, na primeira pessoa. Os versos que se referem ao velho são todos na primeira pessoa. O velho tem versos insanos, quando começa a ficar doente da cabeça. Ele estava ensandecido, por exemplo, quando escreveu "Eu vi um êxtase no cisco!". Este verso é o coroamento do desimportante. Diz também "Vi uma água viciada em mar!", e coisas assim.

seução de palavras. Metade das frases não pude copiar por ilegíveis". Em um outro livro, escrevi que a poesia é a loucura das palavras. Fico então em dúvida se foram as palavras que enlouqueceram ou se era loucura do velho. É evidente que quero falar em morte: o velho está morrendo, ficando fraco. É uma preocupação minha, a morte. Tenho 74 anos. Qualquer pessoa tem preocupação com a morte, sobretudo em idade avançada.

O GLOBO — Fale sobre a incorporação de elementos visuais na sua poesia.

BARROS — Pouca gente está entendendo isto. A capa e as vinhetas são do Siron Franco, que uma vez esteve no Mato Grosso e me telefonou. Então, quando o livro estava pronto, mandei para ele. O olho no caracol e no alicate que sai do caracol, penso eu, ele se baseou no verso de um outro livro que diz "O alicate cremoso". Pessoalmente, acho que ele atingiu o núcleo da minha poesia.

O GLOBO — Qual é sua avaliação da poesia concreta?

BARROS — Não gosto. Não me toca. Não tenho nem competência para falar mal. Não fui capaz de entender e nem sentir este tipo de arranjo de sílabas sem a devida atenção à semântica. Pode ser culpa minha. Já estou meio atrasado em relação à guriçada. De rock, por exemplo, não entendo nada e meus netos gostam. Fecho a porta para não ouvir. A mim não faz gosto. Só isso.

O GLOBO — Além de João Cabral, que poetas o senhor aprecia?

BARROS — Adélia Prado é uma grande poeta, porque tem uma relação erótica com Jesus Cristo. Francisco Alvim, que mora em Brasília, diplomata, é um grande poeta. Conseguiu atingir um verso muito depurado, sem sofisticação. Na prosa, o melhor em atividade é o Dalton Trevisan. É sucinto, enxuto e tem estilo absolutamente dele. Admirei muito Guimarães Rosa. Tivemos uma ligação muito importante, quando nos conhecemos, no Pantanal. O contista João Antônio também é bom. Quem escreve muito bem também é o Millôr Fernandes. Conhece muito a linguagem, tem sensibilidade.

O GLOBO — O senhor julga que o público entende sua poesia?

quem vai pegar uma pena para meter o pau? Quem escreve o faz para manifestar carinho. É a melhor coisa do mundo é se sentir amado.

O GLOBO — Então a exaltação da natureza em seus livros não o afasta do público urbano?

BARROS — Não afasta. O que domina o poeta, o que faz com tenha algum valor, não é o substrato da natureza, é a linguagem, a maneira de dizer as coisas. A natureza é muito velha. Encarada como linguagem nova, não afasta ninguém. Hoje, então, a humanidade está com muita sede de se aproximar de novo da natureza. A natureza é a mãe, a primeira coisa. Quem foge dela está roubado. Mas já fiz poesia mais urbana, da época em que morava aí no Rio, estudante. Meus três primeiros livros são urbanos. Tenho muito do Rio, do mar... Tive o choque do "bugre", do índio quando vê o mar... Vem a onda e ele começa a correr.

O GLOBO — Como o senhor vê o atual momento cultural? O Estado deveria subsidiar a cultura?

Manoel de Barros — Principalmente cinema e teatro. Quem tem vocação para diretor deste tipo de arte e é pobre não se realiza. O poeta, não. Se conseguir sobreviver, não. Temos o exemplo de Machado de Assis: preto do morro, com uma vocação tão fabulosa que passou por cima de tudo, conseguiu sobreviver e é ainda hoje o maior escritor de língua portuguesa. Ele e Guimarães Rosa, sem contar os portugueses Antônio Vieira e Camilo Castelo Branco, meus formadores.

O GLOBO — Só há cerca de quatro anos o senhor passou a ser mais conhecido do grande público. A que atribui isto?

BARROS — Sou o culpado. Absolutamente culpado. Não tenho convivência com intelectual, nunca tive. É questão de temperamento. Sou muito tímido, reservado, tenho muito medo e pudor de aparecer. Agora, você me pegou em boa hora. Estou entendendo que preciso ajudar a editora na divulgação do livro. Antigamente não pensava nisso. Hoje acho que uma entrevista pode ser uma obra de arte. Sempre será boa quando eu responder por escrito, porque assim ela se incorpora às minhas obras completas. Falada assim, não há o calor da palavra escrita, que me recolhe e agasalha. Eu sinto meio ao relento.

CADERNO 2



Ignácio de Loyola lança antologia de contos. Pág. 2



Lisette Lagnado abre a mostra 'Ready Made'. Pág. 8



Calvin está na página 4

ANO VIII NÚMERO 2.404 □ QUARTA-FEIRA, 8 DE SETEMBRO DE 1993

Novos poemas de Manoel de Barros ganham edição de luxo

A Civilização Brasileira lança em outubro, para colecionadores, a coletânea 'O Livro das Ignoranças', com os escritos mais recentes do poeta, em edição luxuosa preparada por José Mindlin

SÉRGIO MEDEIROS
Especial para o Estado

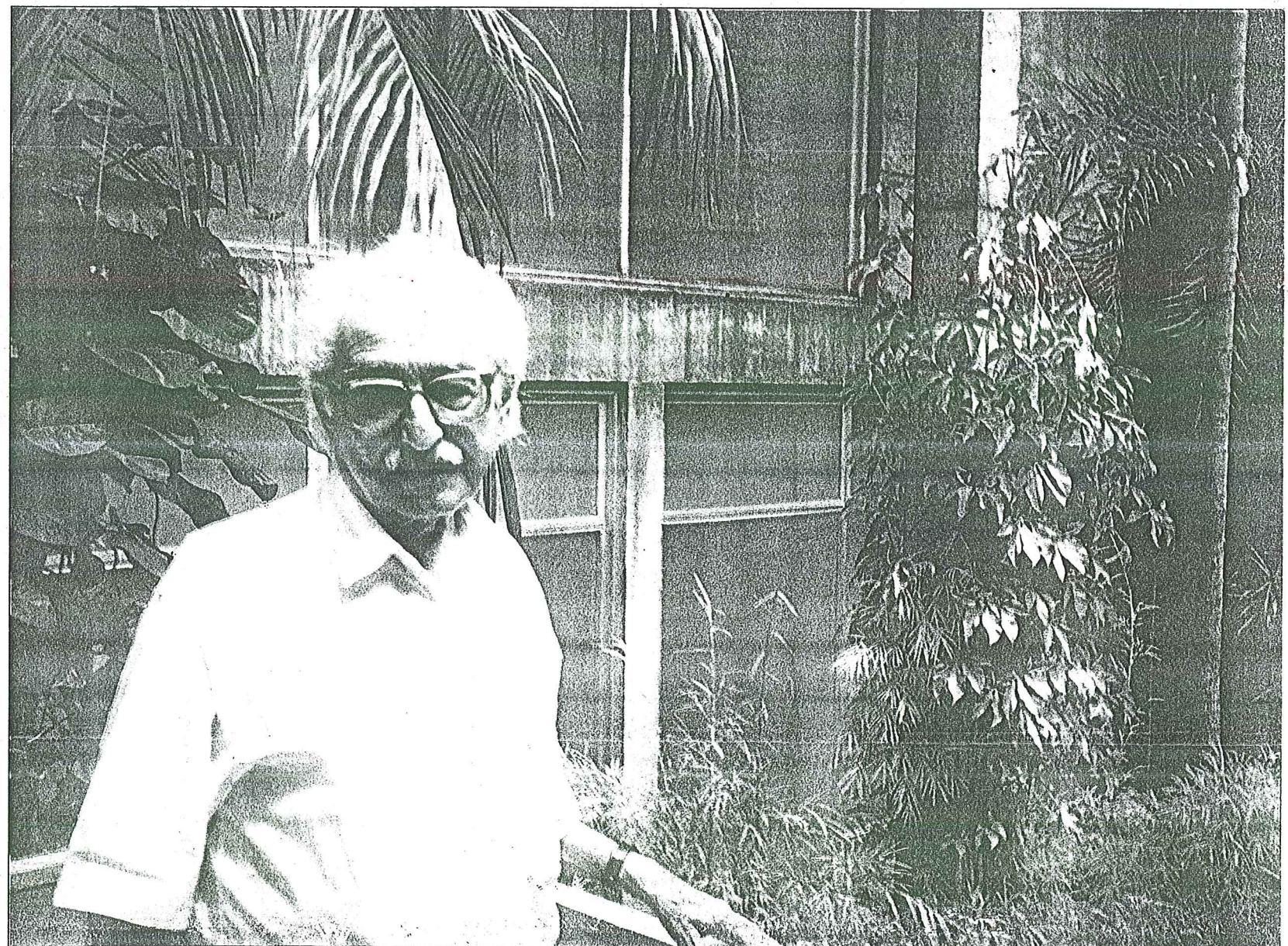
Sentado na sala de sua casa de campo em Campo Grande (MS), o poeta Manoel de Barros, 77 anos, declara: "Perdi o medo da decrepitude". "Esqueci a idade, sinto que ainda conservo minha capacidade de invenção, minha sensibilidade..."

O poeta não aceita gravar entrevista, mas se mostra empolgado em conversar sobre sua nova coletânea de poemas — *O Livro das Ignoranças* —, que a editora Civilização Brasileira coloca nas

estão presentes em cada poema do *Livro das Ignoranças*, uma obra que, antes de ser publicada, já está proporcionando gratas surpresas ao autor. "Aconteceu uma coisa inesperada para um poeta brasileiro: o editor me deu uma importância adiantada pelo livro — recebi isso como uma revelação, como um sinal de que o livro agradará mais do que os outros que escrevi."

Em anos anteriores, cada vez que publicava um novo livro, Manoel de Barros se refugiava em sua fazenda no Pantanal, incerto quanto ao valor artístico de seu

AUTOR



Manoel de Barros, que prefere cartas a telefone, gravadores e televisão: "Sinto que ainda conservo minha capacidade de invenção"

entrevista, mas se mostra empolgado em conversar sobre sua nova coletânea de poemas — *O Livro das Ignorâncias* —, que a editora Civilização Brasileira coloca nas livrarias em novembro. Em outubro sairá uma edição luxuosa de 300 exemplares destinada a colecionadores e que está sendo preparada por José Mindlin, dono da idéia. Mindlin visitou Barros recentemente para lhe apresentar o projeto da edição especial. Foi um encontro frutífero.

“É um homem muito puro, simples, não faz pose”, conta o poeta, que está decidido a trocar com o bibliófilo paulista uma intensa correspondência. “A cada mês escreverei ao Mindlin uma carta com três versos inéditos. Ao final de três anos ele terá em mãos um novo livro de poesia”, diz. “Mas já lhe avisei que os versos não serão publicados necessariamente na mesma ordem em que eu os for remetendo: meus versos são independentes uns dos outros e podem ser montados no poema de diversas maneiras — é assim que eu crio, deslocando as frases no papel.” Barros garante que aceitará sugestões de Mindlin. “Discutirei com ele o arranjo das estrofes. Estou entusiasmado, isso me permitirá compreender melhor minha própria criação poética.”

Para Manoel de Barros, escrever cartas não constitui apenas uma estratégia para driblar o telefone, aparelho que ele detesta tanto quanto gravadores ou câmeras de televisão. Durante meio século, o poeta escreveu cartas semanais à mãe, contando-lhe detalhes de sua vida e de seu fazer poético. Esse hábito só foi interrompido quando sentiu a ausência de um interlocutor ideal, que ele agora reencontrou em José Mindlin. A ele não revelará, porém, fatos de sua vida pessoal, restringindo-se aos temas estéticos. “Meu gozo é escrever versos”, explica Manoel de Barros, “pois é através do verso que me uno aos ancestrais”.

Esses ancestrais — a água, a pedra, a árvore, o lagarto —

Em anos anteriores, cada vez que publicava um novo livro, Manoel de Barros se refugiava em sua fazenda no Pantanal, incerto quanto ao valor artístico de seu “vôo fora da asa” — é assim que ele define a criação poética. Agora, porém, está convencido de que seu “delírio frásico” mais recente não o desonra como poeta — pelo contrário, ele vê no *Livro das Ignorâncias* a culminância de 60 anos de labor poético. “Atingi o meu ideal”, arremata com um sorriso travesso, que anuncia vãos ainda mais ousados no futuro.

Na edição comercial do novo livro constará o seguinte aviso: “A sair — *No Sertão do Pantanal: Conversamentos com J. Guimarães Rosa*”, fórmula que Manoel de Barros encontrou para se obrigar a colocar no papel o diálogo imaginário que há anos vem mantendo com o escritor mineiro, de quem tem sido um leitor fiel, desde que o descobriu através das páginas de *Sagarana*.

AUTOR PROMETE TERMINAR DIÁLOGO IMAGINÁRIO COM GUIMARÃES



Manoel de Barros, que prefere cartas a telefone, gravadores e televisão: “Sinto que ainda conservo minha capacidade de invenção”

Dois poemas inéditos

■ *Um besouro se agita no sangue do poente.
Estou irresponsável de meu rumo.
Me parece que a hora está mais cega.
Um fim de mar colore os horizontes.
Cheiroso som de asas vem do sul.
Eis varado de abril um martim-pescador!
(Sou pessoa aprovada para nadar?)
Quero apalpar o meu ego até gozar em mim.
O açucenas arregaçadas.
Estou só e socô.*

■ *Passa um galho de pau movido a borboletas:
Com elas celebro meu órgão de ver.
Inclino a fala para uma oração.
Tem um cheiro de malva esta manhã.
Hão de nascer tomilhos em meus sinos.
(Existe um tom de mim no anteceder?)
Não tenho mecanismos para santo.
Palavra que eu uso me inclui nela.
Este horizonte usa um tom de paz.
Aqui a aranha não denigre o orvalho.*



O poeta em sua fazenda no Mato Grosso do Sul: antigo refúgio para o que chama de “vôo fora da asa”

Obra se iguala em ousadia a ‘Arranjos para Assobio’

No ano de 1922, quando os artistas modernistas se reuniam em São Paulo para promover a famosa semana que revolucionou a cultura brasileira, choveu intensamente no Pantanal sul-mato-grossense e tudo ficou submerso, durante três dias e três noites. Um homem chamado Apuleio, ex-cabo do Exército e pessoa de poucas luzes, embarcou numa frágil canoa e deslizou tranquilamente sobre as águas, descobrindo-se subitamente poeta quando o delírio da fome sobreveio. “Ontem choveu no futuro”, declara profeticamente, ao articular seu primeiro verso, que é logo depois anotado num caderno de armazém, caderno esse que, em 1993, chegou às mãos de Manoel de Barros. Um achado inestimável, percebe o poeta, enquanto copia as frases do caderno.

A partir dessa situação, Manoel de Barros escreveu 170 versos, distribuídos em 21 poemas, dos quais dois são publicados com exclusividade pelo *Estado*. “Meus versos são independentes entre si e se sustentam sozinhos, mas eles, apesar disso, também contam uma história, transmitem uma vivência”, explica o poeta. “Cada poema meu é uma colagem, uma reunião de fragmentos.”

Poesia do caos? Poesia onírica? Nada disso. Esses fragmentos (cada verso é uma oração completa) são montados cuidadosamente no papel e visam sugerir ora o crescimento das águas, ora o seu escoar, ao mesmo tempo que o seu ritmo repetitivo recria o bater monótono do líquido no casco da “casa modernista” do canoeiro do Pantanal.

Contrariando essa regularidade rítmica encantatória, imagens inesperadas surgem e desaparecem em cada verso, feito laivos fugazes do sol e das estrelas na água: o “delírio frásico” apregoado como ideal estético por Manoel de Barros não se confunde, como se vê, com metaforização surrealista do verso (coisa que o poeta abomina), mas se revela, ao contrário, como um jogo intrincado entre textura imagética e a textura sonora.

“Sou um poeta da visão, do olho”, declara Manoel de Barros. “Mas me impus um desafio — uma paisagem pobre, invariável, a água e o céu: me surpreende ter vislumbrado tanta coisa nesse cenário limitado...” Aquilo que o poeta buscava — o deslimite da palavra, transformada em som mítico e inaugural — foi sem dúvida alcançado no *Livro das Ignorâncias*, obra que se iguala em ousadia a *Arranjos para Assobio* (1980), na opinião dos críticos a melhor coletânea de poemas de Manoel de Barros. (S.M.)

REVELANDO SEU
FILME NAS LOJAS
FOTOPTICA,
VOCÊ GANHA UMA
FITA VIRGEM.
VENHA SER
O PRIMEIRO

ESTA PROMOÇÃO É VÁLIDA
SOMENTE HOJE.
FITA ÁUDIO HIPPONIC



BRASÍLIA

8h30 12h00 20h00

Saídas de Congonhas - SP

TAM
Um estilo de voar

PROSA & VERSO

Um poeta em plena infância

Manoel de Barros usa as lembranças de menino no novo livro e se diz mais 'coisificado'

Retrato do artista quando coisa, de Manoel de Barros. Editora Record, 84 páginas. R\$ 14.

Mànya Millen

Ele nasceu numa fazenda no Pantanal, cresceu no Rio, viveu dias ligeiramente perigosos como comunista, andou peregrinando pela Bolívia "como um hippie" — isso muitas décadas antes dos hippies surgirem — e chegou a morar um ano em Nova York, onde viu "as novidades do mundo" e fez cursos de pintura e cinema. Agora, do alto de seus 81 bem-vividos anos, o poeta Manoel de Barros se diz acometido de um delicioso ataque de "infância". A palavra, que ilumina o rosto do pantaneiro durante a entrevista — "Acabei de inventá-la. E gostei", confessa esse "desinventor" de palavras — é também aquela que pode resumir a essência de seu novo livro, "Retrato do artista quando coisa", que chega hoje às livrarias, dois dias depois de o poeta ter recebido, numa festa no Teatro Municipal, o Prêmio de Poesia do Ministério da Cultura pelo conjunto de sua obra.

— O adulto carrega sempre a criança dentro dele, é ela quem o enriquece e eu tenho esse lastro — afirma Manoel, que veio ao Rio para receber o prêmio de R\$ 25 mil, mas, fazendo jus à sua timidez, não planejou noite de autógrafos. — Esses meus novos poemas contêm mais as lembranças provocadas pela infância, das minhas memórias da terra, do Pantanal, pois os velhos esquecem as coisas mais recentes. Mas eu não acho ruim não. Cada livro mostra uma fase distinta, tanto da minha linguagem como da minha vivência. E essa vivência hoje é a infância.

Constituída pelo que ele chama de dois poemas longos, "Retrato do artista quando coisa" e "Biografia do orvalho", esta é a primeira obra do poeta desde "Livro sobre o nada", de 1996, com o qual ele ganhou o Prêmio Nestlé de Poesia, um dos muitos reconhecimentos pela sua escrita.

— Prêmio é um reconhecimento da obra sim, já ganhei muitos, mas não dou valor muito valor a eles. Só apareço nos prêmios que dão dinheiro.



Ana Branco

SOBRE MEU CORPO SE DEITOU A NOITE (COMO SE eu fosse um lugar de paina).

*Mas eu não sou um lugar de paina.
Quando muito um lugar de espinhos
Talvez um terreno baldio com insetos dentro.
Na verdade eu nem tenho ainda o sossego de uma pedra.*

*Não tenho os predicados de uma lata.
Nem sou uma pessoa sem ninguém dentro —
feito um osso de gado*

*Ou um pé de sapato jogado no beco.
Não consegui ainda a solidão de um caixote —
tipo aquele engradado de madeira que o poeta
Francis Ponge fez dele um objeto de poesia.*

*Não sou sequer uma tapera, Senhor.
Não sou um traste que se preze.
Eu não sou digno de receber no meu corpo os
orvalhos da manhã.*

SENTADO SOBRE UMA PEDRA ESTAVA O HOMEM desenvolvido a moscas.

*Ele me disse, soberano:
Estou a jeito de uma lata, de um cabelo, de um
cadarço.*

*Não tenho mais nenhuma idéia
sobre o mundo.*

*Acho um tanto obtuso ter idéias.
Prefiro fazer vadiagem de letras.*

*Ao fazer vadiagem com letras posso ver quanto
é branco o silêncio do orvalho.*

Poemas do livro "Retrato do artista quando coisa", de Manoel de Barros

Depois de tanto fuçar aqui e ali, seja acompanhando o trajeto histórico de cada palavra no dicionário, seja observando essas mesmas palavrinhas nas obras de seus companheiros de ofício, Manoel conta que, de repente, lhe "ocorrem umas bobagens".

— Eu estou trabalhando com a palavra e aí me vem uma idéia. E por isso não acredito em inspiração, acredito em trabalho — afirma ele, ca-